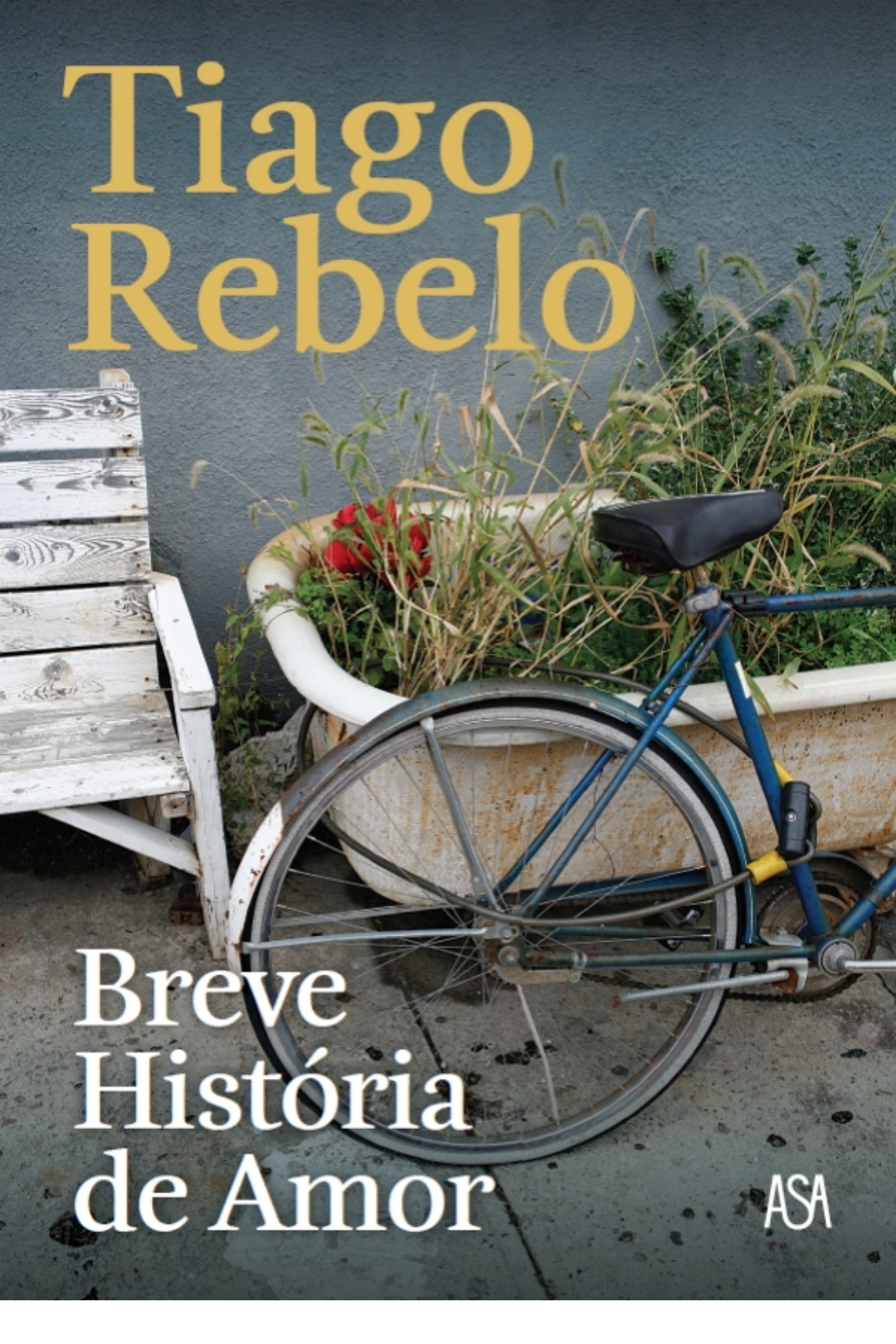


Tiago Rebello

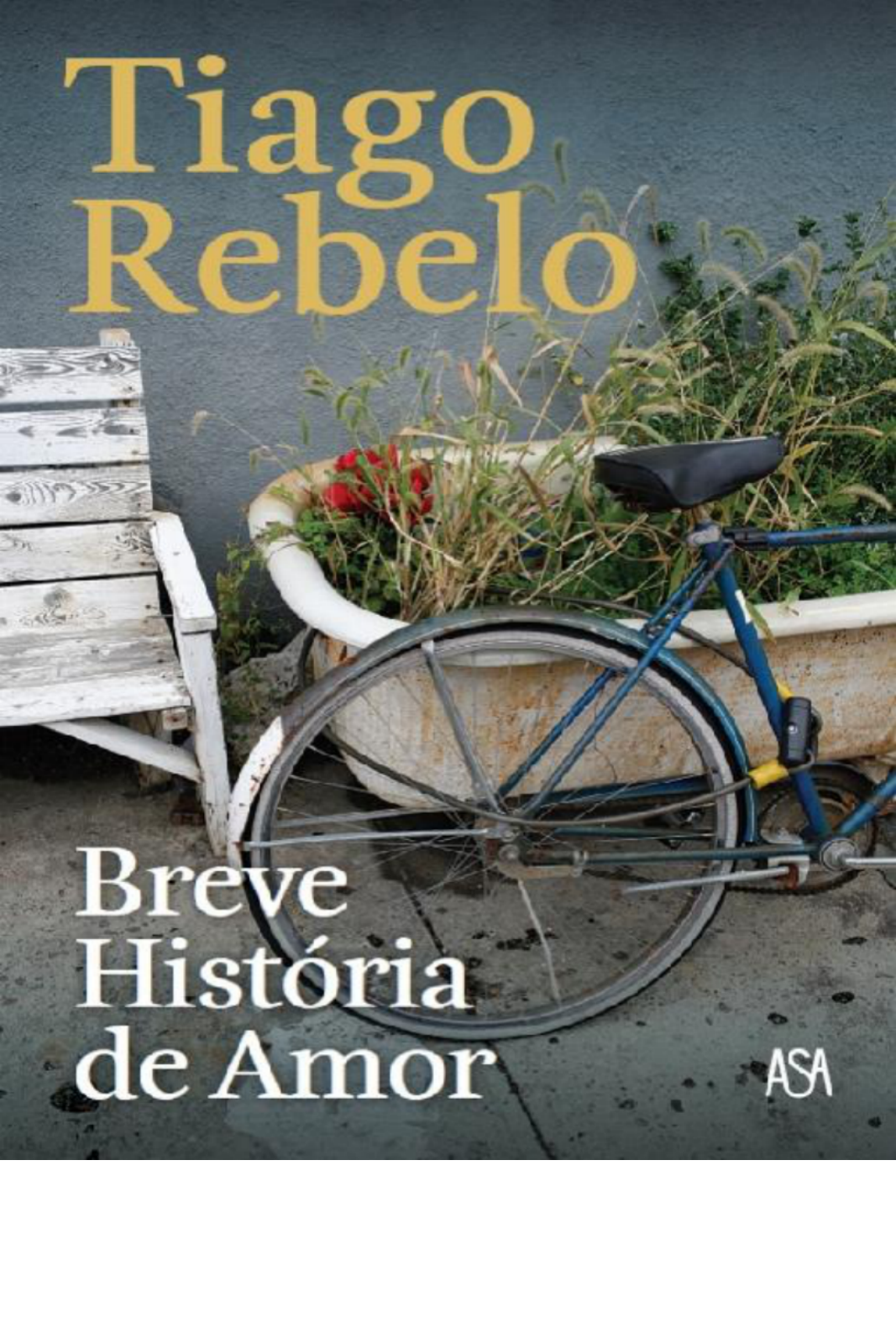


Breve
História
de Amor

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Tiago Rebelo

Breve
História
de Amor

ASA

Ficha Técnica

Título: Breve História de Amor

Autor: Tiago Rebelo

Revisão: Ana Lúcia Parga

ISBN: 9789892312385

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© Tiago Rebelo e Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Primavera

Ela passou o sábado ocupada a tratar da roupa, mudar os lençóis das camas, aspirar, enfim, a fazer o que vai ficando para trás durante a semana, entre o emprego e o filho. Hoje, como ele foi para casa do pai, aproveitou. Mas quando a luz do dia acaba e se senta sozinha na sala, a penumbra e o silêncio trazem uma melancolia. De modo que decide sair, ver gente, tomar um café.

Na rua, vai caminhando devagar, apreciando o perfume da Primavera. Pára por momentos, atraída por uma montra. Ele cruza-se com ela nesse momento e vê-a a sorrir sozinha, a olhar para a montra, mas não percebe a razão. Foi porque achou graça a uma bola de vidro, daquelas que neva se for agitada.

Mais à frente, ele dá com uma esplanada e pára a ponderar. Há uma mesa livre e o ambiente é convidativo. A noite está amena e as pessoas conversam animadamente ali à beira do movimento tranquilo do bairro. Pensa não tenho pressa para nada, encolhe os ombros instintivamente e resolve ficar.

Já na esplanada, ela repara numa mesa vazia e, ao passar por ele, vê-o avançar também para a mesa. Sorriem um para o outro, constrangidos. Quer sentar-se?, pergunta ele. Não, deixe estar, responde ela. Parece que não há mais nenhuma livre, diz ele, podemos ficar os dois nesta, se não se importar. Ela hesita um segundo, mas aceita.

Apresentam-se, pedem cafés, falam do tempo maravilhoso que faz. Depois descobrem que moram no mesmo bairro e cresceram na mesma escola, embora não se lembrem um do outro. Ela refere que tem um filho, que hoje está com o pai. Ele mostra-lhe a mão aberta, sem aliança e diz eu ainda nem sequer casei.

Passou uma hora e, repentinamente, ela anuncia que tem de ir. Contudo, de regresso a casa, pensa que gostou dele e recrimina-se por ter cedido aos receios, por se ter afastado, por não se querer apaixonar com medo de sofrer. Já ele, pensa que estúpido, nem sequer lhe pedi o contacto! E, num impulso, vai atrás dela. Percorre dois quarteirões a correr, sem a descobrir, volta para trás, lança um olhar em redor e dá com ela no passeio do lado de lá. Atravessa a rua, chama-a, alcança-a quase sem fôlego.

Ela vira-se, surpreendida, e ele a rir-se, a arquejar, pede-lhe só um bocadinho para recuperar. Que foi?, pergunta-lhe, divertida. É que não me deu

o seu número de telemóvel e podem passar mais vinte anos sem nos voltarmos a cruzar. Ela solta uma gargalhada, dá-lhe o número, diz-lhe adeus outra vez. Deixa-a ir com um aceno cansado, encosta-se a um carro, grava o número e liga-lhe. Ela acabou de virar a esquina, abana a cabeça, atende.

E já agora, diz ele, como estamos os dois sozinhos, não quer vir jantar comigo?

Química

A festa vai adiantada quando ele chega. Dirige-se para o exterior da casa. Lá fora, o chão do jardim foi coberto com areia, a fazer lembrar a praia numa noite de Verão. A música toca alta. Os efeitos de luzes projectam nas paredes as sombras dos convidados, como se fossem gigantes. Ele fica ali parado um instante, adaptando-se ao ambiente, de uma luminosidade vermelha pontuada por flashes brancos.

Ela está numa roda de amigos. Descobre-a a rir-se duma piada de alguém. Como se algo a atraísse, volta-se para trás, repara nele, demora um bocadinho mais do que o necessário a desviar os olhos. E, nesse entretanto, não desarma o sorriso. Depois faz um gesto com a mão, levando-a ao cabelo, destapando o pescoço, virando-se então novamente de costas.

Ele dirige-se ao bar, uma mesa junto à parede, onde há garrafas, copos, gelo. Serve-se de uma bebida. Dali a pouco, ela dá por ele ao seu lado, cumprimentando amigos comuns que festejam a sua chegada. São apresentados, ou apresentam-se simplesmente, quando ele decide falar a todos, conhecidos e desconhecidos, até chegar à vez dela. Ela toma nota mentalmente dos traços dele, da cor dos olhos, do timbre da voz, do perfume agradável. Ele regista igualmente todos os pormenores dela.

Começam a falar a propósito de qualquer coisa, algum pretexto que ele aproveitou e a que ela correspondeu. Em breve o grupo dispersa, mas eles continuam, só os dois, sentados em cadeiras de ferro, num canto discreto. Agora ele já sabe coisas que ela não costuma dizer a ninguém. Em compensação, ela também lhe ouviu alguns segredos. São dois estranhos que, por alguma razão, se abrem um ao outro, talvez na ânsia de se conquistarem.

Sou divorciada, revelou-lhe. O meu ex arranjou outra, por isso não se iluda, porque me tornei muito cautelosa.

Ele sorriu, absorvendo a mensagem. Também sou, disse, mas ninguém arranjou outro, nem outra. Filhos?

Nããão. Você?

Um.

A festa esmorece, os convidados vão saindo, eles ficam para o fim. Gostaram da companhia e deixaram-se estar. Mas o tempo corre e, com o dia quase a nascer, a música acabou e chegou o momento de se separarem. Ele

acompanha-a ao carro, despedem-se, ela parte. Ele guardou o seu contacto e vai para casa a recapitular cada momento, cada palavra, cada informação. Ela também. Ele leva um sorriso nos lábios. Ela também.

Ao início da noite eram duas almas toldadas pelos seus fracassos pessoais, pelos casamentos falhados. Porém, ao final da noite são duas pessoas surpreendidas e com esperança no dia seguinte.

Destino

A carruagem vai quase vazia. Sozinha, de cabeça baixa, escondida atrás de uns óculos de sol enormes, ela não quer falar nem olhar para ninguém. Tem um cabelo revoltado, caracóis escuros que se desenrolam até aos ombros. Vai para Londres, cumprindo a sua rotina de há poucas semanas. Aproveitou uma oportunidade de trabalho que andava a adiar por amor. Mas agora já nada a prendia a Lisboa. Trocou o número do telemóvel, ignora a net, já não vê o Facebook, desligou-se do mundo. Partiu.

Partiu, mas uma parte de si ficou em Lisboa, alguém que não esqueceu. A distância é uma coisa boa, mas não chega. Pode ter vindo para longe, mas as recordações dolorosas vieram com ela, porque a memória não se desliga como o telemóvel ou o computador. A tristeza, a desilusão, só esmorecem com o tempo, sabe-o bem, mas isso não a ajuda mais. O tempo custa a passar. Passou um mês e uma semana – anda a contá-los contra a sua vontade – e, no entanto, lembra todos os dias com a impressão de que foi ontem.

Ele disse que a amava e depois abandonou-a, desistiu dela simplesmente, sem um remorso, sem uma atenção. Acabou, disse, não quero falar mais disso, como quem sacode um assunto embaraçoso, como se ela fosse só um embaraço. Traiu-a com a sua indiferença, e isso é pior do que não a amar. Ela não percebe como ele foi capaz de ser tão egoísta, tão insensível.

O comboio pára na estação, entretanto a carruagem encheu-se e ela percorre o cais no meio da multidão. Chega à rua, atravessa-a por entre a confusão do tráfego matinal, ouve uma buzina nas suas costas e salta para o passeio assustada. Olha para trás, a ver quem apitou, sem parar de andar, choca com alguém. Desculpe, diz em português, sem pensar em inglês. Um homem jovem, engravatado, com um sorriso simpático, responde-lhe, não faz mal, também em português. As mãos dele, que agarram ainda os ombros dela, impediram que caísse. Ele retira-as. Está perdida?, pergunta-lhe. N... não, gagueja ela. Trocam algumas palavras, por serem ambos portugueses em Londres, depois seguem em sentidos opostos.

Ela chega à esquina, vai a sorrir, quando o ouve chamá-la. Volta-se, ele alcança-a e entrega-lhe um cartão-de-visita. Para o caso de se sentir perdida, diz, Londres pode ser muito solitária, *trust me*. Ela aceita o cartão, afasta-se, vira-se para trás ao fim de alguns passos e ele ainda lá está, a observá-la. Ela

acena-lhe e vai-se embora a apertar o cartão entre os dedos, satisfeita. Vai telefonar-lhe ao fim da tarde, decide, talvez logo ao início da tarde. É o destino, pensa, confiante, vai correr tudo bem! E, pela primeira vez em cinco semanas, consegue passar um dia inteiro sem se sentir sufocada pelo passado recente.

O primeiro namorado

Nasceram com uma diferença de dois dias. Cresceram juntos no mesmo prédio, onde eram vizinhos. Ele, ela, foram os primeiros namorados de cada um. Estudaram na mesma escola, na mesma universidade. Depois separaram-se, ele foi acabar os estudos em Inglaterra, ela ficou. O tempo, a distância, encarregaram-se de os afastar e, quando ele regressou, ela já estava casada. Encontraram-se dois meses mais tarde numa festa. Nessa noite, arranjaram alguns minutos para conversar a sós, partilhar recordações. Ele desejou-lhe toda a felicidade do mundo, ela também. Em seguida ela voltou para junto do marido e ele foi procurar a namorada. Em breve, ele partiu novamente para Inglaterra, onde arranjou trabalho num banco e fez carreira.

Nunca mais se viram, nem voltaram a contactar-se, embora na intimidade dos seus pensamentos se lembrassem sempre um do outro e se perguntassem o que seria feito dele, o que estaria ela a fazer. Ele teve algumas namoradas. Ela teve um filho.

Dez anos passados, ele deixou o emprego em Londres em troca de uma nova vida em Portugal. Chegou há dois dias apenas e dá com ela, por acaso, à entrada do prédio dos pais. Abraçam-se, começam a falar, atrasam os compromissos que têm para tomar um café.

Sentam-se a uma mesa, ainda a tirar os casacos e já ela quer saber tudo sobre a vida dele. Não casaste?! Espanta-se, sentindo-se secretamente contente por saber isso. Ele sorri, abana a cabeça. Porquê? Ele coça a cabeça, um pouco embaraçado, encolhe os ombros, sei lá, diz, não encontrei ninguém que valesse a pena. Ela põe-se pensativa, nunca te perguntaste como seria se tivéssemos ficado juntos? Claro que sim, responde, mas entretanto casaste, lembras-te? Lembro-me, diz ela, é a sua vez de se sentir embaraçada. E o teu casamento, pergunta-lhe, como vai? Ela baixa os olhos, vai mal, estamos separados, afirma, a dar um tempo, acrescenta, fazendo uma careta engraçada, como quem não acredita no que diz.

Despedem-se na rua, ela tem de ir a correr buscar o filho à escola e levá-lo a casa do pai. Ele ajeita-lhe o cabelo com a ponta dos dedos. Estás igual, diz. Quem me dera, diz ela a rir-se.

Ele telefona-lhe à noite, falam até esgotarem os saldos dos telemóveis. Depois liga-lhe do telefone de casa para o dela e continuam a conversar até o

dia nascer. Queres ir tomar o pequeno-almoço? Convida-a, antes de desligar. Ela diz que sim.

Encontram-se à porta da pastelaria. Ele abraça-a e, num impulso, beijam-se com uma ternura, uma saudade de que nem suspeitavam. Queres mesmo saber porque nunca casei? Pergunta-lhe. Quero. Porque, embora não tivesse consciência disso, estive sempre à tua espera.

Amantes

O marido está para fora, em trabalho, de modo que tem a tarde toda livre, sem os constrangimentos habituais. Vestiu-se com cuidados de amante, preocupada com todos os pormenores. Demorou uma eternidade a escolher a roupa, depois de ter ido ao cabeleireiro cortar o cabelo, arranjar as unhas. Leva uma saia azul-escura, uma camisa branca, sapatos que a fazem mais alta, mais segura de si. Sente-se atraente, feliz com a expectativa de um dia diferente. Vai desligar o telemóvel, prometeu a si própria um dia diferente, como se fosse livre, como se ele fosse livre, como se não tivessem de ser secretos, vivessem um para o outro e não houvesse nada a separá-los.

Caminha pela rua, atenta às falhas na calçada, armadilhas para os saltos altos. Esconde os olhos atrás de uns grandes óculos de sol, para poder disfarçar no caso de se cruzar com alguém conhecido. Hoje não quer falar com ninguém, não quer lembrar-se de que não tem a vida que sonhou. Ainda gosta do marido, mas a paixão perdeu-se na rotina, o entusiasmo esfumou-se nos anos, nos projectos que ficaram pelo caminho. Em contrapartida, o homem que a espera consegue fazê-la sonhar. Ele é mais velho, advogado de sucesso, família exemplar. Ela gostava de ter filhos, gostava de ter um com ele. Ele já tem três. Gostava de o ter só para si, de recomeçar tudo a seu lado, de não o ter no segredo dos quartos de hotel.

Ele está sentado ao balcão, no restaurante, a tomar uma bebida. Reservou uma mesa e dá uma vista de olhos na ementa enquanto espera que ela chegue. Tem uma inquietação latente, que vai crescendo de dia para dia, à medida que a vai conhecendo melhor e se sente mais preso a ela. No início era só uma mulher mais nova, bonita, nada de sério, mas agora ocupa-lhe o pensamento a cada momento. Precisa dela, precisa de fugir entre reuniões para os seus encontros furtivos.

Quando ela entra, ele levanta-se para a receber. Os olhos do restaurante viram-se para ela, mas não repara, concentrada nos dele, azuis, encantadores. Sorriem um ao outro. Estás à espera há muito tempo?, pergunta-lhe. Parece-me sempre muito tempo, responde ele.

Sentam-se à mesa, pedem vinho, ele espreita-a concentrada na ementa. É tão bonita, pensa, como se fosse uma oportunidade única de ser feliz novamente. Ama os filhos, mas o casamento tornou-se uma prisão. Ela

surpreende-o a observá-la, sorri. Nesse instante vem-lhe à ideia uma certeza: um dia vou perdê-la e não poderei fazer nada para o evitar. Um dia, ela vai desinteressar-se do pouco que temos. Ela pressente-lhe uma preocupação e pergunta-lhe o que foi? Nada, diz ele, sorrindo para afastar a nuvem negra. Ela volta a baixar os olhos para a ementa, preocupada também, a pensar que um dia ele vai voltar para a mulher, para a família, vai esquecê-la. Estão apaixonados, felizes, mas a caminho de nada.

A decisão

Ela anda às voltas na rua durante horas. Vai dar a um jardim com uma vista maravilhosa sobre a cidade, quase sem se aperceber. Aproxima-se do gradeamento e inclina-se ligeiramente para a frente, tendo a ilusão de que está a planar no céu por cima dos telhados que descem a encosta. Por momentos, esquece-se do assunto que a aflige e dá consigo a tentar adivinhar edifícios que vê ao longe e que, ao identificá-los, lhe permitem localizar a zona que está a observar. Distrai-se com isto até o seu espírito regressar ao problema e sentir um aperto no peito, uma angústia. Recua um passo, volta-se, olhando em redor, decide sentar-se num banco de madeira ali mesmo à frente.

Está um dia quente, ela veste *T-shirt* branca, calças vermelhas, ténis. Está nervosa, indecisa quanto ao que fazer. Tem no colo um maço de cigarros e um telemóvel. Os cigarros tentam-na, mas resiste-lhes, o telemóvel fá-la suspirar. Quer fazer a chamada, mas receia o que vem a seguir. Rói uma unha enquanto pensa. Depois encolhe os ombros e pega no maço de tabaco, tira um cigarro e acende-o. O fumo acalma-a, embora saiba que faz mal. Tenho de deixar de fumar, pensa, com um sentimento de culpa a roer-lhe a consciência.

Uma mulher jovem passa à frente dela a empurrar um carrinho de bebé. Ela admira com ternura a criança adormecida e troca um sorriso cúmplice com a mãe orgulhosa. Coloca a mão no seu próprio ventre, instintivamente, fica a perguntar-se se daria uma boa mãe. Acha que sim, desde que não tivesse de ser mãe solteira. A ideia de educar um filho sozinha assusta-a.

Na noite anterior jantou com o namorado. Foram ao restaurante do costume, ele voltou a insistir no mesmo assunto. Disse-lhe que a amava e já era altura de casarem. Ela respondeu-lhe que também o amava, mas não foi capaz de lhe dizer mais nada. Fez um sorriso comprometido, desviou a conversa.

Agora pensa que foi um disparate fugir ao assunto, que não há razão para temer a reacção dele. De modo que se enche de coragem, respira fundo, pega no telemóvel e liga-lhe. A pergunta que me fizeste ontem à noite, diz de chofre, a resposta é sim. Ouve-o dar um grito de alegria, perguntar-lhe tens a certeza? Sorri. Tenho, claro que tenho.

Quando desliga, apaga o cigarro ainda com o sorriso no rosto e, em seguida, num impulso, atira o maço de tabaco e o isqueiro para o caixote do

lixo ao lado do banco. Levanta-se. Esta parte já está, agora falta a outra, pensa, voltando a acariciar o ventre, como se acariciasse uma criança. Mas depois do telefonema sente-se autoconfiante, a angústia dissipou-se e tem a certeza de que ele vai receber bem a notícia que lhe dará logo à noite.

Nunca me esqueci de ti

Ele decidiu-se finalmente a convidá-la para sair. É a primeira vez, desde que a conheceu na livraria onde ela trabalha. Uma livraria de rua é coisa pouco vista hoje em dia e ele descobriu aquela recentemente, quando se mudou para a casa nova, desde que se separou. Gosta de passar por lá, de entrar, passear por entre os livros, mesmo que não compre nenhum, embora já tenha uma pilha deles a crescer do chão, porque ainda lhe falta um armário com prateleiras onde os colocar. Ainda lhe falta muita mobília. Talvez porque, no fundo, não aceitou que se trata de uma situação definitiva, não tem pressa em mobilar o novo apartamento. Comprou só o fundamental, a cama, uma mesa de jantar, o frigorífico e mais algumas coisas.

Depois conheceu-a na livraria. No início trocavam apenas umas palavras sobre livros, agora ele entra de manhã, de passagem para o trabalho, para lhe desejar um bom dia, e fica mais tempo quando regressa a casa. A essa hora a livraria não costuma ter muitos clientes e ela pode dar-lhe atenção. Caso contrário, ele não se demora, mas entra sempre.

Convidou-a para sair num impulso. Ela aceitou. Onde vamos?, perguntou-lhe. É surpresa, respondeu ele, porque, na verdade, não fazia ideia. Pensou em levá-la à praia, mas o sábado nasceu encoberto, de forma que optou pelo cinema. O cinema tem a vantagem de não o fazer correr o risco de lhe faltar assunto. Às vezes, fica nervoso com a perspectiva de não saber o que dizer. Falta de treino, há muito tempo que não tem de se preocupar em conquistar uma mulher. E o cinema tem a dupla vantagem de poderem comentar o filme no fim. É o que fazem enquanto passeiam ao acaso pelo final da tarde.

Foram dar à parte antiga da cidade. Ele encaminha-a por uma passagem estreita que parece não ir dar a lado nenhum, mas que desemboca num terraço com vista até ao rio, sobre os telhados, onde há um bar. Sentam-se na esplanada a tomar um café e a ver a noite a chegar.

Ela apaixonou-se por ele. Na realidade, interessou-se logo por ele, pelo seu jeito tímido de a abordar, adorou a sua persistência, o modo de se ir insinuando, aparecendo todos os dias na livraria. Fizeram amor pela primeira vez em casa dele. Nunca vão à dela, pois vive com os pais porque o ordenado não lhe chega para arrendar um apartamento. Em contrapartida, ela vai todos os dias a casa dele, depois de fechar a livraria.

Ele sente-se bem com ela, gosta da sua companhia, sente-se aliviado por não estar sozinho e até já comprou um armário para arrumar os livros. Mas nunca se esqueceu da antiga namorada e um dia esta telefona-lhe e ele aceita ir ao seu encontro. Embora já tenham passado seis meses desde a separação, acabam por passar a noite juntos. Ela disse-lhe que já não está com o outro que motivou a separação deles. Ele respondeu-lhe que tem alguém, mas não é nada de importante. Nunca me esqueci de ti, disse-lhe. Sentiu-se mal por isto, mas não conseguiu evitá-lo.

Ele já não passa todos os dias na livraria e ela sente-se miserável por ter sido rejeitada e odeia-o por ele ter voltado para a antiga namorada. Tem a certeza de que ela vai magoá-lo novamente, pois já o fez uma vez, mas jurou a si própria que quando isso acontecer não o vai aceitar de volta. Ele desfez-se da casa nova, deixou o bairro da livraria e está de novo a viver com ela. Perdoou-lhe tudo, esqueceu a relação que tinha, a mulher que magoou, está feliz, sem pensar que também pode voltar a ser magoado em breve.

Regresso à livraria

Ela passa os dias na livraria de bairro onde trabalha. Adora estar rodeada de livros e de pessoas que adoram os livros e que entram para saber as novidades ou para comentar algo que leram. É o seu pequeno mundo, agradável, o cheiro dos livros, as imagens sonhadoras das capas, os títulos prometedores. É capaz de encontrar um livro no meio de centenas, nas prateleiras, sabe exactamente onde estão todos, conhece os autores e sabe de cor tudo o que cada um escreveu. Leva sempre um livro para casa, que lê com cuidados maternos, para depois repor sem um vinco, sem uma mazela.

Está debruçada sobre o balcão ao início da tarde, concentrada numa história nova, acabada de publicar. Tem o cotovelo apoiado no tampo, a mão a amparar o queixo, uma madeixa caída. Não há clientes àquela hora. Ele entra, silencioso, apanha um livro ao acaso, aproxima-se. Ela levanta os olhos, pressentindo-o, endireita-se, deixa cair o braço no balcão, olha-o com tristeza.

Este livro é bom?, pergunta-lhe com um sorriso comprometido, mostrando-lhe a capa. Nem por isso, responde ela, o que fazes aqui? Vim verte, diz. Ver-me? Porquê? Ele encolhe os ombros, tinha saudades tuas.

Passou mais de meio ano, já não o vê há sete meses e sentiu a sua falta todos os dias. Ele costumava vir de manhã, antes do trabalho, e ao fim da tarde, quando regressava. Separara-se da namorada e era novo no bairro. Estava apaixonada nessa época, fechava a livraria e corria para casa dele, estava feliz. Depois ele recebeu um telefonema da ex-namorada e foi-se embora. Abandonou-a. E agora está ali de novo...

Ela não sorri, não revela felicidade. Tinha saudades minhas?, espanta-se. Tinha, diz ele, voltei para o bairro. Ah, diz ela, voltaste... Ele diz que sim com a cabeça, voltei. Ela deixou-te outra vez?, pergunta-lhe, num tom seco. Não foi assim, desculpa-se ele, foi uma decisão a dois. Tive sorte, acrescenta, mudando de assunto, consegui arrendar a mesma casa. Que bom, replica ela, sarcástica. Ele coça a cabeça, embaraçado. Achas que podemos sair um dia destes?, arrisca depois. Não me parece, responde-lhe, sem ponderar a proposta. Ele pergunta-lhe se ainda está zangada, ela atira-lhe que se está nas tintas.

Ele vai-se embora e ela fecha os olhos, respira fundo, sente as pernas fracas. Senta-se no banco atrás do balcão e limpa uma lágrima de raiva,

furiosa consigo própria, por se sentir assim. Está espantada com o seu regresso, sem saber o que pensar. Quer odiá-lo, rejeitá-lo como ele a rejeitou, esquecê-lo. Mas sabe que ele voltará amanhã, tal como costumava fazer, e vai continuar a aparecer, e, se o aceitar de volta, é provável que a faça sofrer novamente. E, no entanto, não está certa de que consiga resistir-lhe, nem que se sinta mais feliz se conseguir.

Segredo

Ele observa a cidade ao longe por detrás dos óculos de sol enquanto o comboio atravessa a ponte. Leva auscultadores, ouve uma música de Seal,

*You must know me, I'm one of your secrets
I belong to you
And you belong to me*

A música, como tudo o que o rodeia, leva-o de volta a ela. Faz uma semana que deixaram de se ver, deixaram para trás os sonhos, as promessas eternas. Quando se encontraram a primeira vez ele não sabia nada dela, era a amiga de uma amiga, sentada ao seu lado por acaso numa mesa de um restaurante, num jantar de aniversário. Eram ambos casados, mas nesse jantar estavam sozinhos, a mulher dele não quis ir, o marido dela trabalhou até tarde.

Trocaram números de telefone ao fim da noite. No dia seguinte ele enviou-lhe uma mensagem. Ela respondeu-lhe. E assim continuaram pelo dia fora e todos os dias, contra todos os sentimentos de culpa, todos os impedimentos, encontravam-se, amavam-se. Ela disse-lhe porque não apareceste mais cedo na minha vida? Ele respondeu-lhe nunca é tarde de mais. Juraram resolver tudo, de forma que pudessem ficar juntos.

O comboio desliza pela ponte. Ele vai com os olhos postos na cidade que se aproxima. Ainda não perdeu o hábito de chegar mais cedo, com tempo para tomar o pequeno-almoço com ela, antes de se separarem e de cada um ir para o seu trabalho. Era assim todas as manhãs, ela esperava-o na estação e começavam o dia juntos. Mas agora ela já não está lá quando ele chega, embora continue a procurá-la entre a multidão que se apressa à saída do comboio.

Ele separou-se da mulher. Telefonou-lhe logo a seguir a contar-lhe, porque ela tinha insistido muito para que a deixasse. Não quero esperar mais, dissera-lhe. E, no entanto, depois disso ela perdeu todas as certezas. Faz uma semana – ainda conta os dias –, ela disse-lhe não vou ficar contigo, não tenho coragem, não vou ser feliz contigo. Desculpa, podes voltar para a tua mulher, se quiseres.

O comboio entra lentamente na estação, os passageiros já se levantaram e prepararam-se para sair. Ele permanece sentado, sem pressa, sem vontade de sair, tomado por uma angústia. As portas abrem-se, ele solta um suspiro, levanta-se. Segue a corrente, atrás das pessoas, ao longo do cais, a pensar que vai ser mais um dia penoso, arrastado, sem conseguir concentrar-se no trabalho. Mas ao chegar à rua, quando as pessoas à sua frente se dispersam, vê-a parada no mesmo lugar onde costumava esperá-lo. Tem uma *T-shirt* branca, as mãos enfiadas nos bolsos das calças de ganga, faz uma expressão de culpa, a meio de um sorriso, encolhe os ombros em silêncio.

Ele pára à frente dela, surpreendido. Que fazes aqui?

Não consegui ficar longe de ti, responde ela. Saí de casa esta manhã.

Ele não diz nada, descobrindo que é difícil esquecer.

Ainda me queres?, pergunta ela, aflita. Perdoas-me?

Não te vais arrepender outra vez?

Nunca!

Vem cá, diz ele, abraçando-a. E ela agarra-se a ele, enquanto murmura nunca, nunca, nunca...

Relações meteóricas

Costumava levar uma vida fácil. Era jovem, bonito, podia ter todas as mulheres que quisesse, não se prendia a nenhuma. Agora que ela partiu, não sabe o que fazer. Pode ter todas as mulheres que quiser, mas não quer nenhuma, que não ela. No início era só mais uma relação meteórica, igual a tantas outras. Mas havia nela algo de diferente, a sua maneira de ser, as coisas que dizia, a resposta na ponta da língua, fazia-o rir. Era feliz quando estava com ela. Começou a prender-se a ela, embora não tivesse sido essa a sua intenção no início. Ela não foi presa fácil, não se deixou cativar de um dia para o outro, não lhe abriu o coração, fez amor com ele, dizendo-lhe que não queria um compromisso. Ele aceitou-a assim porque também não desejava comprometer-se. Mas depois continuou a vê-la e a fazer amor com ela e a ser feliz com ela.

Ela avisou-o de que não o amava, só me quero divertir, disse-lhe. Ele sorriu, não levando aquele comentário muito a sério. Não te preocupes, respondeu-lhe, eu também só me quero divertir. Concordaram tacitamente com estes termos. No entanto, a relação foi durando, foram-se conhecendo melhor, não se afastaram um do outro. Pelo contrário, estavam sempre juntos.

Mas um dia ela disse-lhe que já não queria estar mais com ele. Trocou-o por outro, por alguém que conheceu e a quem avisou que não ficaria muito tempo.

Ele começou a sair com outras, como antigamente, mas ainda ouve o riso dela, ainda recorda todos os momentos deles quando passa nalgum lugar da cidade onde esteve com ela. E foram tantos. Pensa todos os dias em telefonar-lhe, quer falar com ela, reconquistá-la, contudo, nunca chega a fazê-lo, pois sente-se dividido entre a falta que ela lhe faz e a revolta por o ter deixado.

Não compreendeu as razões dela. Porque o deixou quando estavam tão bem, como fora capaz de se desligar dele com aquela frieza arrepiante. O que ele não percebe é que ela não consegue amar ninguém, não se prende a nenhum homem por ter sido magoada no passado. Ela tem medo de sofrer, não é capaz de ser feliz porque receia ser rejeitada. Por isso, prefere partir antes de a paixão esmorecer. Inventa desculpas na sua cabeça, convence-se de que não vai dar certo, levanta problemas e, finalmente, afasta-se. Tem consciência de que é cobarde por não correr riscos, mas não consegue evitá-

lo.

Não voltaram a falar, a ver-se. No seu íntimo, ela sabe que ele era o homem certo, era o homem da sua vida, contudo, não faz nada para corrigir o erro. À noite, deitada na cama, de olhos abertos na escuridão, pergunta-se se alguma vez voltará a ser feliz e mente a si própria pensando que sim, claro, um dia...

Um homem apaixonado

A entrada do porto, com os seus faróis de sinalização, um de cada lado do canal, é o seu lugar preferido para ir acabar o dia. Em tempos, já lá vão muitos anos, deixou de trabalhar, de se divertir, de ter interesse fosse pelo que fosse, enfim, deixou de viver, por causa de uma mulher, de um amor que perdeu. Ela deixou-o, refez a sua vida e nunca mais quis saber nada dele. Em contrapartida, ele soube sempre dela, velou pelos seus passos, chegou a ajudá-la quando ela precisou, sem lhe dizer. Não voltou a querer outra mulher porque nenhuma o satisfazia como aquela que continuava a preencher todos os seus pensamentos, os seus sonhos, nenhuma lhe dava a mesma felicidade que sentira outrora.

Durante trinta anos acompanhou a vida dela ao longe sem se revelar, recorreu a expedientes de espião para se inteirar do que ela ia fazendo, do que lhe acontecia, se ainda estava casada, como cresciam os seus filhos. Imaginava a vida dela como se estivesse consigo, enquanto esperava uma oportunidade de se reaproximar e reconquistá-la. Entretanto, recuperou o ânimo para trabalhar e descobriu que essa era a melhor forma de se distrair da sua obsessão de amor. Herdou um pequeno negócio de ourivesaria, prosperou, enriqueceu, embora acumulasse o dinheiro, que se ia multiplicando em investimentos de longo prazo, sem lhe tocar, por falta de interesse.

Quando o filho dela se formou e precisou de um emprego, comprou uma prometedora empresa de informática através dos préstimos de advogados leais e fez com que o contratassem. E quando este teve sucesso profissional e mudou de emprego, vendeu a empresa com um lucro absurdo, que mal notou. Para as pessoas do seu bairro, era apenas o senhor da ourivesaria que cuidava do seu pequeno negócio, a loja herdada dos seus pais. Não tinha família nem amigos, mas na realidade era proprietário de várias ourivesarias, que fora adquirindo com o tempo, tornando-se imensamente rico, ainda que continuasse a morar no apartamento modesto de sempre, sem luxos nem ostentações.

Ao saber da morte dela, sem que lhe tivesse voltado a falar desde a separação, perdeu a cabeça. Revoltado, vendeu todos os seus negócios, deixou de trabalhar, fechou-se em casa. Passados dez anos, a vizinha de baixo, uma mulher enérgica, casada e mãe de duas crianças, leva-lhe comida diariamente,

cuidando que ele passa dificuldades financeiras.

Agora, à beira dos oitenta anos, só sai de casa para ir acabar o dia ali à entrada da barra, no mesmo lugar onde a beijou pela primeira vez. Leva sempre uma flor, uma rosa, que deixa em cima do banco donde contempla o pôr do Sol. Quem o vê, com a barba por fazer e o desmazelo da roupa, pensa que é apenas um velho indigente a deambular pelos lugares do costume. Mas ele encontrou a serenidade, vive sem sobressaltos, como um viúvo enredado em recordações felizes. Acredita que em breve se vai juntar a ela e já se preparou para isso. Comprou um lugar no cemitério, ao lado dela, e fez o testamento da sua colossal fortuna em nome da simpática vizinha de baixo.

Um dia a correr para uma noite perfeita

Ela vive sempre para depois, nunca para agora. Desde que se divorciou, decidiu que tão cedo não voltaria a apaixonar-se e escolheu divertir-se apenas. Depois se veria, um dia talvez, não naquela altura, quando ainda se sentia derrotada. Mas agora está cansada dessa vida e encontrou novamente alguém que a entusiasma. Vive sozinha, já conta algumas relações que não deram em nada e quer ter mais uma oportunidade.

Sente a ansiedade apertar-lhe o peito por causa da vontade de se transformar, de surpreendê-lo. Passa o dia a correr no emprego, cheia de trabalho atrasado, lutando com os assuntos que se acumulam, os telefonemas, o chefe que lhe exige tudo para ontem. Dispensa o almoço, que só lhe atrapalharia as coisas que precisa de despachar. Tem necessidade de não falhar, orgulho em ser competente. Enquanto trabalha num escritório praticamente vazio, vai mordiscando distraidamente uma sandes e pensa no que quer fazer para lhe agradar. O telemóvel arranca-a dos pensamentos, verifica que é ele, o coração agita-se, atende. Ouve-o dizer que é só para confirmar logo à noite, responde-lhe que sim, claro, trocam mais algumas palavras, desligam.

Ao fim da tarde sente-se como que saída de uma maratona, mas sai a correr do trabalho, sempre a correr, passa no cabeleireiro onde se demora uma hora e meia. Corta o cabelo, arranja as unhas. Vai a casa, atira a carteira para o lado, o casaco, passa pela cozinha, regressa à sala e deixa-se abater no sofá, dez minutos, a roer uma maçã, derreada, mas entusiasmada. Foi um dia comprido, mas tem esperança na noite. Depois toma um longo duche. Demora-se a vestir-se, quer estar perfeita, sentir-se perfeita. Escolhe um vestido porque sabe que ele prefere vestidos, decide-se à terceira tentativa. Sai de casa apreensiva, com um aperto no estômago, com medo de que ele não a ache suficientemente interessante, que não a queira, afinal, ou que algo corra mal e volte a falhar.

Ele está à espera dela no restaurante e quando a vê surgir na entrada e o seu sorriso iluminar-se ao reconhecê-lo, sente que ela é especial. Sentados à mesa, ele olha-a ostensivamente. Os seus olhos azuis, a boca carnuda, o cabelo alourado deixam-no contemplativo. Ela sente-se embaraçada, pergunta o que foi? Ele diz estás linda. Ela responde, a brincar, não me queiras ver ao

acordar. Ele sorri, quero sim, diz. Ela pergunta-lhe e tens a certeza de que não te vais arrepender? Em resposta, ele estende a mão sobre a mesa, segura a dela e afirma que tem a certeza de que não. E nesse momento ela acredita nele, acredita que está perfeita, que não vai falhar novamente e que pode arriscar, pois será feliz.

Breve história de amor

Ele encontra-a do nada, um encontro fortuito num jantar em casa de amigos. Está uma noite quente, mas faz uma brisa agradável. Ele vê-a sozinha, isolada dos outros convidados, sentada lá fora, no pátio, onde há cadeiras de madeira com almofadas brancas. Tem um prato equilibrado nos joelhos, sobre o vestido leve, florido, e uma expressão introspectiva. Come sem gosto, distraída do que o garfo pesca no prato, sem interesse pelos bocadinhos que leva à boca. Ele aproxima-se com um prato na mão, pergunta-lhe se se pode sentar ao seu lado. Ela mostra-lhe um sorriso aberto, uma simpatia inesperada, responde claro, sente-se. Apresentam-se, conhecem-se, começam a falar de assuntos mundanos, nada de importante, mas continuam à conversa pela noite fora, descobrem interesses comuns, animam-se, gostam um do outro. Mais tarde, o namorado dela aproxima-se e diz já é tarde, vamos? Ela despede-se, levanta-se, vai-se embora. A mulher dele vem sentar-se no lugar onde ela estava e pergunta-lhe com quem estava a falar. Ele não dá importância, alguém que conheci agora, diz. Mas fica a pensar nela.

Passa uma semana. Ela vai à livraria do centro comercial perto de casa, à procura de algo para ler. Quando entra, repara nele, absorto, a folhear um livro, junto às prateleiras do fundo. O coração ganha vida. Aproxima-se e interrompe-o com um olá, encontrou alguma coisa interessante? Oh, olá!, exclama ele, encantado por revê-la. Não, nada de especial, e você? Acabo de chegar, responde. Demoram-se por ali à procura de um livro. Decidem comprar o mesmo e depois trocarão opiniões. Fica assim combinado.

Tomam um café no centro comercial. Falam do livro que leram, falam muito, de outras coisas, de tudo e de nada. Riem-se, sentem-se bem juntos e voltam a encontrar-se no dia seguinte, à mesma hora no mesmo sítio, e nos outros dias todos. Ele é casado e ela tem o namorado, mas agora já não se podem ignorar, já não querem separar-se e seguir os seus caminhos. Encontram-se em ruas secretas nos intervalos dos dias, procuram-se a cada oportunidade da vida.

Estão em casa dela a meio da tarde, a meio da semana. Beijam-se, querem-se, fazem amor. O dia acabou, o quarto caiu na penumbra e já não se vêem, mas estão abraçados, felizes, e decidem que vão arranjar maneira de ficar juntos, aconteça o que acontecer. Mas dois meses mais tarde ela diz-lhe

acabou, vou-me embora, não é isto que eu quero. O que é que tu queres?, pergunta-lhe ele, com a respiração suspensa. Uma vida normal, sem segredos. Imóveis, frente a frente na rua, no meio do passeio atravessado por uma apressada torrente humana, ligados pelas mãos, olham-se, olhos nos olhos. Não me amas, pergunta-lhe ele, não vale a pena lutarmos por nós? Eu quero-te, mas é demasiado complicado, responde ela, e tu és só para as coisas boas. As coisas boas não valem muito, diz ele, são um momento, as coisas más são as que contam, dão muito trabalho. Estou triste, murmura ela, se fosse uma situação diferente... quem sabe? Talvez um dia. Não há um dia, afirma ele, só há agora, não podes esperar por quando não houver problemas, ficas ao meu lado nos momentos difíceis e eu faço o mesmo por ti, é isso o amor. Mas eu não posso, diz ela, não consigo... Não queres correr riscos, pois não? Pergunta-lhe ele. Não, não quero, não me odeies, pede-lhe. Não te odeio, responde-lhe, desolado. Compreende que chegou a altura de a deixar ir, larga-lhe as mãos, separam-se, ela recua alguns passos, gente de passagem atravessa-se entre eles. Adeus, murmura ele sem palavras. Adeus, responde ela, igualmente sem palavras, depois volta-se e parte, misturando-se na multidão. Ele acende um cigarro e fica a vê-la afastar-se. Fica ali até a perder de vista. Atira fora o cigarro, fecha melhor o sobretudo, enfia as mãos nos bolsos e, quando começa a andar no sentido contrário ao dela, sente-se gelado até à alma.

A pessoa certa

Os espectadores acotovelam-se no átrio do teatro. É o intervalo da peça e ele, numa roda de amigos, repara numa mulher noutra grupo. Ela está ali mas não está. Perdeu a primeira metade da peça a meditar noutra coisa. A vida não é o que deseja, sozinha, pensa e repensa no que fez de mal desta vez. O namorado saiu de casa, definitivamente. Sente-se frágil. Subitamente, corre para a casa de banho, refugia-se num cubículo, deixa-se deslizar encostada à parede, a chorar. Quando sai, choca com alguém que vem da casa de banho dos homens, murmura um pedido de desculpas e segue pelo corredor estreito e curto. Apercebe-se de que está a desfalecer e tenta chegar a um banco baixo de veludo já no átrio. Uma mão forte segura-a pelo braço, impedindo-a de cair no chão, ajuda-a a sentar-se.

Sente-se bem?, pergunta-lhe ele, de cócoras à frente dela. Nem por isso, responde ela. Você está com amigos? Quer que chame alguém? Não vale a pena, diz, isto já passa.

O átrio está vazio, só eles os dois, sentados no banco. Ela recuperou alguma cor. Parece bem melhor, nota ele. Estou, sim, obrigada por ter ficado comigo, estraguei-lhe a noite, desculpe. Estragou agora, não se preocupe com isso, a peça não é assim tão boa. Ela sorri. O que é que lhe deu?, pergunta-lhe depois. Ela encolhe os ombros. Uma desilusão, diz. Das grandes, não? Sim, das grandes. Nada que o tempo não trate, certamente. Não está a perceber, explica ela, a desilusão é comigo mesma. O meu namorado saiu de casa, mas eu quero lá saber. Então, espanta-se ele, qual é o problema? O problema sou eu, percebe? Eu não consigo amar ninguém. Ele exclama um ah mudo e diz que sim com a cabeça, que compreendeu. E ela pensa no que lhe deu para contar algo tão íntimo a um estranho.

Ficam por ali a conversar, esquecidos da peça. No final, os amigos aparecem e rodeiam-na, espantados. Julgavam que se tinha ido embora. Ele sente que está ali a mais e levanta-se. Bem, diz, está entregue, sã e salva. Pisca-lhe um olho cúmplice e afasta-se. Ela quer dizer alguma coisa, não quer que ele se vá embora, mas os amigos, solícitos, deixam-na sem reacção.

Ele chega à rua, junta-se aos amigos, vai-se embora a pensar nela. No átrio, ela percebe o seu erro, levanta-se num salto, rompe pelos amigos, precipita-se para o exterior, procura-o por todo o lado, mas já não o encontra.

Nunca mais o vai esquecer, embora, com o tempo, chegue a duvidar se ele seria real, se o imaginou. Se era real, pensará sempre, perdi o homem certo, o homem da minha vida. Ele tem a certeza dela e fica convencido do mesmo, era ela, pensará pelos anos fora, com um desconsolo sem emenda, pois nunca mais voltarão a cruzar-se.

Passeio na praia

Foi encontrá-la numa praia extensa, uma de muitas que, na realidade, era só um areal sem fim, delimitado pelo homem, numa organização metódica, com os seus nomes diferentes, os seus acessos autónomos, os seus bares e restaurantes de tantos em tantos metros. De qualquer modo, encontrou-a numa dessas praias ao largo da cidade, quando foi fumar um cigarro à beira-mar e, sendo Inverno e não havendo mais ninguém ali senão eles os dois, foi inevitável dizer-lhe qualquer coisa quando se cruzaram.

Boa tarde, disse-lhe, boa tarde respondeu ela. Deram três ou quatro passos em direcções opostas e ele parou e acrescentou: por acaso, até é mais boa noite. Ela estacou na areia, voltou-se para trás e observou-o, desprevenida, avaliando o propósito daquele comentário, estudando o estranho que lhe dirigia a palavra, pensando, no relâmpago de um segundo, se estaria segura com ele naquela praia vazia. Algo na sua expressão inofensiva fê-la sorrir e reconhecer que sim, de facto, já não falta muito para ser noite. O Sol, mortiço, desapareceria em minutos na linha de água, entre o céu e a terra. Ela tinha os braços cruzados sobre um casaco branco, apertando as abas para se defender melhor do frio, da humidade, e usava umas *jeans* velhas que lhe assentavam bem. Ele encurtou a distância casualmente e perguntou-lhe se costumava vir à praia sozinha no meio do Inverno. Nem por isso, disse, mas hoje apeteceu-me. Solitária, sugeriu ele, em tom de interrogação. Nããão, riuse, nada disso, apeteceu-me, só. Ele assentiu com a cabeça, com um sorriso, deu uma passa no cigarro, quedaram-se por momentos em silêncio, observando o Sol a descer no oceano. À direita deles, a quilómetros de distância, para lá de onde a praia acabava e o rio se encontrava com o mar, já se viam as luzes da ponta da cidade. Para dizer a verdade, afirmou ela, com os olhos postos nos últimos resquícios de cor laranja no horizonte, vim porque precisava de respirar. Às vezes, sinto-me a sufocar com a vida estúpida que levo. É assim tão má?, admirou-se ele com aquele desabafo surpreendente. Não, não é má, replicou ela, encolhendo os ombros, como se quisesse dizer que era indiferente, mas disse: é confortável, tenho estabilidade, não me falta nada... acho. Sei o que quer dizer, disse ele, vamo-nos acomodando na rotina e sonhando com o que nunca há-de acontecer porque não abdicamos do que nos dá segurança. Sim, é isso, reconheceu ela. Calaram-se de novo, a pensar

naquilo, depois ele, num repente, sugeriu: e se mudássemos? Como?, espantou-se ela, não podemos. Só hoje, esta noite, vamos fazer qualquer coisa que nunca fazemos. Como sair com um perfeito desconhecido? Por exemplo, disse ele. Ela abanou a cabeça, desconcertada, devo estar doida, exclamou, a adorar a ideia. Vamos?, perguntou ele. Vamos, respondeu, decidida. E foram juntos, praia fora, sem se lembrarem sequer de perguntar os seus nomes, mas felizes por se sentirem livres e por não poderem prever o destino, por uma noite que fosse.

Entraste na minha vida

Está sentada, sozinha, na esplanada de um miradouro a admirar Lisboa, sem nunca deixar de se espantar com aquela vista, com aquela cidade. Tem um copo de refresco na mão direita, a cabeça levemente inclinada, o cabelo castanho alourado caído em cima do ombro esquerdo. Os olhos, escondidos pelos óculos de sol, prendem-se ao casario, aos telhados, às avenidas que descem até ao rio. Ao longe, vê-se a ponte. Em cima da mesa está um livro esquecido que ela trouxe para ler, mas não chegou a abrir.

Sentado no muro baixo que delimita a calçada, ele observa-a encantado. Para lá dele está a vista. Quando os olhos dela se cruzam com os seus, ele sorri-lhe. Ela desvia o olhar, atrapalhada, mas logo depois torna a olhar, curiosa, e ele volta a sorrir-lhe. Ela baixa os olhos, mas também sorri. Ele aproxima-se da mesa com um copo de cerveja na mão e pergunta se se pode sentar com ela. Não havia mesas livres, explica, mas isto aqui é tão agradável que fiquei na mesma. Ela diz está bem, sente-se.

Começam a conversar, apresentam-se, ele nota a aliança no dedo dela. Ela responde sim, estou casada, e acrescenta num desabafo, com o homem errado. Ele faz uma expressão compreensiva, com os lábios crispados, enquanto ela volta a cara, sentindo-se a corar, sem perceber o que lhe deu para dizer tal coisa. Eu também casei com a mulher errada, mas divorciei-me, confessa ele, levando-a a fitá-lo, mais à vontade.

As horas passam e a conversa flui sobre os enganos das suas vidas, falam com uma surpreendente naturalidade, um entendimento perfeito. Estão muito próximos um do outro, ele segura a mão dela e já não se largam. É um momento mágico, a que ela não consegue resistir. Mas quando a noite desce anuncia-lhe que tem de se ir embora. E voltas?, pergunta ele. Não posso, sou casada. Com o homem errado, lembra-a. Sim, reconhece, deixando escapar um suspiro. Pagam a conta, ele acompanha-a ao carro estacionado no jardim fronteiro, ela abre a porta, volta-se para trás e murmura gostei muito de te conhecer. Hoje entraste na minha vida, diz ele. Tu também entraste na minha vida, pensa ela, sem o dizer. Ele prende-lhe carinhosamente uma madeixa do cabelo atrás da orelha, olham-se, ela diz tenho de ir, ele aproxima-se, beija-a, ela corresponde com paixão. Depois diz não posso fazer isto, desculpa, mete-se no carro precipitadamente, vai-se embora.

Ele ainda pensa nela, queria que ela voltasse. Ela só pensa nele, mas não sabe como voltar a encontrá-lo. Só teve coragem de regressar à esplanada quase um mês mais tarde, um dia depois de ele ter desistido de lá ir todos os dias esperá-la.

Saudade

Quando a vida era difícil, ele fazia com que tudo se tornasse mais fácil, pensa ela, com um sorriso triste, sentada à sua secretária no emprego. Tem o queixo apoiado na mão, o cotovelo assente na mesa, os olhos fixos no ecrã do computador, a mente presa a uma nostalgia, uma expressão ausente, incapaz de se concentrar. A tarde arrasta-se como sempre, interminável. A todo o lado aonde vai, sente-se sozinha rodeada de gente.

O trabalho acumula-se, obrigando-a a ficar mais tempo, obrigando-a a sacudir o passado da cabeça para acabar as tarefas urgentes. Mas, de regresso a casa, já voltou ao que preferia não recordar e os seus passos tornam-se mais lentos, e a vida pesa-lhe com a certeza de não voltar a tornar-se mais fácil, de não voltar a ser feliz.

Fecha a porta da rua, pendura o casaco, entra na sala, deixa-se abater no sofá, cansada, sem vontade de comer, sem ânimo para nada. Fica sentada com os olhos ausentes, os dedos ocupados a arrancar borbotos da camisola. Depois, uma tristeza avassaladora toma conta dela e a fachada imperturbável que conseguiu manter durante todo o dia desmorona-se num choro convulsivo. Leva as mãos à cara, tapa o rosto e dobra-se para a frente, até aos joelhos. Uma hora mais tarde, volta a endireitar-se e a destapar o rosto, já a noite cobriu a sala de negro. Às vezes, quando fica assim mergulhada no escuro, não se sente sozinha, pois é como se o pressentisse ali sentado ao seu lado, embora não o possa ver. Vai-se deitar com saudades dele. Enrola-se no edredom para se refugiar do frio da cama vazia.

Ao voltar à sala na manhã seguinte, descobre, assombrada, a fotografia dos dois, que costuma trazer na carteira, em cima do sofá. E tem a certeza de que não foi ela que a foi buscar e a pôs ali. Pega na fotografia com a mão a tremer, volta a guardá-la na carteira, olha em redor, certificando-se de que não há mais nada fora do lugar, veste o casaco, enfia as mãos nos bolsos, fica ali a cismar se poderia ter acordado durante a noite e mexido na fotografia. É possível, pensa, mas não se lembra de o ter feito.

Solta um longo suspiro, procurando conformar-se com o que não tem explicação, pois não é a primeira vez que aquilo acontece. Ao abrir a porta da rua, lembra-se da última noite, do sorriso dele a dizer-lhe até amanhã, meu amor, da notícia dolorosa, do acidente de carro, da fatalidade sem remédio.

Depois pensa na fotografia fora do lugar e murmura para a sala vazia, eu sei que não me abandonaste, meu querido. Só então sai para o trabalho, fechando a porta atrás de si com a alma cheia.

Vem sentar-te comigo na Lua

Vem sentar-te comigo na Lua, desafiou-a ele em pensamento, e o convite não podia ser mais tentador. Por isso, imaginou que ela lhe respondera que sim, eu vou, porque, na realidade, ela iria a qualquer lado, desde que fosse com ele. Sentaram-se num banco à beira da Lua, cada um na sua ponta, separados por outras pessoas. A luz branca reflectia-se nos seus rostos, a cidade à volta deles girava apressada e barulhenta, agitando-se impaciente na ânsia do regresso a casa ao fim do dia. Mas era como se, momentaneamente, eles os dois estivessem fora do mundo, a comunicar um com o outro por sinais, indiferentes a tudo o resto.

Ele surpreendeu-se a observá-la quando a descobriu por acaso, ali na paragem do autocarro. Ficou logo preso a ela, a adivinhar o seu nome, a calcular a idade, a imaginar onde trabalharia. Inicialmente, ela não pareceu reparar nele, mas depois houve um momento em que os seus olhos se encontraram e ela demorou um ou dois segundos a mais a desviar a atenção, como que tomando nota de que ele estava ali. Ele sentiu-se encorajado a abordá-la, pensou em aproximar-se e fazer um qualquer comentário ocasional, dizer uma piada, mas não lhe saiu nada, pelo menos nada que servisse como princípio de conversa e que não o fizesse parecer um perfeito idiota.

Trocaram olhares furtivos por entre as cabeças de permeio, demonstrando interesse um pelo outro, mas sem se atreverem a mais, pois, afinal de contas, eram apenas dois desconhecidos na multidão. Ele esperou que ela lhe sorrisse e ela esboçou um sorriso tímido logo depois de os seus olhos voltarem a cruzar--se, um instante depois de desviar o olhar. Tenho de a conhecer, pensou ele, decidindo-se e enchendo-se de coragem, pronto para fazer figura de parvo se tivesse de a fazer, arriscando-se, mesmo que ela rejeitasse a sua abordagem. Mas então o autocarro chegou e o encanto quebrou-se. Ela levantou-se, as outras pessoas levantaram-se, ele levantou-se, sem ter possibilidade de se aproximar, travado por uma parede humana.

As portas do autocarro abriram-se com um suspiro quente. Já vinha cheio. Ela estava à frente e entrou, juntamente com outros dois passageiros, mas não restou lugar para mais ninguém. Logo a seguir as portas fecharam-se e eles ficaram ali suspensos um no outro, separados pelo vidro, ao alcance de um braço, de uma mão. Ela sorriu-lhe abertamente, ele sorriu-lhe, o autocarro

retomou a marcha, ela partiu, ele ficou... ficou a odiar-se por ter deixado escapar a sua oportunidade, a pensar ainda na frase que pretendia dizer-lhe se tivesse tido oportunidade: vem sentar-te comigo na Lua...

Um intervalo na vida

O Sol vai descendo lentamente no horizonte. Sentado na areia, ele fixa os olhos no mar, na linha onde o oceano se encontra com uma explosão de cor que pinta o céu com uma nostálgica luz laranja. Um vento mágico levanta uma nuvem de areia rente ao chão. Ondas gigantes assaltam a praia, desfazendo-se com estrépito numa espuma branca. Uma prancha tardia com uma vela insuflada pelas rajadas de vento vai ao encontro das ondas e voa por cima delas, ligeira, evitando as suas garras brancas.

Com a mão em concha a proteger a frágil chama do isqueiro, ele acende um cigarro ao fim de várias tentativas. Ali na praia, preso a um encantamento, regista espantado todos os pormenores daquela beleza selvagem.

Ela atravessa o areal devagar, enterrando os sapatos na areia, com os braços cruzados sobre um casaco de algodão azul para se proteger da humidade que enche o ar frio do final da tarde, agora que o Sol é uma bola bem definida e flamejante mas fraca que se põe ao largo. Tira os sapatos porque quer sentir a areia fria nos pés e caminha um pouco pela praia adentro, na direcção do mar, sentando-se também a observar a imensidão que o horizonte alcança.

Estão assim os dois sentados, a pensar. Ele a fumar, ela simplesmente a olhar. Em silêncio. Passou um mês desde que se conheceram. Durante esse tempo, descobriram-se, gostaram um do outro, tornaram-se inseparáveis, horas a fio à conversa ao telefone, pela internet. Hoje ele sabe tudo sobre ela, os seus gostos, os seus hábitos, as suas virtudes, as suas vulnerabilidades, os seus desejos e os seus medos. E ela sabe tudo sobre ele, donde vem e para onde deseja ir. Durante esse mês foram só um para o outro, como se não houvesse mais ninguém nas suas vidas, como se nada estivesse entre eles e pudessem ficar juntos para sempre. Durante esses dias secretos fingiram que não havia complicações, que não tinham compromissos, responsabilidades, que podiam ser felizes juntos. Riram-se apaixonadamente das pequenas piadas, tiveram longas conversas, demoraram sempre a dizer até amanhã, prolongando sempre o momento mais um bocadinho, tardando a separação com mais uma palavra, mais um beijo. Mesmo afastados, caminharam pelos dias com a consciência um do outro, ele lembrando-se dela a propósito de nada, com um sorriso no pensamento, ela guardando sempre algo que lhe

ocorria para lhe dizer mais tarde.

Agora o Sol está a metade entre o mar e o céu. Ele apaga o cigarro a pensar que chegaram ao fim. Ela agarra um punhado de areia fina e deixa-a escapar por entre os dedos como uma ampulheta a marcar um último minuto. Não há mais ninguém na praia. Ele não tira os olhos do oceano, ela também não. Estão sozinhos, mas prestes a regressar às suas vidas, lamentando que o destino não os tivesse cruzado mais cedo, muitos anos mais cedo, quando ainda teriam ido a tempo de construir um futuro comum. Assim, sabem que só lhes resta dizerem adeus e ficarem com aquele mês, aquele intervalo nas suas vidas, como uma recordação feliz, uma saudade para todo o sempre.

Num impulso, ele usa o telemóvel para tirar uma fotografia aos raios de sol que se extinguem e envia-a para ela com a mensagem, estou na minha praia. Ela recebe a mensagem, sorri, faz o mesmo e envia-lhe a fotografia com a mensagem, e eu estou na minha. A praia dele é perto de Lisboa, a praia dela fica perto do Porto. Tal como ao longo das últimas semanas, estão separados pelo espaço e pela vida, mas sentem-se tão juntos como se se pudessem tocar.

Facebook

Em cima da mesa da sala de jantar, um monitor de computador é a ligação com um mundo invisível que está para lá das paredes da casa dela. Vive sozinha e sentir-se-ia ainda mais sozinha se não comunicasse com os outros através do computador. Passa horas agarrada ao teclado, à sua página do Facebook, a *conversar* com os amigos que estão algures, frente aos seus monitores, a deambular pelo mundo virtual. Entre as tarefas do dia, em casa, no trabalho, vai regressando ao computador para verificar as novidades, o que se vai dizendo, para escrever um comentário ou outro, para partilhar um pensamento, uma emoção. Quanto mais triste se sente mais alegria transmite. Ninguém precisa de saber que não é feliz. Nos dias de hoje, a felicidade é uma obrigação, talvez porque as pessoas não se sentem atraídas pela infelicidade alheia. Por isso, escreve para quem quiser saber que é muito feliz e coloca comentários divertidos que logo suscitam reacções divertidas.

A sua vida não se resume a isto, evidentemente, mas já não passa sem aquela janela para o mundo invisível, onde pode vestir o fato de qualquer personagem que decida ser, não obstante a realidade que pisa habitualmente. Tem a vida que tem e a que quer transmitir aos outros, não se sente tão isolada e pode fingir que não lhe faz falta o amor de alguém.

A televisão está ligada sem som no canto da sala. A televisão não fala com ela, não lhe faz a mesma companhia. Hoje é sábado e apeteceu-lhe sair para jantar e estar com os amigos ou, melhor ainda, ter um convite de alguém especial, enfim, de alguém, mas não surgiu nada, de modo que janta à frente do computador. Escolhe uma música no You Tube, *In my secret life*, de Leonard Cohen, e escuta-a enquanto cisma com a vida. Pensa sempre muito em si, sem se aperceber quanto. Se não estivesse sozinha não seria assim, ou será por ser assim que está sozinha? Não interessa, não é nisso que pensa. Come sem ligar ao que vem no garfo, a ponderar mais uma vez se terá desperdiçado todas as suas oportunidades, se fez as escolhas acertadas ou se se perdeu algures no passado quando nada lhe chegou, na ânsia de uma vida perfeita. Depois anima-se com uma certeza: Claro que não, pensa, claro que pode fazer sempre melhor, conseguir melhor. Encolhe os ombros, vira-se para o computador, onde encontra os amigos de sempre. Também eles ficaram por ali, sem mais nada... Num impulso, desafia-os todos a juntarem-se a ela numa

esplanada. E assim, nessa noite, onze amigos que nunca se tinham visto reúnem-se pela primeira vez à roda de uma mesa, tomam uma bebida e conversam e riem de viva voz na companhia uns dos outros.

Uma noite no bar

De um bar de portas abertas soltam-se as notas de um piano tocadas por m

I beg your pardon dear

Encostado ao balcão, ele embala o gelo no copo de uísque. Tem um cigarro esquecido a queimar entre os dedos. Pensa nela, espera-a sem saber se vem.

Da janela ao fundo do bar chegam-lhe rumores de vidas alheias, gargalhadas, passos na calçada molhada de uma chuva recente que lhe atraem o olhar. Dois vultos fugazes passam lá fora de braço dado, ficando-lhe registados na retina como uma fotografia tremida ao piscar do néon azul, branco, violeta, que ilumina as letras gastas do nome do bar.

Ele pensa nela, imagina-se a dançar com ela enquanto espera sem saber se ela vem.

O pianista canta do fundo da alma:

I'm just a scarecrow without you

Baby, please don't disappear

I beg your pardon dear

Ela surge à porta, dá alguns passos no interior do bar, pára à beira das mesas vazias para que os seus olhos se adaptem ao ambiente escuro. Ali parada, consegue ver a luz amarela que incide sobre o pianista. Vê as suas mãos tranquilas correndo ao de leve sobre o teclado, ouve a sua voz profunda:

I didn't mean those things I said

You are the landscape

Of my dreams

Ela localiza-o no outro lado da sala, encostado ao balcão, a fazer-lhe sinal com o braço levantado, um copo na mão, como que a brindar, saudando a sua chegada.

Ele segue-a com os olhos à medida que ela se aproxima por entre as mesas.

Traz um vestido cor de areia, justo na cintura, que brilha ligeiramente no escuro, o cabelo apanhado, brincos, duas luas cheias nas orelhas, um sorriso triste.

Juntam-se num longo abraço, o pianista canta:

I beg your pardon dear

Ele pousou o copo no balcão, apagou o cigarro, segura-a pela mão, leva-a para o centro da pequena pista redonda, vazia, estreita-a contra si passando-lhe os braços pela cintura. Ela passa os seus à volta do pescoço dele.

Dançam assim, devagar.

Ela esconde o rosto nele. Ele sente-a respirar no seu pescoço, sente-lhe o perfume no cabelo. Depois ele fá-la rodopiar numa volta lenta e segura-a pela mão quando ela se desequilibra ao rodar sobre os sapatos, a rir-se. Puxa-a e ela volta para ele.

Continuam abraçados depois de a música acabar, desejando prolongar a madrugada que se aproxima do fim. Pensam que poderiam ficar sempre assim, mas a noite está a terminar e com ela a magia. Amanhã volta tudo ao normal. Ela pensa gosto tanto...

Ele pergunta-lhe danças mais uma comigo?

Ela responde-lhe claro que sim, ainda estamos aqui, ainda estamos a dançar.

Uma longa viagem

Ela faz as malas para ir ao encontro dele, para partir de vez, tomando um novo rumo. Arruma as suas coisas e, enquanto o faz, enquanto dobra a roupa e a coloca empilhada no interior da mala, vai pensando no que vai fazer, na decisão que tomou e a aventura que isso representa. Conhece-o há poucos meses mas só tem uma certeza, de que não pode viver sem ele. Por isso prepara-se para uma longa viagem, a maior que jamais empreendeu, a de uma vida nova. Sente-se dividida entre a excitação da felicidade e o medo do desconhecido. O seu coração bate num frenesim, as mãos tremem de nervos, incertas, o espírito anima-se de coragem, procurando não pensar em tudo o que poderá correr mal e só querendo prender-se à certeza da felicidade que a espera. Diz a si própria que a decisão está tomada e não vai permitir-se desanimar com pensamentos negativos, derrotistas.

Entra pela madrugada ocupada com questões práticas, arrumações de última hora, riscando um a um os artigos de uma lista de coisas que não quer esquecer. Quando se dá por satisfeita, vai tomar um duche demorado com um sorriso nos lábios. É bom saber que tem tudo pronto, pois fá-la sentir-se preparada. Deita-se tarde. É a última noite nesta casa, nesta cidade. Deita-se cansada mas demasiado excitada para adormecer, de maneira que vai até de manhã a sonhar acordada com a vida que tem pela frente e só cai no sono quase à hora do despertador anunciar a hora marcada. Acorda ensonada e com o mesmo cansaço pendente da noite passada, mas encorajada pela promessa da novidade.

Olha para trás antes de fechar a porta de casa, observando os resquícios dos últimos anos, os móveis, os quadros, tudo aquilo que lhe parece ter sido uma vida inteira, um lugar onde se sentia segura. Deixa escapar um suspiro, abana a cabeça como quem se questiona o que é que eu vou fazer, faz um sorriso desafiador, fecha a porta, roda a chave e parte.

Atravessa o país a dormir com a cabeça apoiada no braço, à janela, enquanto o comboio avança. Mais para o fim da viagem já está bem desperta e nervosa, numa ânsia de expectativa. Quanto mais perto do destino mais se pergunta se não terá cometido um erro, se não se terá precipitado, se não voltará a falhar, se, se, se...

Desce do comboio com duas malas e um saco, avança a custo ao longo do

cais, lutando com a própria bagagem, tropeçando nela, sem saber se é isso que a irrita se é o receio que a enerva. Mas depois avista-o lá ao longe no fim do cais e ele avança para ela sorridente e, quando se encontram, abraça-a, beija-a e diz-lhe que bom que é estares aqui finalmente, e, nesse instante, todos os receios, dúvidas, nervos se dissipam num encantamento, numa certeza de que tomou a decisão correcta.

Despedida

Depois de o comboio partir, de ela ter ido, depois do derradeiro beijo com a máquina já em movimento, ele fica ali, na estação, ainda uma hora, a despedir-se dela, a pensar nela com a saudade deixada a pairar na memória do seu perfume, do último abraço. Fica ali, preso à nostalgia da partida, a tomar um café com o cais de embarque à vista, observando outros casais que se separam com os comboios que seguem viagem e outros que se reúnem com os comboios que chegam.

Para trás ficam umas férias encantadas, só os dois, juntos, com aquela sensação feliz de perenidade que perdurou enquanto, nos braços um do outro, garantiam que era para sempre sem se quererem lembrar de que era só por uns dias. Nesse tempo exíguo passearam por muitos lugares, mas faltar-lhes-ia ainda uma vida inteira para continuarem a passear, a visitar todos os recantos de todos os lugares que sonharam ver sem a ansiedade dos dias contados.

Ali sentado na esplanada que dá para o cais da estação, ele dá consigo a recordar-se dos momentos bons que passou com ela, das conversas exclusivas, das mãos dadas ao final da tarde numa praia, de uma piada trocada entre os dois, de uma gargalhada. Lembra-se de cada pormenor do seu corpo, de passar as mãos pelo seu cabelo comprido acabado de lavar, do seu sorriso único, do seu sentido de humor. Revê-se a abrir os olhos e a descobri-la ao seu lado ao despertar da manhã numa cama demasiado pequena para tanto amor.

Um dia, há não muito tempo, ela disse-lhe que não poderiam ficar juntos, que não acabariam um com o outro, pois iam demasiado adiantados na vida e estavam ambos presos às escolhas do passado, mas depois o desejo foi mais forte do que a razão, depois ela não quis saber de nada e veio e, observando agora os namorados que se despedem à porta do comboio, ele pergunta-se quando a voltará a ver e decide que, não obstante as contrariedades que os separam, quer ir ao seu encontro e irá mesmo, inevitavelmente, reencontrá-la em breve.

Acaba o café sem pressa de deixar o lugar onde a viu pela última vez, levanta-se, encaminha-se para o átrio da estação, olha ainda para trás, espreitando por cima do ombro como se fosse possível ela não ter partido e estar ali, algures no cais, à procura dele. Depois vai-se embora, assegurando-

se de que tem o telemóvel na mão e de que está ligado.

Quando o comboio partiu ele tentou dizer-lhe uma última palavra, uma última recomendação, mas as portas já se tinham fechado e ele deu consigo a pensar o que não lhe conseguiu dizer: telefona-me quando lá chegares.

O príncipezinho e a raposa

Noutro tempo não muito distante – quase ontem, na verdade – ele citava-lhe uma passagem do Príncipezinho a ouvir a raposa. Dizia-lhe:

«Se vieres, por exemplo, às quatro horas, às três já eu começo a ser feliz. E quanto mais perto for da hora, mais feliz me sentirei. Às quatro em ponto já hei-de estar toda agitada e inquieta; é o preço da felicidade! Se vieres a uma hora qualquer não saberei quando hei-de arranjar meu coração, pô-lo bonito.»

Em breve ela já não virá a hora nenhuma, prepara-se para partir, de vez. Num dia muito recente ela também estava de partida, mas ele pediu-lhe: Não partas hoje, fica comigo esta noite. E ela, só porque ele lhe pediu, suspendeu as responsabilidades, adiou a vida e ficou. E assim tiveram uma noite mágica, melhor do que a vida toda.

Saíram pela noite, passearam de carro pela cidade, apreciando as luzes da cidade em festa, passearam por ruas movimentadas, com multidões à porta dos bares; atravessaram outras adormecidas, vendo de relance montras de lojas iluminadas. Sentaram-se a partilhar uma bebida numa esplanada à beira do rio, reparando nos navios que passavam ao longe debaixo da ponte, no reflexo prateado da Lua nas águas calmas do Tejo. Sentaram-se com as mãos dadas, escutando uma música deles, conversando olhos nos olhos, rindo-se juntos, observando-se com o deslumbramento da novidade, descobrindo-se um pouco mais. Dançaram abraçados numa discoteca uma música lenta, antiga, sentiram-se como se tivessem quinze anos, beijaram-se como adolescentes apaixonados e cheios de esperança um no outro. Namoraram, só os dois perdidos na noite, sem pressa para nada, seguros de que, enquanto prolongassem aquele momento, enquanto retivessem o tempo, tudo estaria bem. Em contrapartida, voltaram para casa e amaram-se com urgência, tiveram-se com paixão.

Adormeceram juntos de madrugada, despertaram juntos na manhã seguinte, sorriram, pensaram aliviados ainda aí estás.

Um dia, não muito distante, ela também lhe citou uma passagem d'*O Príncipezinho*. Disse-lhe:

«Para mim, não passas, por enquanto, de um rapazinho em tudo igual a cem mil rapazinhos. E eu não preciso de ti. Para ti, não passo de uma raposa igual a cem mil raposas. Mas, se me cativares, precisaremos um do outro. Serás para mim único no mundo. Serei única no mundo para ti.»

Depois ele cativou-a. Mas agora ela prepara-se para partir, vai para longe e já não estará a hora nenhuma. Vai com o coração vazio e ele fica, com o coração vazio. Ela já não esperará por ele porque a vida não permite, mas ele fica a pensar se voltares um dia, no dia anterior já eu começarei a ser feliz.

Amor efémero

Um dia, mais tarde, vários anos depois de um amor eterno que acabou sem esperança, encontram-se por acaso num café onde costumavam ir. Como estão ambos sozinhos, sentam-se na mesma mesa de antigamente a tomar uma bica saudosa. Para matar saudades, diz ela, divertida com a coincidência de se acharem ali inadvertidamente.

Pedem um café ao mesmo empregado de antigamente, este afasta-se e ficam a observar-se em silêncio, momentaneamente sem nada que dizer, sem palavras para exprimir a sua perplexidade, sopesando os anos que passaram sem se verem, recordando aquela altura em que não havia mais nada, mais ninguém, para eles, senão os dois.

Valeu a pena?, pergunta-lhe ela de chofre, ainda a sorrir, já sem a mágoa que os anos se encarregaram de diluir.

Valeu a pena o quê?, interroga-a ele, sem ter a certeza onde quer chegar.

Teres-me deixado. Nunca te arrependeste?

É difícil dizer, afirma, não sei se teria sido mais feliz se tivesse ficado contigo. Mas é bem possível que sim, admite.

Ela assente com a cabeça, sem dizer nada, concentrada na tarefa de deitar açúcar no café, de o mexer, pensativa, mas não lhe faz mais perguntas. O que lá vai, lá vai, pensa, sabendo que seria incapaz de voltar a amá-lo depois de ele ter traído o amor deles, de ter quebrado uma união tão forte que os obrigava a procurarem-se com uma desesperada e intensa felicidade. Mas um dia ele desistiu e ela percebeu que a tinha enganado, mentira-lhe, pois só estivera preso a uma emoção e a nada verdadeiramente perene.

Enquanto ali estão, falam deles, das suas vidas, do que fizeram, do que andam a fazer, põem a conversa em dia. Depois despedem-se com um beijo simples de amigos, com uma promessa de tomarem outro café em breve, sabendo ambos que não é para cumprir, que isso não acontecerá.

Separam-se à porta, vai cada um para seu lado. Está a choviscar e ele sobe as abas do casaco, encolhe-se, afasta-se a correr em direcção ao carro. Ela, sem pressa, recusou uma boleia, abre o chapéu-de-chuva e põe-se a caminho. Pára à beira do passeio, à espera do verde para os peões, a meditar na indiferença que ele lhe provocou hoje, espantada com o amor que lhe tivera no passado, quando se lembrava dele por tudo e por nada, a todas as horas do

dia. Reflecte em como tudo é efémero, até o amor vivido com uma entrega total. A paixão esfumou-se e, por ele, só lhe resta uma ténue estima, uma leve nostalgia. O sinal muda, ela abana a cabeça a sorrir sozinha, desconcertada, atravessa a rua e, ao chegar ao outro lado, já vai distraída a pensar no que tem de fazer a seguir.

Encontro acidental

Sentado ao balcão do bar do hotel, com um copo de uísque a rodar numa mão distraída, ansiando por um cigarro proibido, sente-se sozinho num país desconhecido, onde não tem senão umas supérfluas relações de trabalho.

Instalada num cadeirão confortável, à frente de uma mesa baixa onde há uma xícara de café vazia, meia tosta mista esquecida num prato pequeno, ela suspira incomodada com o seu próprio silêncio e com a falta de alguém com quem falar descontraidamente depois de um dia de reuniões exigentes. Tem um livro aberto com a capa para cima pousado no colo e nenhuma vontade de o ler. Naqueles momentos, o seu pensamento regressa sempre a um amor distante com quem foi feliz. Depois de várias tentativas falhadas, não voltou a sê-lo.

Ao fundo, um pianista caprichoso toca de olhos fechados para a sala quase vazia. A seu lado, num banco alto, uma mulher jovem embala com a voz a música que ele acompanha,

You're just too good to be true

Can't take my eyes off you,

You'd be like Heaven to touch.

I wanna hold you so much.

Atrás do balcão, o empregado troca-lhe o copo vazio. Ele bebe um gole, volta-se no banco. Ao fazê-lo, os seus olhos fixam-se nela sentada à mesa, e repara que tem no colo um livro português. Ela sente-se observada, levanta a cabeça e os seus olhos cruzam-se com os dele. Ele cumprimenta-a com um leve aceno de cabeça mudo. Ela corresponde-lhe com um sorriso cerimonioso, desviando logo o olhar.

Enquanto ele se aproxima, ela corrige instintivamente uma madeixa do cabelo, alisa a saia com a mão. Acercando-se dela, diz-lhe, apontando para o livro, reparei que é portuguesa. Também sozinha neste país estranho? Também, admite ela, encolhendo os ombros numa fatalidade. Posso fazer-lhe companhia?, pergunta-lhe, ao que ela responde indicando-lhe o cadeirão vazio ao seu lado. Ele senta-se, apresenta-se, ela está a tomar notas mentalmente, percebe que veste um fato de qualidade, camisa a condizer com a gravata,

tudo com muito bom gosto, que não usa aliança.

Ele fala sem deixar cair a conversa, enquanto pensa vamos lá ver o que isto dá. Ela pensa o mesmo, acha-lhe graça, mas decide logo que não quer mais aventuras de uma noite só.

Ao fundo, a mulher canta,
But if you feel like I feel,
Please let me know that it's real.
You're just too good to be true.
Can't take my eyes off you.

No final da noite separam-se no elevador com um pequeno-almoço combinado e ela vai para o quarto entusiasmada, a cantarolar a mesma música, a perguntar-se se um dia aquela vai ser uma música para relembrarem os dois o início de alguma coisa que foi mais do que isso.

Ficarão juntos?

Ela telefona-lhe com saudades, diz-lhe sinto a tua falta, sinto falta das nossas conversas, nunca mais me falaste, porquê? A frase sai-lhe como um lamento. Ele responde-lhe não sei porquê, seguimos caminhos diferentes, só isso. Ele soa a desapontamento. Custa-lhe aceitar que tivessem deitado tudo a perder, que não tivessem conseguido sobreviver às contrariedades. A ela também, ouvi-lo outra vez é como escutar uma música antiga que ficou para sempre na cabeça, no coração, como uma nostalgia que a invade com a triste sensação de perda.

Ela hesita, ouve o silêncio na linha, a ponderar o que dizer a seguir. A sua mente corre aflita, um turbilhão de pensamentos bloqueia-lhe as palavras, pensa que quer voltar a vê-lo, mas receia o fracasso, pensa que, de qualquer modo, já estragou tudo e ele não a vai aceitar nunca mais. Gostava de admitir os erros do passado, partilhar com ele o que tinham falhado, mas isso não consegue fazer. Por orgulho, por ressentimento, por alguma razão mais forte do que ela, não consegue.

Ele não diz nada, espera apenas que ela diga algo mais, espantado com o seu telefonema inesperado. Faz tempo que não se vêem, que não se falam sequer. Tem tantas coisas para lhe dizer, tudo o que lhe aconteceu entretanto e não lhe contou, as saudades que sentiu, que ainda sente. E no entanto limita-se a preencher o silêncio com um gesto: acende um cigarro. Ela escuta o barulho familiar do isqueiro, ouve-o a deitar fora o fumo, imagina-o sem pressa, à espera que ela diga o que pretende, que justifique o telefonema.

Tenho saudades de falar contigo, volta ela a dizer. De que nos serve isso?, pergunta ele.

Não sei, só sei que sinto falta de falar contigo, de te contar o que se passa comigo. O que te leva a pensar que eu quero saber o que se passa contigo?, diz ele, arrependendo-se logo da resposta instintiva.

Ela sente-se tentada a responder-lhe na mesma moeda, de desligar o telefone e desistir, mas resiste ao impulso, controla a irritação. Olha, diz, receio bem que não queiras. Foi por isso que não te telefonei antes, porque nunca mais quiseste saber de mim. Mas, apesar disso, queria que soubesses que me fazes falta.

Ele leva o cigarro aos lábios, inspira o fumo, deita-o fora, a remoer as

palavras dela.

Foste tu que não quiseste saber mais de mim, afirma, consciente de que está só a devolver-lhe a recriminação e que isso não os leva a lado nenhum, só os faz andar às voltas, tal como antigamente.

Tens razão, foi mútuo, concede ela, conciliadora. Foi, admite ele.

E se nos encontrássemos para um café?, sugere. E depois, pergunta-lhe ele, falamos do que não tem conserto?

Eu liguei-te, dei o primeiro passo, dá agora tu o segundo comigo, sem censuras, sem acusações. Não podemos esquecer o passado, replica-lhe. Mas podemos ultrapassá-lo. Diz que sim, por favor, é só um café, insiste ela.

Só um café, avisa-a. Sim, está bem, concorda ela.

Ela, com a garganta apertada num nó, pensa valerá a pena? Ele, desconfiado, pensa estou a perder tempo. Mas, ainda assim, marcam um encontro sem saberem que destino se reservam. Ficarão juntos?

Estranhos íntimos

Ali estão os dois, sentados frente a frente, separados pela distância cautelosa de uma mesa de permeio. Ele não estende o braço para agarrar a mão dela como antigamente. Ela não faz nada para o incentivar. Observam-se apenas, entrecortando o silêncio com alguns, espaçados, comentários de circunstância, como se não se conhecessem intimamente, não tivessem tido uma relação, não tivessem feito amor numa outra vida.

Sentem-se dois estranhos acabados de se conhecer. Tudo o que foram juntos parece-lhes que se passou há uma eternidade. E no entanto, bastou-lhes reencontrarem-se para se reconhecerem. Ele ainda se lembra do perfume dela, dos seus olhos; ela ainda sabe de cor todos os traços do rosto dele; ambos conhecem as particularidades um do outro: a forma como se riem, o que os faz rir, o que gostam e o que não gostam, as expressões que usam, os comentários que faziam e que tinham um significado particular, só deles. Sentem-se como desconhecidos que sabem tudo um do outro.

Pediram cafés, o empregado vem com a bandeja e serve-os, com açúcar para ela, com adoçante para ele. O empregado retira-se e eles trocam os pacotinhos com um sorriso cúmplice. Baixam os olhos enquanto mexem o café, ele demora-se um pouco mais, ela observa-o atenta aos pormenores, estuda o silêncio dele, na ânsia de lhe ler os pensamentos. Ele levanta os olhos e sorri-lhe, um sorriso aberto que dissipa uma nuvem. Ela retribui-lhe um rosto iluminado.

Então, começam a falar com a alegria de sempre, abandonando progressivamente a cautela. Ela fá-lo rir-se, ele também; ela desperta nele memórias de outra época, sentimentos que o levaram a apaixonar-se; ele fá-la sentir-se em casa, feliz, como era.

Conversam sem darem pelo tempo que pára, uma, duas horas seguidas, evitando o que os separou, as feridas do passado. Divertem-se, entendem-se com facilidade, mas a vida não parou e já não estão no mesmo ponto em que ficaram. Separaram-se, de facto, e parece-lhes inverosímil que um dia tivessem tido a certeza inabalável de que nada neste mundo os poderia afastar um do outro. E quando voltam a olhar para o relógio e regressam à terra, quando comentam ui, é tão tarde, tenho de ir, pois, eu também, o sorriso esbate-se lentamente nos seus lábios e ambos sentem a nostalgia de um tempo

que não se repete, de uma cumplicidade que escondiam, de um amor incondicional que ficou pelo caminho, como tantos outros amores jurados com alma e coração.

Quando se despedem já não é com um beijo distante, como à chegada, mas com um abraço apertado. Não combinam outro encontro, não fazem promessas. Foi bom rever-te, diz ele. Ela fecha os olhos um segundo, enquanto assente com a cabeça. Também gostei muito, afirma. Ele estica o braço, segura-lhe a mão como antigamente, sorriem, olhos nos olhos, ela recua um passo, as mãos largam-se devagar, ela faz uma expressão engraçada, triste, que quer dizer é a vida, ele imita-a com um encolher de ombros exagerado. Partem, cada um para seu lado, perguntando-se se vão repetir em breve.

Temporal passageiro

Ela pensa nele, sabe que ainda não o deixou realmente e já sente a sua falta. Sente saudades dos passeios à beira-mar, das conversas que os uniam nos momentos em que estavam juntos e não pensavam se eram só momentos, do tempo que se prolongava à mesa do restaurante que preferiam, das noites de amor em que amanheciam abraçados.

Acorda a pensar nele e vai pelo dia fora a recordar-se dele, como uma música de que gosta e não lhe sai da cabeça. Fecha a porta de casa, sem destino certo, e dá por si a percorrer as mesmas ruas, passando pelos mesmos locais onde estiveram os dois tantas vezes que já chamavam seus. Nisto, levanta-se um vento premonitório, uma nuvem negra esconde o céu claro da manhã e começa a chover. De um momento para o outro, cai um aguaceiro tremendo, a rua transforma-se num rio, a água transborda pelo lancil do passeio, arrasta as esplanadas e espanta os clientes desprevenidos que ainda há pouco aproveitavam o sol daquela manhã de Inverno. Apanhada de surpresa, ela corre a abrigar-se debaixo do toldo de uma loja, que resiste à tempestade, e ali fica, sacudindo as gotas de água antes que lhe ensopem a roupa, esperando que a nuvem se vá. Afunda as mãos nos bolsos do casaco comprido, bate os pés no chão. Tem as botas encharcadas e a batinha das calças de ganga escurecidas da água que pisou, na precipitação da fuga no início da chuva.

A poucos metros dela, vê passar um casal que desafia a tormenta debaixo de um frágil guarda-chuva com o padrão da bandeira inglesa, demasiado pequeno para tanta chuva. No entanto, eles marcham a passo certo, descontraidamente, seguindo o seu caminho. A mulher segura o guarda-chuva, usa um chapéu a proteger-lhe a cabeça, leva uma carteira vermelha dependurada; o homem tem o braço por cima dos seus ombros. Debaixo do toldo, ela observa-os com um sentimento nostálgico. Ao fundo, para lá daquele casal, vislumbra a luz do sol que já lhes recorta a silhueta. Também ela, há pouco tempo, percorreu aquela rua abraçada ao seu amor. Mas agora está sozinha, desolada, presa a uma decisão que tomou mas que não a satisfaz.

A chuva pára, tão depressa como começou, o Sol emerge das nuvens, libertado, volta a brilhar e reflecte-se no passeio molhado, fulge na chapa dos carros. No bolso dela, o telemóvel toca, tira-o para fora, vê que é ele, solta um suspiro, sorri, atende, ouve-o dizer tenho saudades tuas, ouve-se dizer eu

também e logo começa a contar-lhe, entusiasmada, da chuva que a apanhou de surpresa, um verdadeiro temporal de pouco minutos, diz. E depois, sem mais, continuam a conversar como sempre fizeram e ela, aliviada, pensa na separação como se tivesse sido, também e só, um temporal passageiro.

Desencontro

A coisa que ele mais detesta são os caprichos de mimo da namorada. A certa altura desliga-lhe o telemóvel na cara e depois, chateado com ela e consigo próprio, pondera, muito justamente, que acaba sempre por tratá-la mal por não ser tolerante. Suspira, quer telefonar-lhe de volta, fazer as pazes, mas não é capaz, nunca é, fica sempre à espera que ela ligue e arranje as coisas outra vez. Que se lixe, pensa, ela é que estragou tudo. O telemóvel toca, precipita-se para o atender, não é a namorada, é Joana, atende, olá, Rodrigo, estava aqui a pensar se não queres vir buscar-me para fugir contigo. Claro que sim, porque é que demoraste tanto tempo a telefonar? Oh, porque... sei lá, vens ou não vens? Vou, vou a caminho.

Jantar numa varanda sobre as águas escuras do Tejo, rasgado pelas luzes flutuantes do tráfego nocturno, vinho tinto, cafés, cigarros. Um momento bom, suspenso num intervalo da vida. Então, pergunta ele, e a vida? A vida vai, responde ela. Vai, não é? Nota ele. Ela, nostálgica, sopra uma corrente de fumo cinzento para a noite. Que remédio, não é?, diz depois. Que entusiasmo, comenta ele. Podes crer, suspira ela. Não estás satisfeita? Estou pois, ele é um querido. Certo, não estás feliz, portanto. Porra, Rodrigo, o homem dá tudo o que tem e o que não tem para me fazer feliz, vou-me queixar de quê? Exacto, que se lixe o amor e esses detalhes que nos distraem das coisas práticas, replica ele, sarcástico. O amor de quem? Pergunta-se ela, pensativa, como que a falar sozinha. Aquela história da pessoa certa, sugere ele, não te diz nada? Liguei-te hoje, não liguei? Responde ela, sem reflectir. Ele faz uma pausa, pensa nisso, pergunta: eu sou a pessoa certa? Podias ser, sim, mas nunca chegaste a ser. Nunca chegámos a ser, corrige ele. Sim, ou isso, acho que andámos sempre desencontrados. Ele discorda, isso não existe quando queremos mesmo. Ela, tirando os olhos do rio, volta-se para ele, sorri-lhe no seu jeito sério. Olha, diz, vou contar-te uma coisa, um sentimento. Conta. Beijaste-me só uma vez, lembras-te? Sim. Esse beijo valeu mais do que todos os beijos da minha vida. Ele ri-se, sem saber o que dizer. Não te rias, protesta ela, é verdade. Não me estou a rir de ti, não sabia isso. É um segredo, não contes a ninguém. Não conto, prometo. Onde é que isto nos leva?, pergunta depois. A lado nenhum, responde ela, sorrindo, como que recuperando o ânimo, bebemos vinho, fumamos, conversamos, divertimo-nos quando

estamos juntos. Ele chega-se à frente na cadeira, inclina-se para ela, beija-a. Ela acrescenta: e também podemos fazer isto. Ele sorri. Foi tão bom como o primeiro? Foi melhor, responde ela. Mas?... pergunta ele, pressentindo um *mas*. Mas o homem faz tudo para me agradar. Ah, isso, mas ligaste-me hoje, não ligaste? Ela apoia os cotovelos na mesa, encolhe os ombros, diz que sim, liguei, enquanto apaga o cigarro no cinzeiro, demoradamente. O telemóvel dele toca, interrompendo o momento. É a namorada?, pergunta ela. É, responde ele. Pede desculpa, levanta-se, afasta-se para falar. *Pressentiu o perigo*, fica ela a pensar. Ele regressa, dez minutos contados. Desculpa, onde é que íamos? Não íamos a lado nenhum, lembras-te? Diz ela, mas a sorrir, não está chateada. Tudo bem com a namorada? Tudo resolvido, responde. Então, pronto, voltamos à nossa vidinha, eu fico com o homem, com a segurança, e tu com a namorada. É, concorda ele, acho que sim.

Uma e um quarto da madrugada, o carro parado à porta do prédio dela, a rua dorme, faz-se um silêncio, ela interrompe o embaraço: Gostei muito de fugir contigo. Eu também gostei muito de fugir contigo. Ela abre a porta, a luz do tecto acende-se e quebra a intimidade. Temos de fazer isto mais vezes, diz ainda, ele faz que sim com a cabeça, ela sai. Entra no prédio, carrega no botão do elevador a pensar que merda de vida esta, queria tanto ficar com ele, é o homem da minha vida. Entra no elevador, desanimada, limpa uma lágrima em cada olho, vê-se ao espelho, recompõe-se e prepara-se para entrar em casa. Ele fica à espera que ela entre no prédio e continua ali um bom bocado mais, sem arrancar, preso a uma perplexidade, a pensar sempre gostei dela, sempre gostámos um do outro, mas achámos sempre que a vida nos separava e era tudo demasiado difícil. Somos tão estúpidos... Olha para o relógio, suspira, engrena a primeira, arranca. Ficou de ir ter a casa da namorada e já está atrasado.

Não, sim, quer dizer... pois

Ela telefona-lhe, diz-lhe,

Preciso de ti, do teu amor, hoje mais do que nunca.

Ele estranha a sua declaração, pois não falam há muito tempo, pergunta-lhe,

Porquê agora, depois de quase um mês de silêncio?

Ela faz uma pausa, como que procurando as palavras certas, depois responde-lhe,

Porque sinto a tua falta.

Assim, de repente?

Assim, de repente.

Ele, confuso.

Disseste que não me querias, lembras-te?, diz, indignado.

Não percebeste nada!, reclama ela.

O que é que eu não percebi, exactamente? Foste muito clara: disseste-me acabou, não quero continuar contigo.

E, desde essa altura, estou à espera que me liganes e que digas que me amas, e não ligaste...

Porque disseste para não ligar!

E depois? Isso impedia-te de me contrariar?

Ele emudece, baralhado. Ela insiste,

Não me querias?

Claro que queria, sabias bem que sim.

Então, porque desististe tão facilmente?

E tu, porque desististe?

Eu não desisti, explica ela, só queria ter a certeza de que me amavas.

Mas eu amava-te, eu amo-te, tu sabes.

Mas preciso que me digas todos os dias, queria que não te importasses com o que te dizia e que lutasses por mim.

Rejeitaste-me só para eu lutar por ti, diz ele (é mais o reflexo da sua incredulidade do que uma pergunta).

Era um teste, diz ela, para reforçar a nossa relação.

E chumbei no teste.

Claro que chumbaste!

Disseste que não, mas querias dizer que sim.
Não, quer dizer, sim, disse-te que não mas dei-te a entender que sim.
Ele abana a cabeça, desconcertado,
Gostava de perceber o que vai na tua cabeça.
Não tentes, avisa-o ela, suspirando, porque às vezes nem eu sei.

Longe de ti

Ele partiu para longe em viagem de trabalho e deixou para trás uma dúvida entre eles. Telefona-lhe à noite de lá, do hotel.

Como estás?, pergunta-lhe.

Estou bem, responde ela, em casa, e a viagem, está a correr bem? A sua voz simula uma alegria que não sente, pois, embora feliz por o ouvir, já tem saudades dele.

Está tudo a correr bem, diz ele, mas tenho saudades tuas.

Eu também, ouve-a dizer com palavras sumidas, abafadas pela voz embargada por uma inquietação.

Faz-se um silêncio, sentido na linha. Ele muda de mão o telemóvel, volta-se na cadeira. Está sentado no bar do hotel, que dá para o átrio. Os seus olhos registam de relance a confusão da entrada de um grupo de turistas barulhentos que vêm a arrastar as malas e se dirigem ao balcão da recepção. Volta-se de novo para a frente, onde uma televisão por cima do bar está a dar notícias de um acontecimento actual que prende a atenção do mundo.

Depois ela começa a falar das suas preocupações pessoais, que gosta de desabafar com ele, de lhe pedir uma opinião, um conselho. Ele levanta-se e atravessa o átrio a ouvi-la, passa pela porta da entrada e sai para o exterior, onde nota a queda abrupta da temperatura. Lá fora faz um frio negativo, a que ele se sacrifica para poder fumar um cigarro enquanto fala ao telefone.

Dali a pouco, ela esgota o assunto, cala-se. Quando ele estava por perto, ela andava perdida numa angústia, dividida entre o amor que lhe tinha e as dificuldades que enfrentavam. A vida corria mais depressa que eles, ultrapassara-os, impedindo-os de serem felizes sem obstáculos, mas, assim que ele lhe anunciou que partia, sentiu uma imensa falta dele.

Tens mesmo de ir?, perguntou-lhe.

Tenho, confirmou, terminante.

Quando eu regressar, diz-lhe ele agora ao telefone, vamos fazer tudo diferente.

Vamos, concorda ela.

Vamos fazer com que a nossa vida resulte.

Sim, é isso que eu quero.

Tens a certeza?

Tenho, garante-lhe ela, agora tenho.

Ele diz que a ama, ela responde-lhe o mesmo, desligam. Antes, os problemas pareciam-lhes demasiado difíceis, mas hoje à noite, separados por milhares de quilómetros, percebem ambos que não podem viver afastados, que precisam um do outro e que não há problema, por maior que seja, que vá impedi-los de ficarem juntos.

A última mensagem

Ela contempla o rio, sentada num banco de pedra frente ao Cais das Colunas. Está um dia de sol e as gaivotas vêm em voo rasante aterrar no centro da praça monumental que há séculos se abre para o Tejo. Pousam em redor da estátua de D. José no seu magnífico cavalo de bronze e por ali ficam a disputar aos pombos as migalhas que os turistas deixam cair no rasto das suas deambulações pela Baixa.

Mas ela não repara no que se passa na praça. Está de costas e tem os olhos fixos algures num ponto incerto na outra margem do rio. Tem o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo prático. Hoje vestiu-se sem pensar, umas calças de ganga, ténis, um casaco branco por cima de uma *T-shirt*. Saiu de casa sem destino certo e foi dar ali, ao mesmo lugar onde esteve com ele tantas vezes. A mão direita apoiada no parapeito de pedra, segura o telemóvel onde ainda guarda a última mensagem que ele lhe enviou. Faz três dias que recebeu a mensagem, pedia-lhe tempo, e depois o silêncio.

Ela telefonou-lhe,

O que se passa contigo, perguntou-lhe.

Não sei, respondeu ele, preciso de espaço.

E ela em pânico, controlando a ansiedade, murmurou,

Dizias que me amavas.

Eu sei...

Ainda há dois dias me disseste.

Sim...

Mentiste-me.

Não te menti. Preciso de tempo, só isso.

E depois disto o silêncio, o insuportável silêncio que se arrasta há três dias. Ela pensa que sim, que ele lhe mentiu. Sente-se rejeitada, preterida, e esse é o pior sentimento de todos, apesar de ainda se agarrar a uma esperança, de se querer convencer que vai correr tudo bem. Mas no fundo não acredita nisso.

Um dia, daqui a um ano talvez, dois anos, quem sabe, já não pensará nele e será de novo livre, mas agora está ainda presa a uma angústia sem remédio, enquanto ele, distraído na sua vida, provavelmente já seguiu o seu caminho sem se aperceber do sofrimento que deixou para trás. O amor é egoísta

quando se esfuma. Ele já não precisa dela, abandonou-a.

Uma gaivota pousa na coluna ali perto e, por momentos, ela abstrai-se da sua tristeza. A gaivota observa-a, curiosa, e ela pensa que, às vezes, só lhe apetece ter asas também, voar para longe de tudo, de todos, mudar de vida, libertar-se dos sentimentos que a magoam.

Ontem o amor era uma felicidade, hoje é uma prisão.

Amor condenado

Quando a tarde termina, o céu abre-se sobre a cidade e um sol frágil irrompe por entre as nuvens douradas que se dispersam lentamente a favor de um vento suave. Ele observa a noite a descer pelos prédios, as sombras que crescem, pesadas, os candeeiros que se acendem, repara no movimento, nos passos abafados de transeuntes ensimesmados, nota o ambiente soturno que o rodeia, enquanto a espera numa esquina da rua dela. Ela vai ao seu encontro, vai dizer-lhe que não o quer mais. Leva uma lágrima fácil, um embaraço que a deixa contristada. Saiu de casa, desceu a rua, parou a meio para respirar fundo, ganhar coragem, retoma o caminho.

Ele permanece encostado ao carro a pensar nela, consciente de que vai perdê-la. Não é a primeira vez que o abandona e não é a primeira vez que ele não desiste dela. O que ela deseja não é claro para ele. Quer amor, diz, sentir-se feliz, e ele não tem tudo o que a faz feliz. Já antes o apagou da sua cabeça, da sua vida, como se nunca tivesse dependido do seu ombro, do seu abraço. E no entanto voltou sempre que precisou dele.

Ele ama-a mas não a entende. Ela vai e vem ao sabor de sentimentos insondáveis, de humores variáveis, de fantasias inconstantes. Um dia, ele sabe, acabarão definitivamente separados. Um dia, calcula, ela acabará sozinha.

Ela gosta dele, houve alturas em que necessitou muito do seu apoio, mas, na realidade, em toda a sua vida, nunca conseguiu ser feliz com ninguém. Desdenha quem a ama. Usa e descarta. Persegue uma quimera de amor.

Chega ao pé dele já a noite se instalou, cumprimenta-o com um beijo no rosto, fria e distante. Conversam. Sente que é altura de se separarem, diz-lhe.

É isso que tu queres?, pergunta ele.

É, faz que sim com a cabeça.

Ele encolhe os ombros e diz,

Está bem.

Ela, incomodada com a sua reacção, pergunta-lhe,

Não ficas chateado comigo?

Não, responde.

Muito bem, afirma, então, vamos falando.

Sim, claro, concorda ele.

Despedem-se, ele entra no carro, ela afasta-se, subindo a rua. Vai irritada porque ele não se importou. Ele importou-se, mas está farto dos seus caprichos de menina mimada que não sabe o que quer. Para ele, o fim é quase um alívio. Para ela é um choque. Desta vez ele não fará nada para a convencer a mudar de ideias. Desta vez ela percebe que vai mesmo perdê-lo, mas, como é orgulhosa, não será capaz de voltar com a palavra atrás. Sentem-se ambos mal, miseráveis, e, no entanto, já não há nada a fazer, o seu amor está condenado.

Amores desencontrados

Ele acorda já de tarde, abre os olhos lentamente, olha em redor, está sozinho. Vê-se ao espelho na casa de banho, passa a mão pelo queixo áspero da barba por fazer, deixa-a ficar assim. Toma um duche demorado, veste-se, calças de ganga, *T-shirt*, sapatos de ténis, um casaco grosso por cima. Sai de casa, entra no carro, arranca em direcção ao mar.

Senta-se numa esplanada no Guincho, com uma garrafa de cerveja na mão, a ver a praia vazia, assaltada pelas ondas. Apesar do Inverno, está um dia bom. O sol aquece. Na água, por entre a espuma da rebentação selvagem, saltam as velas das pranchas que ganham velocidade com o vento forte, para lá e para cá, sem dificuldade aparente. Ele coloca os pés em cima de uma cadeira em frente e deixa-se ficar a observar as manobras das pranchas. Pode ficar uma, duas horas assim, a admirar a praia, as pranchas, as velas, até o pôr do Sol chegar.

O telemóvel anuncia uma mensagem. Levanta os óculos de sol para ler melhor o texto. Larga o aparelho em cima da mesa sem responder à mensagem. É de uma mulher com quem não lhe apetece falar. Mais uma, tem várias semelhantes que lhe foram sendo enviadas durante o dia por outras mulheres. Não lhe apetece nenhuma delas. A única que quer já não lhe envia mensagens, nem telefona. Nem sabe bem porquê, só sabe que desistiu dele sem qualquer explicação. E a culpa não é de ninguém, não há culpa, há só aquele vazio da saudade de alguém que já não está.

É um homem na sua ilha. É bom no que faz, um trabalho solitário que lhe dá muito dinheiro e fama e não lhe ocupa muito tempo. As pessoas dizem-lhe que têm inveja, que é o ideal, muito por pouco. Ele sorri-lhes. Não é casado e não tem filhos. Sobra-lhe tempo, espaço, vida.

Não há mais ninguém na esplanada. Sente fome, repara que se esqueceu de almoçar. Agora pensa em jantar. Solta um suspiro de resignação, agarra no telemóvel, passa em revista as mensagens por responder. Qual há-de ser? Não quer jantar nem acabar a noite sozinho. Enquanto vê os nomes, pensa que todas lhe deram bastante prazer, mas foi só isso. Só uma lhe deu amor, a que não lhe responde, ou ele deu-lhe o seu amor.

Acaba a cerveja, pede outra. Bebe sem pressa, enquanto se decide. Envia uma mensagem, combina o jantar. Entretanto a tarde vai caindo, o sol

enfraquece, levanta-se um vento frio. Dali a pouco vai-se embora a pensar nela, onde estará, o que estará a fazer, e a pensar na ironia dos amores, tantas vezes desencontrados.

Até amanhã

O tecto do pavilhão é um céu de balões vermelhos. No palco, ao fundo, uma banda toca uma música tranquila de fim de noite, *I'm Yours*, de Jason Mraz. Eles dançam agarrados, só os dois com a pista toda. No início da noite não se conheciam.

Porque me escolheste?, pergunta-lhe ela ao ouvido.

Porque te vi ao longe e olhaste para mim e tive de atravessar a sala. Senti-me atraído por ti.

Ela ri-se, deliciada com a sua explicação. Acreditas no amor à primeira vista?, pergunta-lhe.

Não, nunca me aconteceu... até hoje.

Ela encosta o rosto ao seu peito. Ele sente-lhe o perfume no pescoço.

O ambiente é escuro, a iluminação dá um tom azulado que se reflecte nas paredes, entrecortado por focos brancos. Já quase não está ninguém, mas eles querem prolongar a madrugada, como se não tivessem passado horas desde que se encontraram, começaram a falar, se enfeitiçaram.

Pensar que estive para não vir, diz ela.

Também eu!, exclama ele. Foi uma decisão de última hora.

Um impulso?

Sim, isso.

Como eu!

A música acaba, acendem-se as luzes e a magia desvanece-se.

Na realidade, ela está com amigos num dos lados do pavilhão e ele com outros amigos no lado oposto. Ela esteve a imaginar que dançava com ele enquanto conversavam abraçados. Ele fez exactamente o mesmo. Entretanto, vão-se vigiando à distância, mas nenhum toma a iniciativa de se aproximar. A festa vai acabar. Ele observa-a já sem se preocupar em disfarçar. Ela sorri-lhe, desvia o olhar. Ele ganha coragem, atravessa a sala sem pensar, sem saber bem o que lhe vai dizer, mas atravessa, como se estivesse a ser atraído por ela e não pudesse resistir.

Diz-lhe olá, estava ali a ver-te e, abana a cabeça, faz uma careta engraçada, tive de vir conhecer-te. Ela deixa escapar um risinho nervoso. Apresentam-se, dizem como se chamam e vão conversando enquanto se aproximam da saída. Já na rua, trocam números de telefone enquanto os

amigos de ambos gracejam com a demora.

Porque demoraste tanto tempo a aparecer?, pensa ela.

Estavas à minha espera?, pergunta ele, como se a tivesse ouvido.

Ela sorri, feliz, leste o meu pensamento, diz.

Li?

Hum-hum.

Porque dizes isso?

Porque estava a pensar isso mesmo, que estava à tua espera... há anos.

E eu andava à tua procura, diz ele, segurando-lhe as duas mãos. Então, até amanhã?

Ela abana a cabeça, a dizer que sim, até amanhã, afirma.

Depois separam-se, com um sorriso nos lábios, com uma certeza, ansiosos pelo dia seguinte.

Saída de emergência

No silêncio do autocarro, cheio de gente ensimesmada pela manhã, ela vai a mentalizar-se que este tem de ser um dia diferente, um dia decisivo. Como aguentou tantos anos assim é algo que tem dificuldade em explicar. As pequenas embirrações iniciais dele foram-se tornando discussões violentas, que acabavam invariavelmente em reconciliações apaixonadas. Ele pedia-lhe perdão, dizia-lhe que a amava, que era o amor que o fazia perder a cabeça. Desculpava-se com os ciúmes e ela deixava-se ir, porque queria compreender, porque o amava.

Hoje saiu de casa cedo, cumprindo a rotina, apanhou o autocarro. Vai trabalhar como sempre, mas regressar muito antes dele. Os seus olhos tristes, marejados, espreitam pela janela o dia solarengo da cidade a começar mais uma jornada. Gente calada apressa-se para o emprego, um homem que corre para o autocarro perde-o por segundos e dá um murro no vidro da porta que se fecha com um suspiro pneumático. O motorista ignora-o, segue o seu caminho. Ela sente um sobressalto.

Era ainda criança, muito pequena, refugiava-se no seu quarto e tapava os ouvidos para não ouvir as discussões em casa. Um dia mais tarde jurou a si própria que nunca permitiria que lhe acontecesse o mesmo.

Fez o teste com quase três meses de atraso. Pensou que o resultado deveria ser uma alegria, mas não o partilhou com ninguém, não lhe disse nada. Ponderou fazê-lo ontem à noite, mas antes que tivesse oportunidade de falar, já ele estava a gritar-lhe por um qualquer motivo insignificante, a segurá-la pelos ombros, com força. Ela defendeu-se, defendia-se sempre, mas ele era mais forte.

Ela teria dificuldade em explicar, porque quem o conhecia não imaginava. Ela própria não imaginava, ele mudara depois do casamento. Tinha sido uma transformação gradual, sempre na privacidade do casamento. Ela foi dizendo a si mesma que era uma fase má, que ultrapassariam os problemas, desculpava-o, arranjava desculpas para não tomar uma atitude definitiva, para se justificar.

Mas agora vai ser mãe.

Ontem ele terminou a discussão com uma voz fria. Qualquer dia mato-te, disse, virou costas e foi deitar-se. Ela não conseguiu dormir, a pensar numa

saída de emergência.

À hora de almoço desculpa-se no emprego com uma indisposição, regressa a casa, faz uma mala, recolhe tudo o que quer levar, pois sabe que nunca terá coragem de lá voltar. Depois fecha a porta da rua sem deixar uma nota, uma explicação. Ele sabe. Vai-se embora com um aperto no peito, uma sensação de derrota, uma tristeza, mas também aliviada. E esperançada. Apanha um táxi, dá uma morada, passa a mão pelo ventre e pensa: Estou livre!

Ambientes

O almoço é no jardim, à beira da piscina. Faz muito calor. As crianças aproveitam o dia na água, mergulhos, colchões, brincadeira; os adultos vigiam-nas. Sentada um pouco à parte, ela observa o ambiente, sentindo-se uma intrusa. É jovem, bonita, divorciada. Os homens casados rondam-na, cautelosos, conversam com ela, dispensam-lhe delicadezas sem exageros, vêm e vão, embora não faça nada para os incentivar. As suas mulheres concedem-lhe apenas uma atenção educada, de cerimónia, mas percebe que não gostam da sua presença, estão desconfiadas, sussurram ao longe, lançando olhares mal disfarçados na sua direcção. Acham, talvez, que é um mau exemplo, pensa divertida, preferiam que não tivesse vindo.

Há pouco tempo, ainda casada, sentia-se perfeitamente nestes ambientes, casais, todos amigos, um dia bem passado. Mas, de repente, ela é a curiosidade dos homens, a ameaça das mulheres.

O almoço decorre sem problemas, pensa, sorrindo para dentro, nenhuma atitude antipática, nenhuma frase agressiva. É apenas convenientemente ignorada pelas mulheres, quando as conversas se separam e eles embalam em considerações sobre as contratações futebolísticas para a nova época. A dona da casa, sua amiga, convidou-a para que se distraísse, para a tirar de casa, disse-lhe, mas ela não se sente integrada no grupo, sente-se pouco à vontade, aborrecida e arrependida por ter vindo. Por isso, fica só mais um bocado, depois do almoço, o tempo suficiente para não parecer mal, e vai-se embora.

Ao fim da tarde, encontra-se com duas amigas na praia, também divorciadas. Bebem sangria numa esplanada com os pés na areia. Onde estiveste?, perguntam-lhe. Num almoço com o inimigo, responde-lhes, fazendo um esgar irónico. Deixa-se cair numa cadeira, desembaraça-se das sandálias, suspira, pede um copo e conta-lhes o almoço. As amigas divertem-se com o relato que lhes faz, riem-se das outras com aberto desprezo.

Dali a pouco aparecem dois conhecidos das amigas e convidam-nos a sentar-se à mesa. Ela nota que usam aliança, nada que os impeça de ficar, evidentemente. Mais um jarro de sangria, conversa animada, jogo de sedução. Ela observa-os e lembra-se delas, ainda há minutos, a rirem-se das outras, as do almoço. Já se esqueceram, já estão noutra, mas, pensa, fossem estas casadas e a conversa seria diferente, tal e qual como as do almoço, que

sussurravam, hostis, na sua direcção. De modo que fica mais um pouco e depois despede-se e sai com um sorriso na cara, a pensar que aqueles quatro quase nem repararam que se foi embora.

Atracção

Conhecem-se em casa de amigos. Um jantar animado, barulhento, onze pessoas divertidas à volta da mesa. Ele foi convidado contra a sua própria vontade, não tinha disposição, há meses que não tem disposição para festas, desde que se separou da mulher que amava. Ela foi uma desilusão, ele deixou-a. Por alguma razão, pensa que não voltará a apaixonar-se, que já passou a idade talvez, não sabe porquê, mas não se vê a amar outra mulher. E no entanto, há uma desconhecida sentada àquela mesa que atrai a sua atenção. Trocam olhares durante toda a noite, ela finge-se desinteressada, desvia os olhos, mas quando ele volta a ela surpreende-a a observá-lo.

Depois do jantar passam à sala e ele senta-se ao lado dela. Conversam o resto da noite.

Ela também se divorciou há alguns meses. A vida foi demasiado dura e o seu casamento não resistiu. Partilham as suas experiências, com cautela, sem revelarem muito.

Separam-se no final da noite sem saberem o dia seguinte. Mas ele dá por si a pensar nela desde que a deixou, logo ao acordar, e decide que tem de a conhecer melhor. Quando descobre o seu número de telefone, dizem-lhe que está para fora, partiu em trabalho para outro país.

Passam-se meses e ele não a esqueceu, tem-na guardada num canto da memória que teima em recordá-lo que ela existe, está algures, longe de mais.

Ela está sentada numa esplanada, sozinha, quando ele vai a passar e a reconhece. É como que uma visão, um alarme que toca na sua cabeça. Nem hesita, aproxima-se da mesa dela e cumprimenta-a. Ela sorri, deixa transparecer que se lembra bem dele. Não sabia que tinhas voltado, diz ele. Sabias que estava fora?, espanta-se ela. Sabia, responde sem rodeios, arranjei o teu número, quis ligar-te mas já tinhas partido. Ela recosta-se na cadeira, cruza os braços, uma sombra desce-lhe sobre a expressão, uma tristeza. Tive de me afastar, afirma, precisava muito de mudar de ambiente. E agora, quero saber, voltaste definitivamente? Sim, agora voltei de vez.

Nos dias seguintes trocam telefonemas, mensagens, até que ela cede aos convites dele. Não fazia ideia de que tinhas tentado telefonar-me quando me fui embora, diz ela. Estão a jantar num restaurante. Tentei, sim, responde ele, nunca mais me esqueci de ti. Nem eu de ti, confessa ela, sentindo-se a corar.

Ele agarra-lhe a mão, foi uma sorte encontrar-te outra vez, diz, não quero voltar a perder-te. Ela sorri, embaraçada. Sabes, acrescenta ele, pensava que nunca mais me iria tornar a apaixonar. E agora, estás apaixonado? Estou. Eu também estou... surpreendida, diz. Surpreendida?, estranha ele. Apaixonada, reconhece, por fim, com um grande sorriso.

A desforra

Quando se conheceram estavam um contra o outro, adversários num caso de milhões, em defesa dos seus clientes. Advogados, envolvidos numa batalha, ambos determinados a ganhá-la. A atracção, nunca assumida, era directamente proporcional aos confrontos em tribunal, digladiados com semblantes carregados, cinismo assassino, golpes mortais. Uma batalha de nervos, de argumentos letais, documentação vital, que ela venceu. Uma grande vitória na sua carreira, uma dura derrota para o currículo dele.

Encontram-se, por acaso, num bar ao fim da tarde, no mesmo dia da sentença. Ele aproxima-se para a cumprimentar, ganham-se umas, perdem-se outras, diz-lhe, erguendo o copo, jovialmente.

Sem rancor.

Sem rancor, concorda ela, tocando o seu copo no dele, sabendo que ele não está a ser verdadeiro. Mas, contra todas as expectativas, ficam à conversa, entendem-se. Ela, bem-disposta, inebriada com a vitória; ele, encantador, a pensar que vai conquistá-la, ganhar a sua paixão, levá-la para a cama e abandoná-la em seguida. Será essa a sua desforra.

Ambos na casa dos trinta, solteiros, dedicados à carreira, sem espaço para mais nada nas suas vidas, jovens de sucesso em ascensão. Bebem um copo, voltam para os seus grupos de amigos.

Até um dia destes, em tribunal, despede-se ela, divertida.

Até um dia destes, espero que antes disso, responde ele.

Durante quase duas semanas trocam mensagens, até ela ceder às insistências dele para se verem. Almoçam num restaurante a meio caminho entre os seus escritórios. À noite, ele envia-lhe um sms: Gosto de ti e tenho imaginado como é estar contigo. Eu também, responde ela. Queres fazê-lo a sério?, pergunta ele. Quando for a sério, e não imaginado, acaba-se tudo, diz a mensagem dela. Não acaba, responde ele, a pensar que sim.

Passam um fim-de-semana juntos num hotel à beira de um lago. Conversam na varanda, fazem amor no quarto. Estão felizes, ele agora pensa que gosta mesmo dela, a ideia da desforra esmorece no seu espírito, já não quer saber da derrota. Águas passadas, pensa.

Segunda-feira envia-lhe um sms logo de manhã: Jantamos hoje? Não posso, trabalho, diz ela de volta. A resposta repete-se ao longo da semana.

Sexta-feira ela não lhe atende o telefone. Já não me queres ver mais?, pergunta-lhe por mensagem. Falamos um destes dias, diz a mensagem dela, ando cheia de trabalho, desculpa. E o fim-de-semana passado, insiste ele, não significou nada para ti? Foi bom, admite ela, mas eu avisei-te que quando fosse a sério acabava-se tudo, bj.

Ele olha para o telemóvel, lê e relê a mensagem. Está sentado no seu gabinete, deixa cair o aparelho em cima da secretária, esfrega o rosto com as mãos, abana a cabeça, incrédulo. Faz um sorriso desanimado, perdeu duas vezes, pensa, duas vezes derrotado pela mesma mulher.

Como esquecer?

O pior, pensa, é a saudade. Já não o vê há quase três anos, não fala com ele, e no entanto não o esquece. O pior de tudo é não haver uma forma de desligar, de o apagar da memória. O pior é parar a meio do dia a pensar no que ele deve estar a fazer, pois ainda sabe de cor as suas rotinas.

Está no trabalho, sozinha à hora do almoço, sentada à secretária a cismar com a noite passada. Um jantar num bom restaurante. Finalmente encontrou um homem que a inquieta, que parece conhecê-la há anos, apesar de só se terem visto duas vezes. Ele convidou-a, um convite desejado, a que cedeu depois de um par de recusas pouco convincentes às quais não teria recorrido não fizessem elas parte do jogo da sedução.

Foi ao cabeleireiro, escolheu um vestido novo, tão novo que só cortou o cartão do preço na última passagem pelo espelho, escapando por pouco ao embaraço de ter de admitir que se vestiu para ele, que deu demasiada importância ao encontro. Ele elogiou-lhe o vestido, estás bonita. Já o tenho há bastante tempo, disse ela, mas gosto de o usar no Verão. Ele sorriu, não acreditou.

Podia ser a noite perfeita, se não encontrasse o homem da sua vida a jantar três mesas à frente com outra mulher que ela não sabe quem é. A vida tem destas ironias, já não o vê há quase três anos – o que ela desejou encontrá-lo – e dá com ele na única noite que preferia esquecer que existe. Ele acena-lhe sorridente de longe, ela também, e é tudo.

O restaurante é ótimo, a companhia perfeita, mas ela não consegue concentrar-se, está ausente, com a atenção atraída para três mesas adiante, vigilante, perturbada, incapaz de estabelecer a intimidade que o momento exige.

Arruinou a noite. Saíram cedo, mais cedo do que ele, nem um adeus, gostei de te ver, nem um aceno, ele nem reparou que ela estava de partida. Foi deixada em casa sem um convite para ir a mais algum lugar. Ele disse tenho de me levantar cedíssimo amanhã, deixo-te em casa? Ela respondeu que sim, também acordo cedo.

Agora está furiosa porque permitiu que a presença dele a perturbasse e porque estragou uma relação que queria que desse certo. De modo que ao final da tarde, quando sai do emprego, enche-se de coragem e telefona-lhe. Pede-

lhe desculpa, sei que ontem não fui boa companhia, não foi culpa tua, eu é que não estava num dia bom, será que podemos repetir? Prometo que vai ser melhor. Ele pensa um segundo, mas diz que sim, que lhe dá uma segunda oportunidade. Quando?, pergunta ele. Hoje, diz ela, pode ser hoje? Pode.

Desliga o telemóvel, respira de alívio. Ainda não sabe quando o vai esquecer, mas já sabe como. A solução, pensa, é entregar-se a quem a mereça e esperar que o tempo resolva o resto.

A tempestade

Os primeiros raios de sol surgem no céu e ele assiste à alvorada lá fora, na relva da sua casa do Algarve, com uma chávena de café na mão. Está a pensar nela, já não dorme desde que ela se foi. Acende um cigarro, o clique do isqueiro Zippo cala um grilo madrugador. Consegue ouvir a chama a queimar o papel da mortalha. Tem os olhos fixos no ponto exacto onde, dali a minutos, vai surgir o Sol.

Conheceu-a numa ida a Lisboa para uma exposição dos seus quadros, a primeira e única. Pintava marinhas nos tempos livres, quando não saía com turistas no seu barco, um velho e estimado veleiro. Agora já não pinta, desinteressou-se, como de tudo o resto. Ela, jornalista, estava lá para o entrevistar. Elogiou-lhe os quadros, sinceramente impressionada. Modesto, disse-lhe que se considerava só um simples habilidoso com gosto de pintar. Conversaram muito, ela da cidade ele do mar, mundos diferentes, mesmo assim ficaram entusiasmados um com o outro.

Quando ele regressou a casa, continuaram em contacto, trocaram mensagens, falaram ao telefone diariamente. Ela elogiou-o no jornal, ele convidou-a para um fim-de-semana no Algarve.

Era o início da Primavera. Estiveram o sábado juntos. Ao fim do dia, ele mostrou-lhe o barco atracado na doca, subiram a bordo e ali passaram a noite. Acordaram tarde e voltaram a amar-se. Saíram para tomar o pequeno-almoço. Tinham planeado um passeio de barco, mas ele hesitou porque, disse, o dia ameaçava tempestade. Contudo, ela insistiu, queria muito sair de barco, só os dois. E ele acabou por aceder.

Os primeiros pingos começaram a cair já iam longe da doca. Dali a pouco, numa questão de minutos, enquanto vestiam impermeáveis e ele manobrava o barco para voltar para trás, foram apanhados pela tempestade, um dilúvio repentino, uma cortina de chuva que cortava a visibilidade, o mar subitamente enfurecido. Ele viu-a assustada e gritou-lhe, por cima do estrondo da intempérie, para que colocasse um colete salva-vidas, indicou-lhe onde estava. Ela ergueu-se para o ir buscar e, nesse instante, um golpe de mar, uma onda gigante, maior do que o barco, entrou pela popa e arrastou-a para o mar, levou-a num segundo irreal. A última vez que a viu, ao longe entre as vagas, foi quando lhe atirou uma bóia no desespero de a salvar.

O dia já nasceu, solarengo e pacífico, o cigarro esquecido entre os dedos deixa cair para a relva uma cinza longa, uma lágrima desce-lhe pelo rosto enrugado. Abandonou o barco na doca, esqueceu-se dos quadros que gostava de pintar, pensa nela a todo o momento, enredado numa angústia sem fim. O que ele desejava não ter saído para o mar nesse dia, não ter cedido aos apelos dela, o que ele desejava conseguir perdoar-se por não ter conseguido salvá-la...

Desconhecido

O melhor momento do dia dela é a viagem de autocarro para o trabalho. É secretária da administração, no último andar de um prédio alto, numa grande empresa que lhe toma os dias, preenchendo-os quase por inteiro. É a primeira a entrar de manhã, nesse andar, e a última a sair, sempre, o que é bom, por um lado, porque tem o seu tempo ocupado. Não saberia o que fazer se não fosse assim. Já foi casada, mas não correu bem, divorciou-se há quase um ano. Não tem filhos e vive sozinha.

À noite, em casa, vê-se ao espelho depois do banho. É jovem, tem um corpo bem proporcionado, não é muito alta, mas tem as curvas acentuadas de uma mulher bonita. Os homens olham para ela na rua. Nos últimos meses tem sentido necessidade de estar com um, e não lhe faltaram oportunidades, mas disse não a todos. Não quer um qualquer, quer apaixonar-se, não quer sexo, quer amor. E, às vezes, sabe-lhe bem dizer que não, sente-se forte, cobiçada, como se tivesse um poder especial.

Deu por ele a observá-la no autocarro há quase duas semanas. É um homem novo, magro, mais alto do que ela, mas não muito, cabelo curto, bem penteado, rosto agradável. Não usa aliança. Vestiu-se correctamente, de fato e gravata. Era capaz de apostar que trabalha numa agência bancária. Sorriem sempre um ao outro, discretamente, um cumprimento cúmplice. Isto de manhã, no autocarro, depois fantasia sobre ele, distraída, frente ao computador, imagina como será a sua vida, qual o seu nome, se mora perto da casa dela. A vontade de o conhecer é tanta que já tem um plano: descer na mesma paragem e segui-lo. Tem pensado muito nisto, anda a ganhar coragem.

Hoje está nervosa, no autocarro. Ele entra, os seus olhos cruzam-se, ele sorri-lhe, ela também, um sorriso tímido, desvia os olhos para a janela, volta a olhar para ele, mas já não está a observá-la.

Quando ele sai ela hesita, pensa vou, não vou? As pernas fraquejam-lhe, sente a barriga às voltas, mas no último momento salta do lugar e corre para a porta, que se fecha à sua frente. Grita ao motorista que a abra. Sai para a rua, ele já lá vai, devo estar louca, pensa, com uma ponta de excitação a animá-la. Vê-o a entrar numa agência bancária e pensa bingo!

Entra também e só quando se vê perante ele é que se apercebe, aflita, que não pensou no que lhe vai dizer. O rosto dele abre-se num sorriso de

reconhecimento e diz olá, está boa?, como se a conhecesse, deixando de lado a formalidade reservada a uma cliente desconhecida. Estão os dois de pé, de cada lado de um móvel de atendimento, uma ilha. Ele apoia os cotovelos na mesa, descontraído, e pergunta-lhe o que precisa. Ela improvisa, pergunta-lhe o que deve fazer para abrir uma conta. Ele explica-lhe o procedimento, entrega-lhe o formulário. Ela escreve o seu nome, acrescenta o seu número de telemóvel, sorri-lhe, devolve-lhe o papel, diz já está, dá meia-volta e vai-se embora com o coração aos pulos. Só volta a respirar ao chegar à rua, a pensar que nem acredita no que acabou de fazer.

Passa a manhã nervosa, a pensar que vai morrer de vergonha ao encontrá-lo todos os dias no autocarro, se ele não lhe telefonar. Mas recebe uma mensagem à tarde. Jantamos hoje?, pergunta-lhe, não acabou de preencher o formulário, acrescenta o sms. Ela respira fundo, mais descansada, sorri e escreve a resposta: Sim!

O senhor metódico

À hora de almoço, ele sai do escritório e vai pelo bulício da rua, atravessando solitário pelas correntes de transeuntes, caminhando como se fosse por um corredor, imune à confusão da cidade. Não pensa em nada de especial, cumpre apenas a sua rotina. Entra numa papelaria e dirige-se ao corredor das revistas e dos jornais para comprar qualquer coisa para ler durante o almoço, no restaurante do costume, ali ao lado. Agarra no jornal de sempre sem olhar para os títulos, distrai-se ainda a ver as capas das revistas, como faz todos os dias, mas, como também acontece todos os dias, acaba por não se decidir a comprar nenhuma. Desiste das revistas e aproxima-se do balcão à entrada da loja para pagar o jornal. Há três pessoas à sua frente e aguarda pacientemente, sem pressa.

A sua vida é uma sucessão de acontecimentos que se repetem ao longo da semana sem novidade. E gosta que seja assim, ou acredita que gosta. Vive sozinho, nunca casou, sabe que não tem uma existência emocionante mas tem aversão a tudo o que interfere com a sua normalidade. No escritório é metódico e preza as coisas feitas a tempo e horas. Os chefes confiam nele por ser trabalhador e não falhar, os colegas consideram-no um chato, ele prefere pensar que é uma pessoa séria, afável mas inflexível nos prazos, exigente com todas as vírgulas. Nos documentos da sua responsabilidade não facilita, não deixa passar uma lacuna, não permite uma omissão insignificante que mais ninguém notaria.

Sentada na beira de um banco alto, com um pé no chão e o outro apoiado na travessa do banco, ela vai atendendo as pessoas, recebendo o dinheiro, devolvendo o troco. Faz aquilo com rapidez e eficiência, sem se enganar, embora pareça que tem a cabeça noutro lado qualquer. É vagamente simpática com os clientes, correcta mas de poucas falas. Há porém um cliente que atrai a sua atenção e, hoje, quando ele se aproxima, recebe o dinheiro do jornal e oferece-lhe uma revista com um sorriso aberto. É uma oferta, diz. Ele, espantado, pergunta-lhe porquê. Porque nunca se decide sobre qual deve comprar, e hoje apetece-me oferecer-lhe esta, responde ela. E a sua atitude deixa-o desarmado. Agradece, leva a revista.

Ao almoço folhei-a, pensativo, perturbado pelo gesto dela, pelo seu sorriso bonito, surpreendido por nunca ter reparado nela apesar de a ver todos

os dias. Ainda mais surpreendido por ela ter reparado em si. Quando regressa ao escritório guarda cuidadosamente a revista na gaveta da secretária. À tarde tem dificuldade em concentrar-se no trabalho, à noite tem dificuldade em adormecer. Não obstante, acorda bem-disposto e passa a manhã ansioso a olhar para o relógio, à espera da hora do almoço. Contra todas as regras, sai cinco minutos mais cedo, corre para a papelaria, ignora o jornal, compra uma revista, aguarda impaciente a sua vez para pagar. Olá!, exclama ela, radiante, estou a ver que desistiu do jornal. Vou seguir o seu conselho, diz, entusiasmado, para variar. E depois, numa inspiração, pergunta-lhe como é que ela se chama.

Quem é ela?

Sentado à sua secretária, ele olha pela janela directamente para o prédio da frente. Na varanda do andar ao mesmo nível daquele em que se encontra, lá está ela. São dez horas e vai fumar o cigarro da manhã. Já reparou nela há algum tempo, todos os dias à mesma hora. Nesses minutos ele pára de trabalhar e fica a observá-la, sonhador. Hoje o chefe chama-o e interrompe-lhe o devaneio. Quando regressa à sua secretária ela já voltou para dentro. Resmunga em surdina. O chefe estragou-lhe o melhor momento do dia. Não sabe nada sobre ela, mas costuma observá-la, pensa sempre nela e vai imaginando estratégias para a conhecer. Já contou os andares do prédio da frente, investigou na net e descobriu onde ela trabalha. À hora de almoço atravessa a rua decidido a encontrá-la, a falar com ela, a apresentar-se. Entra no edifício da frente, dirige-se ao elevador e, quando a porta se abre, dá com ela a sair acompanhada de uma colega. Ela sai, ele entra. Surpreendido, não é capaz de dizer nada. Sobe a um andar qualquer, volta para baixo mas, ao chegar à rua já a perdeu. No dia seguinte ele vai ao escritório dela, mas, ao ver-se perante a recepcionista, dá-se conta de que não pode pedir para falar com ela porque não sabe o seu nome e, mesmo que soubesse, não saberia o que lhe dizer. Provavelmente, ela pensaria que ele era um tipo desequilibrado, um doido. Por isso, balbucia uma desculpa e vai-se embora. Desanimado, desiste de tentar conhecê-la. No entanto, continua a vê-la todos os dias na varanda. Ao pesquisar novamente o site da empresa dela na net acaba por descobrir o seu nome, mas agora perdeu a coragem de voltar ao escritório para pedir para falar com ela. Faria uma figura ridícula, pensa. Dois meses mais tarde, é convidado para uma festa em casa de um amigo. É conduzido a um jardim relvado onde está uma centena de pessoas. Ouve-se música alta, há gente a dançar, grupos de amigos a conversar, um bar. Ele deambula por ali à procura de alguém conhecido. Abre-se uma clareira e, subitamente, mesmo à sua frente, lá está ela, também sozinha. Tem um copo na mão e um ar um pouco perdido naquele ambiente. Perplexo, vê que lhe sorri.

Eu conheço-te, diz ela, trabalhas no prédio à frente do meu. Ele faz que sim com a cabeça, um pouco atrapalhado com a sua espontaneidade. Costumo ver-te na tua janela quando vou à varanda do meu gabinete, acrescenta. Eu sei, diz ele, também costumo ver-te, mas não sabia que tinhas reparado em mim.

Ela ri-se, reparei, és o único que pára de trabalhar e fica a olhar para mim. Ele cerra os olhos, fazendo uma careta de culpado. Ah, fui apanhado, diz, a rir-se. Ela abana a cabeça, hum-hum. Sabes que já tinha pensado em ir ao teu escritório só para perguntar o teu nome?, confessa ela. Mas não fui, claro. Ainda ficavas a pensar que era alguma louca. Ele solta uma gargalhada. Pois ficava, diz, pois ficava...

Até ao fim do mundo

Enquanto o cigarro queima no cinzeiro – é coisa de três minutos, não mais – ele pensa como vai conquistá-la, se é que não a conquistou já. Bem, pelo menos já conseguiu atrair a sua atenção, caso contrário ela não lhe daria a oportunidade de se conhecerem melhor. Se assim não fosse, tê-lo-ia, simplesmente, ignorado. Este raciocínio encoraja-o, dá-lhe confiança. Afinal de contas, um homem percebe quando uma mulher não está interessada, elas sabem emitir os sinais correctos, para o bem ou para o mal. Ela mostra-se desinteressada, levemente incomodada com a persistência dele, mas vai ficando, curiosa com o que vai acontecer a seguir.

Descobriu-a numa discoteca, entre um grupo de amigas. Ele e os amigos meteram conversa, ofereceram-lhes uma rodada no bar, shots para todos, saúde, bota a baixo, venha mais uma. Guardou o número dela, enviou-lhe mensagens, obteve resposta, uma pequena vitória, convidou-a para um café, ela disse que não, ele insistiu, ela disse que sim.

Chegou mais cedo, arranjou mesa na esplanada, espera-a ansioso. Mentaliza-se de que vai correr bem, treina um sorriso descontraído, duas raparigas na mesa ao lado observam-no divertidas com a figura que faz. Repara nelas, engole o sorriso, faz uma careta, encolhe os ombros, consulta o relógio. O cigarro esquecido no cinzeiro é agora apenas uma linha de cinza. Apaga a beata, ergue os olhos e vê-a aproximar-se. Uma brisa ligeira faz adejar a sua saia enquanto caminha. Suspende a respiração sem dar por isso, tem umas pernas lindas, um corpo perfeito, é ainda mais bonita do que ele se lembrava. Sente-se apaixonado.

Levanta-se para a cumprimentar, oferece-lhe um lugar à mesa, pergunta-lhe o que quer tomar. Pedem cafés. Ficam um momento em silêncio, sem saberem o que dizer, depois ela começa a falar, porque é o que ela faz quando está nervosa, fala pelos cotovelos, como que receando o embaraço do silêncio. Quando ela se cala, ele diz-lhe sabes que és ainda mais bonita de dia? Sou? Ele abana a cabeça, hum hum. Obrigada, diz, contente com o elogio.

Ela pensa que ele é divertido, desbocado, mas divertido. Ele pensa que ela é linda. Ela pergunta-se que mais será ele, além de divertido. Ele decide que ela é a mulher com quem vai casar um dia. Ela não tem a certeza de que ele seja a pessoa que procura. Tenho de ir, diz ao fim de uma hora. Amanhã, aqui,

à mesma hora?, pergunta ele. Não sei se posso, responde-lhe. Ele assente com a cabeça, vou estar aqui à tua espera, afirma. Ela ri-se, desconcertada com a sua persistência.

No dia seguinte, espera-a sentado à mesma mesa. Ela chega meia hora atrasada. Ele suspira de alívio. Como soubeste que vinha, se nem eu tinha a certeza?, pergunta ela. Não sabia. E se não tivesse aparecido? Iria à tua procura. Onde? Até ao fim do mundo. Ela sorri, rendida às respostas certas. Não precisas de me procurar, diz, já aqui estou.

Conhecidos de vista

Conhecem-se há meses de vista, do bairro onde vivem, de se verem na rua, no supermercado, no café, de passearem os cães no jardim. Ela mora dois prédios ao lado do dele, não sabe o seu nome, nem o que faz, mas conhece-lhe algumas rotinas, já ouviu a sua voz, aprecia a forma de ele se vestir. Acha-o atraente e fica atenta quando o vê.

Ele gosta de levar um livro consigo quando vai com o cão ao jardim. Senta-se num banco a ler, mas, se ela chega, não consegue concentrar-se. Finge que lê, espreita-a por cima do livro, maravilhado com o seu jeito distraído de caminhar num vaivém constante enquanto fala ao telemóvel, rodando o vestido numa volta graciosa ao fim de alguns passos casuais. Adora o seu sorriso encantador, o modo como inclina a cabeça para trás e lança um risinho espontâneo para o ar a meio da conversa.

É sábado, estão sentados numa esplanada do jardim, ambos sozinhos, em mesas próximas, frente a frente. Ela pede um café, deita o açúcar, mexe-o demoradamente com a colher, distraída a observá-lo a ler o jornal. Fantasia que ele vai erguer os olhos a qualquer instante e surpreendê-la a olhar, que lhe sorri e se levanta para ir à sua mesa apresentar-se. Sorri com a ideia no momento em que ele levanta os olhos do jornal, mas apressa-se a desviar os seus, a virar a cara, com vontade de rir.

Ele repara que ela desvia o olhar, volta a página do jornal, baixa os olhos por um segundo e torna a olhar. Ela não se atreve a fitá-lo, concentra-se na chávena de café à sua frente. Ele imagina-se a ir ter com ela para meter conversa. Por um instante, sente-se tentado, pergunta-se se teria coragem. Porque não?, pensa. Mas então ela chama o empregado para lhe pedir a conta e o momento passa. Ele deixa-se estar sentado e ela vai-se embora.

No domingo cruzam-se no átrio de um cinema. Estão ambos acompanhados, vão a salas diferentes. Sustêm a respiração a escassos metros um do outro, os seus olhos fixam-se num espanto recíproco, num relâmpago eterno, e, pela primeira vez, assumem um reconhecimento mútuo, pois ele sorri-lhe e ela faz-lhe uma vénia ligeira com a cabeça, de um modo divertido.

A meio da semana ele vai almoçar com um cliente importante a um restaurante requintado da moda e lá está ela para o receber, sorridente, desinibida, dona de um caderno onde escreve à mão e opõe vistos nos nomes

das pessoas que chegam com mesa marcada. É relações públicas e veste-se de forma discretamente elegante, uma camisa preta, uma saia arroxeadada de seda. Parece que nos encontramos em todo o lado, comenta ele, encantado por a ver. Ela ri-se, é o destino, graceja.

Dois dias mais tarde, ele chega ao jardim, solta a trela do cão e este corre para junto do dela. Ele aproxima-se dela, sentada num banco, aponta para o lugar ao seu lado, ela faz-lhe sinal com a mão para que se sente. Agora que já sabe o meu nome, diz ele, gostava de saber o seu. Ela ri-se, diz como se chama e depois começam a falar com naturalidade, como se se conhecessem desde sempre.

Acaso num dia de Inverno

A última vez que a vê é um acaso num dia de Inverno. Está parado no semáforo e ela atravessa a rua a correr à frente do carro dele, a fugir à chuva. Ao reparar nele, estaca e, por um instante, fica ali, hesitante, sem saber o que fazer, enredada numa atrapalhação, querendo fugir da chuva, não querendo ser apanhada no meio da rua quando o semáforo mudar, mas, sobretudo, sem saber como reagir perante ele. Faz-lhe um aceno jovial, um sorriso comprometido no rosto corado e foge, escondendo o embaraço debaixo do chapéu-de-chuva. Esgueira-se por entre os carros, alcança o passeio e segue o seu caminho, incomodada, a pensar que não teve a melhor reacção, que foi azar tê-lo encontrado, e em como remediar o seu gesto.

Ele acenou-lhe também, perplexo, um aceno triste, desiludido. Fica a vê-la afastar-se, a pensar mais uma vez como foi possível enganar-se tanto com ela, como é possível alguém ser tão diferente daquilo que ele sempre acreditou que era. Lembra-se de outro momento, de outro dia chuvoso, os dois sentados numa esplanada à beira-rio, sozinhos debaixo de um chapéu-de-chuva, divertidos. As mesas e as cadeiras molhadas, os últimos restos do aguaceiro a pingarem nas poças, o Sol a despontar ao longe, para lá da ponte, e eles dizendo que não será uma chuvinha qualquer que os haverá de afastar um do outro, que ficarão sempre assim, abraçados, faça chuva ou faça sol.

O semáforo muda, ele desperta com as buzinas dos carros de trás, arranca. Ela já lá vai, perdeu-a entre a multidão, ele vai a pensar que um dia, provavelmente, ela dir-lhe-á que tomou a melhor decisão, pelos dois, porque não estavam destinados a ficar juntos, que se preocupou com o futuro. Mas ele saberá que lhe está a mentir, que é falsa a preocupação de que fala.

No rádio do carro toca a música que costumavam ouvir, uma coincidência perversa, desliga-o. Dali a pouco recebe um sms dela. Desculpa não ter parado para te falar, diz, está a chover muito. Não dá valor à desculpa, que não é sentida, nem sequer lhe responde, mas volta a lembrar-se daquele aguaceiro feliz, à beira-rio, que lhes servira de pretexto para ficarem ainda mais juntos, na certeza de uma tarde eterna. A paixão é só um momento, uma emoção fátua, constata. Sente saudades dela. Foi bom tê-la e vai guardá-la para sempre como uma recordação boa, mas a mulher daquela época, não esta, que não sei quem é, pensa.

SMS

Ela caminha já a tarde vai alta pelo passeio que segue paralelo ao mar, por cima das praias. Em baixo, a areia estende-se vazia até à água, acabando numa espuma branca, das ondas que rebentam com o fragor dos dias de Inverno. Vai sozinha. Cruza-se com jovens a passo de corrida, outros que deslizam em patins, um casal com o filho pequeno feliz na sua bicicleta de rodinhas, acompanhado por um cãozinho saltitante que corre para a frente e para trás em redor dele.

Leva na mão o telemóvel e nos olhos castanhos brilhantes uma esperança. Vai pensativa e sem horas, caminhando sem pressa, reparando nas pessoas, no mar desabrido que se atira à praia, no ar fresco que respira, no vento que se levanta com uma promessa de tempestade. Cruza o casaco grosso, azul-escuro, à frente do peito, sem apertar os botões. Cruza os braços. Uma folha de jornal passa por ela a esvoaçar, notícias antigas, pensa divertida, logo se concentrando no navio de carga iluminado que vem de Lisboa e ruma ao mar aberto com o vagar de quem tem um destino certo num dia certo.

Acaba por apertar os botões do casaco e levantar a gola para se sentir mais protegida do vento, que agora traz os primeiros pingos de uma chuva anunciada. Enfia as mãos nos bolsos, mas a direita mantém-se fechada em volta do telemóvel. Os seus cabelos curtos, uma feliz confusão de caracóis castanho-escuros, começam a molhar-se, mas ela não se apressa, porque gosta da chuva. Enquanto as outras pessoas correm para se abrigar, ela mantém-se no seu passo, tranquila, em direcção a um café com paredes de vidro, mesmo ali à frente.

Escolhe uma mesa, senta-se, pede um chá ao empregado. Quando este o traz, aquece as mãos em concha à volta da chávena. E, nesse entretanto, vem-lhe à cabeça uma música que não entoia, mas escuta só de memória, o som de uma caixa de música. Dá por ela a formar os versos nos lábios, sem som,

*You could be happy, I hope you are
You made me happier than I'd been far.*

A lembrança da música transporta-a para outro tempo, um tempo recente que está sempre a voltar, contra a sua vontade. Sacode-os da cabeça, a música,

o tempo que já lá vai, pois não quer viver no passado. Olha para fora, através do vidro por onde escorrem fios de água. O temporal escureceu o dia. Dá um gole de chá, pouisa a chávena, pega no telemóvel que, nesse preciso momento, anuncia com um toque a entrada da mensagem que esperava. Abre-a, lê,

Jantamos hoje?

O seu rosto ilumina-se com um sorriso bonito e responde com uma só palavra,

Sim!

Premonição

Hoje ela liga o rádio logo de manhã, enquanto prepara o pequeno-almoço na cozinha. Nunca o faz, é um gesto impulsivo. Está a dar uma música que não ouvia há muito, que costumava escutar com ele, mas depois arrumou num canto esquecido da memória, como fez com tudo o que lhe dizia respeito.

Agora, passados aqueles anos, ao ouvir inesperadamente a música, recorda-se dele com um certo sabor a nostalgia. Deixa-se ficar a ouvir, a recordar a letra,

I crossed all the lines and I broke all the rules

But baby I broke them all for you

Because even when I was flat broke

You made me feel like a million bucks

You do

I was made for you

Escuta a música e pensa que ele era isto mesmo, capaz de quebrar todas as regras por ela, de fazer tudo por ela e, no entanto, um dia deixou-o. Na altura pensou que era melhor assim, pensou... pensou que ele não era suficientemente bom, foi isso. Abandonou-o de qualquer maneira, uma conversa embaraçosa enquanto tomavam uma bica e lhe dava as suas justificações fúteis, um suspiro enquanto se afastava apressada do café. Na altura, sentiu-se tão aliviada por ter despachado o assunto que nem pensou nele, não pensou em mais nada.

Dá-se conta de que a música acabou, levanta-se da cadeira, desliga o rádio, pega na carteira, sai de casa. No elevador, ocorre-lhe que foi injusta, ele não merecera a falta de estima, o descuido com que o tratou, mas depois encolhe os ombros, estas coisas são mesmo assim, pensa, acabou, ponto final, não lhe atendeu mais o telefone, e então?

Estiveram uns dias de chuva, como se o Verão tivesse acabado, mas ao sair para a rua apercebe-se de que o Sol voltou. Sente-se feliz, vai caminhando até ao metro atenta às montras, toma nota mentalmente de algo que quer comprar, pensa fazê-lo à hora do almoço.

Desce as escadas do metro, chega à plataforma quando as portas do

comboio se fecham. Não se importa, não está atrasada. Observa-o distraída a partir e, nesse instante, tem uma visão e o sangue gela-lhe nas veias, o coração salta. Ele está ali, à sua frente, no comboio, e ela não sabe o que fazer, não consegue pensar, não reage. É só um momento, ele não a vê, o comboio acelera, parte.

Fica paralisada, a pensar na música premonitória, a pensar nele. Está igual, o mesmo de sempre, não envelheceu, aquela expressão descontraída, o ar simpático de que mal se lembrava mas é como se o tivesse visto ontem. Vem-lhe tudo à cabeça, as recordações todas, os momentos bons, as promessas felizes, um jantar especial, um dia na praia... e então sente uma angústia, tem uma enorme sensação de perda, uma certeza de que nunca ninguém a amou como ele. E já passou tanto tempo...

Amores indeléveis

Quando acabou de fumar um maço de tabaco inteiro, cigarro após cigarro, todos de seguida, Marcos amachucou-o com a mão direita e atirou-o para o cesto de papéis ao lado da secretária. O maço fez ricochete no topo do cesto, cheio a deitar por fora, e caiu para o chão, evidentemente. Já não o despejava há meses e, em boa verdade, havia mais papéis no soalho, ao seu redor, do que no interior. Marcos não fez caso disso, mas preocupou-se com a falta de cigarros. Enquanto acendia o derradeiro, pensou que seria mesmo obrigado a sair do quarto para ir comprar mais. Não se sentisse ele tão cansado e não haveria problema, mas, naqueles dias, não tinha energia para nada.

Recostou-se na cadeira de escritório, antiga, desengonçada, de madeira – um capricho concretizado após meses de aturadas negociações com o proprietário de uma loja de antiguidades –, assentou os dois pés no chão e arrastou-a para trás, deixando-se ficar a rodar num vaivém lento para a direita e para a esquerda, num movimento autista, com uma expressão ausente, fixado no ecrã branco do computador. Este e a janela à esquerda de Marcos, ao fundo, eram as únicas fontes de luz no quarto, esmaecido numa penumbra pesada, não obstante haver um candeeiro metálico em cima da secretária, que ele preferira não acender ao cair da noite.

Deu uma longa passa no cigarro, soltou o fumo para o ar, levou a mão da boca à cabeça e coçou-a com o polegar, abstraído do gesto. Se se pudesse ver nesse momento, teria ficado com a impressão de que a sua farta cabeleira escura, envolta em fumo, estava a pegar fogo. Olhou para o pulso, com a intenção de saber as horas, mas descobriu que não tinha posto o relógio. Olhou apático para a secretária e depois espreitou por cima do ombro, perscrutando o quarto em redor a ver se o encontrava, mas não o localizou e desistiu logo, optando por se inteirar das horas pelo relógio do computador. Indicava 22h07. Porra, resmungou em voz baixa, de si para si, contrariado com a indelével passagem do tempo. Não se precavera com o tabaco e agora onde é que o ia comprar?

A secretária estava colocada aos pés da cama e esta encostada ao canto direito do quarto, onde o tecto das águas-furtadas descia quase até ao chão. Ao lado da cabeceira, no centro da parede e atravessando-a, havia a janela que se abria para uma pequena varanda sobre o telhado do prédio. A cama tinha

um edredom amarrotado onde frequentemente Marcos aterrava vestido, derrotado pelo cansaço, embora tivesse a sensação de já não dormir há meses. De facto, dormir dormir, oito horas seguidas de sono, era coisa que não lhe acontecia desde que o mundo lhe caíra aos pés. Deitava-se, sim, passava mais tempo deitado do que outra coisa, mas demorava uma eternidade a adormecer porque havia uma obsessão na sua cabeça e, mesmo de olhos fechados, os pensamentos desenrolavam-se num turbilhão que não lhe dava tréguas, acabando por só entrar no sono ao nascer do dia. No entanto, acordava, sem querer, um par de horas mais tarde, sendo logo assaltado pela memória do seu tormento, que o impedia de voltar a pregar olho. Por conseguinte, levantava-se após trinta minutos inúteis às voltas na cama, tentando desesperadamente dormir mais um pouco, arrastava os pés até à casa de banho comum no fundo do corredor, no patamar, e enfiava-se debaixo de um duche de água fria para despertar a tempo de ir à primeira aula do dia.

Até ao último ano, Marcos fora um dos melhores alunos da faculdade, não necessariamente um dos mais populares, algo assim a meio caminho entre o cromo dos livros e o arrogante que se evidencia por se permitir quebrar as regras pois nunca deixará de ter boas notas. Mas deixou, e arriscava-se a chumbar, algo impensável há uns meses. Não que Marcos tivesse estudado muito alguma vez, pois bastava-lhe dar atenção ao que os professores diziam, era de raciocínio rápido, absorvia e compreendia a matéria sem esforço, porém agora comportava-se como um sonâmbulo nas aulas, não se interessava, estava lá mas não estava, devaneava, saía a meio com dores de cabeça, regressando ao seu quarto solitário, onde caía na cama, martirizado.

Joana acabara de fechar o bar e fumava o seu cigarro antes de ir para casa quando aquele tipo apareceu a bater com os nós dos dedos no vidro da porta. Sentara-se nem há um minuto num dos bancos corridos que havia de cada lado das mesas paralelas ao longo da sala rectangular e estreita. Estendera as pernas, apoiando um calcanhar no banco da frente e cruzando os tornozelos. O bar era pequeno, uma sala só, tinha um balcão em madeira que se estendia desde a entrada até à parede do fundo. Atrás deste, uma passagem sem porta dava para a copa exígua onde havia um fogão, um lava-loiças e uma máquina de loiça. Na montra, por cima dos bolos e tartes expostos numa câmara frigorífica, brilhava o azul néon da palavra Jota, o nome do bar formado por um conjunto de lâmpadas tubulares.

Joana geria o negócio sozinha, a sua vida era aquilo, passava os dias ali enfiada, não fazia mais nada. Abrira-o há cerca de ano e meio, não corria lá muito bem, mesmo que estivesse sempre cheio não tinha dimensão para lhe permitir enriquecer a vender cafés, cervejas, pregos e bolos, mas dava para viver. Joana não se queixava, não se importava por não ter mais do que o dinheiro suficiente para se sustentar sem passar privações. Desde que estivesse ocupada o dia inteiro, estava tudo bem. O pior que lhe podia

acontecer era parar, deixar o espírito vaguear, pôr-se a pensar como seria bom se pudesse voltar atrás e corrigir os acontecimentos daquele dia maldito.

Joana pensava sempre nisto ao final da noite quando, depois de um dia em pé, se sentava finalmente a fumar o seu cigarro de expiação. No início escorriam-lhe as lágrimas pela cara abaixo, por entre o fumo azul do cigarro apertado nos lábios, entre os dedos a tremerem. Hoje em dia já não conseguia chorar, só lhe restava uma dor de alma, um arrependimento.

O tipo lá fora voltou a bater no vidro da porta. Joana começara por ignorá-lo, fingira que não o ouvia, mas ele era insistente, colou o rosto ao vidro entre as duas mãos em concha para evitar os reflexos e ficou a olhar lá para dentro. Joana disse que o bar estava fechado, fez um gesto para que se fosse embora. E, no entanto, ele ficou ali especado, em silêncio, a observá-la. Joana olhou para ele com a cabeça de lado, desconcertada, uma expressão de incredulidade, como quem perguntava qual era a sua ideia. O tipo não se mexeu, não fez menção de responder ao gesto impaciente dela, talvez acreditando que a mera presença à porta do bar acabaria por a obrigar a levantar-se e a abrir.

Era jovem, um pouco mais novo do que ela, calculou, e alto, bastante alto, embora parecesse algo desengonçado, como se mantivesse uma réstia dos seus tempos de adolescente, essa altura em que os rapazes ainda estão a descobrir o corpo e não sabem bem gerir a postura física de modo a estarem à vontade perante terceiros. O rosto dele, encaixado entre as palmas da mão, era bonito, apesar do cabelo escuro muito comprido e desgrehado. Tinha um ar desmazelado e ao mesmo tempo sério, do género académico, talvez. Envergava uma *T-shirt* às riscas cinzentas e brancas e umas *jeans* encardidas. De longe, e à primeira vista, dir-se-ia que a roupa dele não passava por uma máquina e um ferro de engomar há muito tempo.

Joana hesitou. Não gostava de aturar intrusos durante os sagrados minutos do seu cigarro de expiação e tinha por hábito ser rigorosa com a hora de fecho, não permitindo a entrada de ninguém depois de trancar a porta e voltar o letreiro que dizia fechado. A sua atitude inflexível em relação a franquear a porta a estranhos quando se encontrava sozinha, à noite, não era só por querer descansar mas também por uma questão de segurança, contudo, aquele não havia maneira de se ir embora, estava ali especado à frente e, como ela tencionava sair dentro de alguns minutos, teria inevitavelmente de passar por ele. Joana cravou os olhos no tipo, levemente irritada, enquanto ponderava o que fazer com ele. Finalmente, decidiu que, apesar de chato, parecia inofensivo, de modo que apagou o cigarro no cinzeiro em cima da mesa, ergueu os braços para o tecto num gesto exasperado, levantou-se e foi ver o que ele queria.

No ar saturado do quarto de Marcos pairava uma nuvem cinzenta que ele notou ao ver a faixa de luz branca que irrompia através do vidro da janela e

evidenciava no ambiente escuro o fumo acumulado de vinte cigarros. Levantou-se, foi abrir a janela, aproximou-se do corrimão do varandim, apoiou as mãos no rebordo de ferro, inspirou fundo o ar fresco da noite. Na época em que se mudara da casa dos pais, Marcos arrendara aquelas águas-furtadas por serem baratas e estarem tão perto do céu. Morava num bairro de prédios baixos de classe média, alguns quarteirões antigos numa zona bastante central de Lisboa, pouco movimentada de dia e de noite. Mas do seu varandim sobre o telhado já avistava os prédios altos e modernos que, nos últimos anos, tinham começado a cercar o bairro. O edifício da bolsa e alguns hotéis de luxo despontavam para lá da paisagem de telhas que os seus olhos alcançavam.

Marcos voltou para dentro, apanhou a carteira em cima da secretária, disse merda quando pontapeou inadvertidamente uma piza quase intacta e ressequida que ficara abandonada no chão, abriu a porta do quarto, saiu.

Foi percorrendo as ruas pouco iluminadas do bairro, na esperança de encontrar algum estabelecimento aberto onde pudesse comprar cigarros. Um inconveniente de morar ali era não haver onde fazer compras fora de horas, e Marcos não tinha carro, nem sequer a carta de condução. Nunca se sentira tentado a tirá-la. Ao contrário da generalidade dos jovens, os automóveis não o entusiasmavam. O que o inspirava realmente, até há pouco, era a perspectiva de terminar o curso com a melhor nota da faculdade e vir a fazer coisas grandiosas no futuro. Mas também isso já lá ia, acreditava que o pai lhe arruinara o futuro antes mesmo de este começar.

Avistou a pequena montra iluminada pelo piscar das lâmpadas de néon que anunciavam o nome do bar Jota. Atravessou a rua, espreitou pelo vidro da porta e reparou na mulher sentada a fumar. Ao fundo do bar, ao lado da casa de banho, viu uma máquina de tabaco. Bateu no vidro com os nós dos dedos para chamar a atenção da mulher. Ao fim de alguma insistência ela emergiu da letargia contemplativa em que parecia mergulhada e fez-lhe sinal com um gesto aborrecido para que se fosse embora. Começou a sentir-se desesperado, precisava de cigarros e não queria ir mais longe para os conseguir, por isso decidiu vencer a mulher pela persistência. Há meses que a sua única teimosia consistia em sentar-se em frente ao computador horas a fio com o intuito de alinhar as primeiras frases de um livro que nunca chegara a começar, mas a indiferença daquela mulher despertou nele uma centelha da sua obstinação natural. E Marcos podia ser muito obstinado, oh, se podia.

Em miúdo ia ao parque com o pai ao sábado de manhã. Saíam de casa e caminhavam até lá. Marcos lembrava-se de irem pela rua a conversar de assuntos importantes, como costumavam dizer. Ele queria um gelado, o pai respondia-lhe que ia pensar nisso. O pai dizia-lhe sempre para nunca desistir das coisas que pretendia, para não se conformar com um não, ensinava-o a perseguir os seus objectivos com tenacidade, forjando pacientemente no filho a sua característica mais valiosa. Chegavam ao parque e negava-lhe o gelado com que Marcos vinha a sonhar desde casa. Por vezes, obrigava-o a convencê-lo durante mais de uma hora a comprá-lo e, se Marcos desanimava

e se distraía com alguma brincadeira, no regresso a casa o pai informava-o de que só não lhe dera o gelado por ele se ter resignado com um não. Pelos vistos, pensava agora Marcos, o pai levava longe de mais a sua própria obstinação e acabara como acabara. Acabara com a carreira dele e com os sonhos do filho.

Joana destrancou a porta com gestos bruscos e impôs o próprio corpo no espaço entreaberto.

– O que é que você quer? – perguntou-lhe de rompante. – Não vê que já fechei?

– Peço desculpa – disse Marcos, impressionado com a presença dela. – Não queria incomodá-la, mas preciso desesperadamente de cigarros. Será que me pode vender?

Ela trazia uma *T-shirt* curtinha que, por força da postura assumida, de mãos levantadas à altura do rosto, segurando a porta, encostada à ombreira, revelou uma barriga lisa por cima das *jeans* sem cinto. Marcos esforçou-se para manter os olhos concentrados nos dela. Perguntou-se há quanto tempo não pensava numa mulher. Todos os dias, a todas as horas e todos os minutos, evidentemente, mas há quanto tempo não pensava *noutra* mulher? Não saberia dizê-lo. Ela é... um espectáculo, pensou, fixando os olhos castanhos que pareciam lançar-lhe chispas, as sobrancelhas finas, os lábios apertados numa linha, o nariz pequeno, bem proporcionado, o cabelo liso, castanho-claro, cortado a direito pelos ombros. Estava maravilhado e a sua indiferença à hostilidade dela não passou despercebida a Joana. Ela ponderou um instante e depois franqueou-lhe a passagem sem dizer uma palavra. Deu meia-volta nos calcanhares e avançou em direcção à máquina de tabaco. Marcos seguiu-a, sem conseguir evitar cravar os olhos no rabo dela, bem torneado nas *jeans* apertadas. Encheu o peito de ar e soltou um suspiro involuntário. Ela voltou-se e lançou-lhe um olhar de aviso.

– A máquina está ali – disse, apontando para o fundo da sala.

Marcos fez um esgar embaraçado.

– Ah, não tenho moedas. Pode trocar-me?

– Não, também não tenho troco. Hoje só me apareceram com notas.

Marcos deixou abater os ombros num gesto exagerado, como uma criança contrariada pelos golpes do destino. Tão perto e tão longe...

– Então e agora? – resmungou ela, levando uma mão à cintura. Começava a perder a paciência.

– Agora... – disse, arrastando a voz, pensativo. – Agora, você abre a máquina, tira um maço de tabaco e eu pago-lhe com uma nota. Não me dá o troco, não faz mal.

Ela fez um sorriso forçado que queria dizer mas tu és parvo ou quê?

– Não posso abrir a máquina – disse. – Não é minha, só o homem que a vem abastecer é que tem a chave.

– A sério? – espantou-se Marcos.

– A sério – confirmou ela num tom sarcástico.

Ele ficou parado a olhar em silêncio, como se não entendesse exactamente a situação, ela abriu os braços, como que a perguntar-lhe o que queria mais.

– Nesse caso – resignou-se – não há nada a fazer.

– Pois não.

Marcos agradeceu, pediu novamente desculpa pelo incómodo, dirigiu-se para a saída.

– Espere! – chamou-o de repente, debruçando-se sobre o balcão com um pé no chão e o outro no ar, esticando o braço. Marcos voltou-se, Joana fez um movimento de vaivém e ao colocar o pé esquerdo outra vez no chão trazia um maço de tabaco na mão. – Tenho aqui um de reserva, é meu, pode ficar com ele. – Atirou-lho.

Apanhou-o no ar com um movimento ágil, espantado com a generosidade impulsiva dela. Não estava à espera daquela mudança de atitude. Nem ela, para dizer a verdade.

– Não vai ficar sem cigarros? – perguntou.

– Não, tenho outro maço. Chega-me para hoje.

– Sendo assim, aceito. – Levou a mão ao bolso traseiro das calças e retirou a carteira. – Tome – disse, avançando para ela com uma nota na mão.

– Deixe estar – disse ela. – Paga-me depois.

– Nem pensar – protestou.

– Está bem – recebeu a nota da mão dele. – Passe por cá amanhã, que eu dou-lhe o troco.

– Combinado.

– A horas decentes – acrescentou, incisiva.

Marcos sorriu, assentiu com a cabeça.

– Prometo – disse, e foi-se embora.

Joana apagou as luzes da montra, agarrou na carteira, pairou um instante num pensamento à soleira da porta a perguntar-se o que raio tinha sido aquilo, o que se passara ali, sorriu com o pensamento, saiu, deu a volta à chave, foi para casa.

Marcos abriu o maço de tabaco em andamento, tirou um cigarro, prendeu-o entre aos lábios, percebeu que não trouxera o isqueiro. Não se importou, dali a pouco estaria no quarto. Levou Joana na cabeça durante todo o caminho e nessa noite adormeceu sem esperar pelo sono, sem se enredar em pensamentos penosos sobre Marta.

Acordou com a mente dissipada. Dormira oito horas seguidas e nem sequer teve a sensação habitual de ter atravessado a noite naquele estado semiadormecido, com a consciência de todos os minutos, como se estivesse apenas a levar num sono ligeiro e não verdadeiramente desligado da vida, do tormento permanente de ter sido abandonado e traído por Marta. Este não foi

o seu primeiro pensamento da manhã, não se sentou na cama, não acendeu logo um cigarro com pena de si próprio, não se sentiu um inútil, não cravou um espinho na auto-estima. A janela aberta atraiu-o para o exterior. Do alto do telhado contemplou os reflexos dos raios solares nas caixas metálicas dos aparelhos de ar condicionado no topo dos edifícios recentes, a brilharem como naves espaciais acabadas de aterrar.

Foi à faculdade, assistiu às aulas. A novidade não era a sua presença, porque nunca deixara de ir, a novidade foi ter dado atenção ao que os professores disseram. Isso sim, já não acontecia há meses. Ia porque precisava de estar perto de Marta, por não ser capaz de lhe dizer na cara a cabra que ela se revelara por baixo daquela capa de fragilidade e dedicação, por não conseguir ter-lhe um ódio peremptório, por não conceber a ideia de a *matar* dentro de si, no mais fundo do seu espírito, e seguir em frente. De qualquer modo, não havia caminho em frente desde o dia em que a Polícia Judiciária fora buscar o pai dele a casa e, nas semanas seguintes, a sua cara viera diariamente nas primeiras páginas de todos os jornais, na rádio, na televisão. Não havia futuro desde que um juiz lhe decretara a prisão preventiva por suspeita de uma lista de crimes tão vasta que dificilmente alguém conseguiria enumerar de cor. Marcos ficara em casa alguns dias, a apoiar a mãe, Marta telefonara-lhe várias vezes durante o primeiro dia e depois não dissera mais nada, nem sequer chegara a aparecer, cortara simplesmente o contacto.

No regresso à universidade, Marcos sentiu milhares de olhares cravados nas costas. Se antes era conhecido pela sua arrogância jovial, agora era o centro das atenções por ser o filho do ladrão de colarinho branco. Se antes a sua inteligência superior e pretensiosa irritava a maioria dos colegas, agora a humilhação pública confortava-lhes a alma. Marcos nunca tivera muitos amigos, nunca sentira necessidade, bastava-se a si próprio. Em contrapartida, era de uma dedicação extrema a Marta, preocupava-se com ela, iam às aulas juntos, ajudava-a nos estudos, no que fosse preciso, passavam todo o tempo livre um com o outro. Nesse dia procurou-a, desorientado. Falaram brevemente, antes da primeira aula, Marta comunicou-lhe, chorosa, que já não o amava, que não se sentia feliz na sua companhia. Uma semana mais tarde Marcos veio a saber que Marta andava a sair com um idiota que a ia buscar à faculdade num Porsche Carrera descapotável. Ainda hoje namorava com ele. De modo que, para grande tristeza sua, descobriu que andara a viver uma mentira e que a sua ex-namorada era um *cliché*.

Joana deu consigo a pensar em Marcos debruçada sobre o balcão com o queixo apoiado na palma da mão e um sorriso sonhador nos lábios. Será que ele vem buscar o troco?, perguntou-se, com uma pontinha de esperança, um brilho nos olhos. Mas depois apressou-se a afastar a ideia da cabeça, tentando convencer-se de que não lhe interessava nada se ele vinha ou não. Sentia-se feliz hoje, mas, claro, atribuí-a esse estado de espírito ao facto de ser o seu dia

de aniversário. Normalmente não gostava de fazer anos, os pais e os irmãos viviam no Canadá, o resto da família, tios e primos, nos Açores, onde ela nascera, os amigos não abundavam, como é que haveria de fazer amizades se não tinha vida social, não saía do bar? Ali sim, os clientes frequentes, as caras que se habituara a ver todos os dias, com o tempo, tinham vindo a tornar-se uma espécie de amigos. Era com eles que comentava as novidades e se ria de uma piada nova, era com ela que vinham desabafar a vida. Conhecia os dramas pessoais daquela gente tão bem como o padre da paróquia local. Quanto aos antigos amigos, esses tinham vindo com o namorado e ido igualmente quando o perdera. Melhor assim, não faziam falta nenhuma, nem sequer os considerava mais do que meros conhecidos.

Naquela época, Joana acreditava que as pessoas extraordinárias só se davam com pessoas extraordinárias, gente famosa só se misturava com gente famosa, assim como os ricos tinham o seu clube exclusivo e os anónimos remediados um clube ainda maior. Fazia sentido. Numa daquelas tardes lentas, em que parecia que o mundo parava e Joana conseguia ouvir a progressão monótona do ponteiro dos segundos do relógio daliniano que derretia na parede, entraram dois homens no bar vazio, um engravatado e o outro, mais novo, alto e atlético, vestido desportivamente. Foram sentar-se no canto mais distante da sala e puseram-se a conversar em surdina, só interrompendo o diálogo por causa das muitas chamadas que o primeiro fez com um telemóvel que não saiu da sua mão o tempo todo. Joana foi servi-los à mesa e o mais novo sorriu-lhe abertamente. Pediu uma Coca-Cola Zero e depois outra e ainda outra. Durante a hora e meia que se demoraram, Joana regressou à mesa cinco vezes para lhe servir Coca-Colas que ele emborcava como se aquilo fosse um bar no meio do deserto. Entretanto a tarde extinguiu-se e começaram a chegar os cromos do costume, todos homens, que se sentaram ao longo do balcão, espreitavam por cima do ombro para a mesa do fundo e faziam comentários entre eles, boquiabertos, espantados, entusiasmados. Joana estranhou-os, bem que era bizarro um tipo beber Coca-Cola como se estivesse numa prova do Guinness, mas também não era nada assim tão espectacular. Quando pediram a conta, o engravatado pagou-a e o outro acrescentou-lhe uma gorjeta absurda, quase tanto quanto a própria conta, e, antes de sair, quis saber o nome dela.

- Joana – disse-lhe.
- Gostei de a conhecer, Joana.
- Obrigada. Volte sempre.
- Volto, sim – afirmou com convicção.

Ao passar pelos homens no balcão, estes dirigiram-lhe sorrisos acanhados de reconhecimento e, mal ele passou a porta de saída, o bar virou uma alegre algazarra.

- O que foi? – perguntou Joana, sem perceber nada.
- Então – exclamou um deles – não vês que era o João Luís?!
- Quem é o João Luís?

– O jogador do Sporting!

– Ah, era? – disse Joana, abstendo-se de os inteirar de que não fazia ideia do que estavam a falar.

No dia seguinte, ela e os mesmos clientes do dia anterior viram na televisão, na parede oposta ao balcão, a notícia de que João Luís acabara de assinar pelo Benfica. E na manhã imediatamente a seguir a mesma notícia estava em todos os jornais. Joana reparou nisso ao passar pela banca do quiosque a caminho do bar. Entre os clientes, especulou-se que o negócio da transferência teria sido acertado ali mesmo, na mesa do fundo. O caso foi tema de conversa para uma semana inteira e, durante alguns dias, a clientela do Jota chegou a triplicar. Por mais incompreensível que o fenómeno fosse para Joana, à medida que a notícia se ia espalhando, as pessoas do bairro queriam vir ver o lugar onde o novo jogador do Benfica negociara o contrato – admitindo que o negociara realmente ali, coisa que estava por provar, embora fosse já uma verdade insofismável para aquela gente. As pessoas vinham ver, mas não havia nada para ver, evidentemente. De qualquer modo, por aqueles dias, todas as noites no bar pareciam noites de sábado e, de repente, Joana, que nunca soubera da existência de João Luís, só ouvia falar dele para onde quer que se voltasse.

João Luís cumpriu a promessa de voltar ao bar. Apareceu a meio da tarde de um dia qualquer, quando ninguém o esperava e já começava a ser esquecido a favor de outras incidências da vida. Joana matava o tempo absorta num jornal da véspera deixado por alguém, e ao aperceber-se de movimento levantou os olhos e lá estava ele, a notícia da televisão em carne e osso. Não ficou nervosa, mas não esperava e sentiu-se confusa. Por momentos, teve um pensamento disparatado: ter-se-á esquecido de alguma coisa?, como se João Luís tivesse acabado de sair e regressado passados alguns minutos.

– Olá, Joana – cumprimentou-a.

– Olá, João Luís – cumprimentou-o também, dizendo o nome dele só para não lhe ficar atrás. Não soube bem porque reagiu assim, pois compreendeu que ele disse o dela por simpatia, para lhe mostrar que não se tinha esquecido, mas teve algo a ver com ele ser um tipo famoso e o seu instinto lhe dizer que lhe devia mostrar que ali, no seu bar, não era mais do que ela. Enfim, qualquer coisa do género.

Enquanto ele se acomodava num banco alto à frente de Joana, ela abriu a arca frigorífica sem esperar pelo pedido.

– Sai uma Coca-Cola Zero – anunciou em tom brincalhão.

Ele soltou uma risada curta.

– Hoje é só uma – avisou.

– Só uma? – disse ela, fingindo-se espantada.

– Só uma. Só pedi aquelas todas, no outro dia, para falar mais vezes contigo – confessou.

Joana lançou-lhe um leve olhar de censura, pelo atrevimento. Não fez qualquer comentário, mas sentiu-se lisonjeada. Colocou um copo alto em

cima do tampo à sua frente, abriu novamente a arca e tirou de lá gelo numa pá, deitou-o no copo, apanhou um limão, uma faca, cortou uma rodela, fez-lhe um corte horizontal, entalou-a na borda do copo, abriu a lata, encheu o copo quase até acima. Tudo com gestos rápidos e em silêncio, sob o olhar atento de João Luís e a pensar ah, já somos amigos, já nos tratamos por tu.

Colocou uma base e o copo à frente dele e disse,

– Então, parece que és um tipo famoso e eu nem sabia.

O seu rosto pasmado abriu-se num sorriso radioso e ele pensou que ela era maravilhosamente desconcertante.

Marcos não sabia que Joana fazia anos, como poderia, se a conhecia há menos de vinte e quatro horas? Jantara sozinho no restaurante barato que ficava a vinte passos do prédio dele, na mesa do costume, a omeleta de gambas do costume. O empregado, que ele tratava pelo nome próprio, trouxe-lhe a sua garrafa de vinho tinto meio cheia e tapada com a rolha enfiada pela metade. Fumou um cigarro com o café, a pensar em Joana. Já decidira que a iria ver a seguir.

O efeito que ela tivera sobre ele fora surpreendente, hoje Marcos sentia-se leve e entusiasmado e nem sequer tinha uma boa explicação para isso. Vivia isolado há meses, por vergonha alheia, desencantado. A detenção do pai, a tristeza da mãe, o abandono a que os amigos da família os haviam votado, a traição de Marta, tudo isso o destroçara. O pai fora libertado ao fim de três meses, mas continuava envolvido num enredo jurídico que o perseguiria até ao fim da vida. Quando os visitava, encontrava a mãe a definhar na sala em frente à televisão, um fantasma fazendo um esforço para aparentar normalidade, mas o sorriso era pálido e a voz era fraca, morria-lhe na garganta, sumia-se no fim das frases, deixando as ideias em suspenso, como se se esquecesse do que queria dizer. Também ela não saía de casa. Sempre fora uma personalidade forte, alegre, desinibida, uma conversadora inesgotável, Marcos recordava-a assim e doía-lhe ver o quanto envelhecera no último ano. Já o pai, padecia da obsessão de esclarecer o assunto a tempo de ir para a cova com o nome limpo. Nada mais lhe interessava. Era ele contra o mundo. Enclausurado no escritório contíguo à sala, embora mantendo a dignidade de um fato e gravata, barbeado e perfumado, rodeava-se de papéis e consumia os dias mergulhado no processo que lhe custara a carreira e a honra, desconsolado com o apressado julgamento público, que metia tudo no mesmo saco, o que fizera de bom e de mau numa vida inteira de sucesso. Marcos pouco falava com ele, a sua relação esfriara e comunicavam por monossílabos, talvez por sentirem que não havia nada para dizer. O pai, porque ainda não tinha a absolvição de que carecia para demonstrar ao filho a injustiça de que era vítima; o filho, porque não conseguia deixar de o culpar pela vergonha que sentia, pela namorada perdida e pela sua própria carreira, que, tinha a certeza, só não seria brilhante por causa do apelido manchado. De

todos os modos, o mal estava feito, pensava ele, até porque no final, fosse qual fosse o veredicto, as pessoas haveriam de pensar sempre que o pai se safara por ser rico e poderoso.

No momento certo, quando já estava toda a gente presente, os clientes revelaram a conspiração feliz que andaram a tramar durante o dia inteiro sem que Joana suspeitasse. Bem que a casa estava invulgarmente cheia para um dia de semana, mas ela não associou a lotação esgotada ao seu aniversário, até porque não contara a ninguém e confiava que chegaria ao fim do dia com o segredo bem guardado. Num movimento coordenado, ergueram-se todos os sentados e, com os restantes, viraram-se para Joana a cantar os parabéns a você. Ao mesmo tempo, alguém apagou as luzes e um bolo surpresa abriu alas entre os presentes, iluminando pobremente a sala com vinte e cinco velas pequenas, e foi levado até ela.

Tão espantado quanto Joana ficou Marcos, que entrou pelo bar às escuras, a meio do coro, e ali permaneceu em pé, de mãos enterradas nos bolsos, atrás da turba alegre, extasiado com o rosto enfiado de Joana, pendente de um sorriso embaraçado ao lusco-fusco do tremeluzir das velas. Ela viu-o no meio da sala entre as pessoas, quando as luzes se acenderam, logo depois de apagar as velas. Surpreendeu-o concentrado nela e, sem pensar nas consequências do seu pensamento, ocorreu-lhe que era ele quem desejava no seu dia de anos. Lançou-lhe um sorriso, Marcos devolveu-lhe o reconhecimento com um aceno de cabeça, também a sorrir. Joana desviou a atenção para as pessoas que a rodearam e foram, à vez, dar-lhe um beijo, um abraço de parabéns. Em seguida passou para trás do balcão, pôs a música a tocar bem alto, agitou com força a corda do sino das *happy hours* e anunciou alegremente que as bebidas eram por conta da casa.

Marcos encostou-se ao balcão, no canto mais perto da porta, a vê-la dispor uma fila interminável de pequenos copos e enchê-los com duas garrafas, uma na mão direita, que esvaziou sem a levantar ao longo do balcão, e a outra na esquerda, que esvaziou nos mesmos copos, percorrendo a fila ao contrário. Seriam pelo menos trinta copos, Joana tirou um para si e foi oferecer outro a Marcos. Um shot, disse, ao entregar-lhe o copo. Parabéns, respondeu ele. Joana piscou-lhe o olho, sorridente, à laia de agradecimento. Foi para o centro do balcão e, qual maestrina daquela festa inesperada, ergueu o seu copo, levando a sala a imitá-la e, de uma só vez, todos beberam até à última gota.

– O meu ex-namorado – comentou Joana – entrou um dia por aquela porta adentro sem eu imaginar quem é que ele era. Foi a primeira vez que o vi.

– Foi?

– Foi.

Marcos reflectiu um pouco sobre aquela inusitada declaração e depois perguntou-lhe,

– E porque é que me estás a contar isso?

Ela encolheu os ombros.

– Por nada – respondeu, casualmente.

– Ah... – reagiu ele, de sobrelance erguida.

Estavam sentados frente a frente com uma mesa de perneiro, cada um com a sua garrafa de cerveja na mão, que bebiam displicentemente. Eram quase duas da manhã e os últimos resquícios da festa haviam desaparecido com a partida de todos, menos Marcos.

– Lembrei-me agora disso – justificou-se, dando a entender que não passava de uma informação fútil e, de facto, talvez não tivesse cabimento naquela conversa, quando, na verdade, sabia exactamente porque lhe ocorrera tal pensamento. Não fosse ter-se sentido instantaneamente atraída por Marcos e tê-lo-ia posto a andar com o resto da festa, porque se com o outro lhe tinha corrido tão mal, pareceu-lhe um mau presságio começar com este nas mesmas circunstâncias.

– E o que é que aconteceu? – perguntou Marcos.

Então ela contou-lhe como se apaixonara pelo homem errado, que no início parecia perfeito mas depois se revelou um animal sem nome. Era egoísta, caprichoso e massacrava-a com os seus ataques de ciúmes desmesurados, embora não se eximisse de a trair com todas as mulheres que lhe caíam no colo sem esforço, só por ser quem era, e, se calhava, também com as putas que vinham com as noitadas de rapazes. Quis levá-la para a sua vida, mas não aceitou a vida dela. Joana, avessa ao futebol e às multidões que o desporto envolvia, viu-se a assistir, domingo sim domingo não, aos jogos em casa, com o estádio cheio e arrebatado pela paixão dos adeptos. Na primeira vez achou aquilo tudo uma novidade, uma festa extraordinária, um ambiente fabuloso, que só conhecia de ver na televisão e que agora experimentava ao vivo. Só que, como tudo o que se repete, perdeu a novidade, tornou-se uma rotina aborrecida, uma obrigação. Em breve, a presença de Joana na bancada das famílias dos jogadores deixou de passar despercebida e ela começou a ser interpelada por jornalistas, a ser fotografada e a ver-se nas páginas das revistas. Lá no bairro não lhe falavam de outra coisa e bastou uma publicação chamar a atenção para a nova namorada de João Luís para começarem também a vir pedir-lhe autógrafos. A sua costela açoriana era alérgica a jornalistas em geral e aos de revistas cor-de-rosa em particular, de modo que proibiu a entrada de repórteres no bar e nunca mais foi ao estádio.

João Luís vivia numa moradia de dois pisos com divisões de sobra para um homem só, um salão de jogos impressionante e uma piscina para onde gostava de convidar os amigos, quase todos colegas da equipa, as suas mulheres e os filhos. Joana sentia-se deslocada e, sempre que podia, fugia dali com a desculpa de que tinha de trabalhar. O embarço dela pelas coisas dele deixava-o perplexo. O futebol resgatara-o, e à família, de uma pobreza a roçar a indigência, de modo que não compreendia como Joana não se sentia agradecida e aproveitava tudo o que ele lhe podia proporcionar. E ela, que

tinha as bases bem assentes na classe média e a quem nunca faltara nada, confundia o ressentimento dele com o orgulho ferido de macho dominador. Joana não se deixava dominar, nunca o permitira, fora a única da família que seguira o seu caminho sozinha quando os pais e os irmãos tinham embarcado para o Canadá. Em consequência deste equívoco, João Luís foi-se tornando mais frio e indiferente, até chegarem ao ponto de só reconhecerem um enorme vazio entre eles.

Ele foi ter com ela ao bar ao fim da tarde porque tinham combinado jantar. Joana aceitara a sugestão de fechar a porta duas horas. Não que o jantar a entusiasmasse, mas porque decidira finalmente ter uma conversa terminante com João Luís e o convite pareceu-lhe apropriado para acabar bem o que havia começado mal. Contudo, desentenderam-se ainda antes do jantar por causa de uma jarra de flores.

– O que é isto? – interrogou-a João Luís, apontando com um dedo inquisidor para a jarra em cima do balcão. Nem olá lhe dissera.

– São rosas – respondeu Joana, irritada com a atitude dele.

– Isso vejo eu – replicou. – Quem tas deu?

– O Mário da garagem.

O Mário, da garagem no outro lado da rua, era o mecânico que lhe arranjava o carro sempre que Joana se via em apuros. Solteiro sem emenda, dizia sempre a Joana que só casaria um dia se fosse com ela. Tinha-lhe uma paixão respeitosa e nunca lhe permitira que lhe pagasse um conserto, apesar de o motor do carro de Joana ser um cancro pegado e passar a vida na garagem. Mário arranjava-o com gosto e, para o compensar, Joana também não o deixava pagar as cervejas que bebia todos os dias depois do trabalho. Uma vez por semana, Mário trazia-lhe um ramo de rosas, para alegrar o seu balcão, menina, dizia, embaraçado. Não devia, senhor Mário, reclamava Joana, ciente de que as rosas eram caras, mas aceitava-as por saber que ele se sentiria ofendido.

– A que propósito é que o Mário da garagem te oferece flores? – questionou João Luís, com maus modos.

– Olha, porque está apaixonado por mim – retorquiu Joana, enfurecida com o tom dele.

– Ah, sim? Deixa estar, que já o ponho na ordem.

E, dito isto, arrancou o ramo de rosas do jarro, saiu porta fora, atravessou a rua e entrou pela garagem para se travar de razões com o Mário. A conversa deu para o torto, João Luís esmurrou o mecânico e este deu-lhe com uma chave de fendas no joelho.

Joana calou-se, deixando Marcos em suspenso. Apanhou o maço de tabaco em cima da mesa, tirou um cigarro, acendeu-o.

– E então? – Marcos abriu os braços, como quem pergunta e o resto?

Joana inspirou o fumo, soltou-o lentamente para o ar.

– Então – disse –, o Mário nunca mais me trouxe flores e o João Luís nunca mais jogou futebol.

Marcos coçou a nuca, pouco à vontade perante o súbito silêncio introspectivo de Joana, estendeu a mão para o maço e acendeu um cigarro para ganhar tempo. Ela, incomodada, perguntou-se por que raio lhe estava a contar aquilo tudo, se mal o conhecia. O caso dera que falar nos jornais, mas, na época, Marcos andava demasiado ocupado com o seu próprio drama familiar e não soubera de nada.

Fumaram em silêncio alguns segundos, Joana limpou com o dedo uma lágrima inoportuna que lhe aflorou ao olho, pigarreou.

– Não precisas de ficar com essa cara de enterro – disse, com um sorriso forçado. – É só uma história do passado.

Mas ele compreendeu que a história a perseguia. De facto, Joana sentia-se responsável por não se ter contido e ter exacerbado deliberadamente a fúria de João Luís, sabendo que ele reagiria mal, perderia as estribeiras. Não previra uma reacção tão violenta e um desfecho tão dramático, mas, evidentemente, isso não a livrava do sentimento de culpa que lhe assombrava a alma.

Marcos sorriu com ela, sem vontade, deixou morrer o sorriso, a ponderar a história de Joana, ou melhor, a ponderar porque lhe contara a história.

– Não tiveste mais ninguém depois dele?

– Não.

– E estás a pensar se eu não serei outro erro?

– Talvez...

Fizeram nova pausa na conversa, deixando correr o silêncio, apagaram à vez os cigarros no cinzeiro.

Marcos conseguia ser irritantemente arrogante e aparentar uma segurança desconcertante numa sala de aulas enquanto respondia a uma pergunta do professor ou apresentava um trabalho. Estudava economia e, apesar das suas dúvidas recentes, tinha escrito na testa que a sua invulgar inteligência o levaria longe. Mas quando se tratava da vida social, ou das questões amorosas, Marcos só podia disfarçar a sua falta de jeito com a brusquidão dos comentários, sempre certos, mas nem sempre apropriados e, frequentemente, inconvenientes. Ou então calava-se.

– E tu – perguntou Joana –, tens alguma história sórdida?

Ele encolheu os ombros, abanou a cabeça, disse que não.

– Nada de especial.

O que Joana não perdoou foi Marcos ter-lhe mentido, ter-lhe escondido durante meses o que o país inteiro sabia! Gritou com ele, quando lhe disse isto. Marcos tentou justificar-se, o assunto era com o pai dele, não com ele e, enfim, o país inteiro não sabia quem ele era. Joana fuzilou-o com os olhos, estupefacta. Vai à merda!, exclamou. Não pensaste, por acaso, que era um assunto demasiado importante para me contares?

Marcos queria contar-lhe, a sua intenção era despachar o assunto e esquecê-lo, tanto quanto era possível esquecer algo que lhe afectara, e

continuava a afectar, sobremaneira, a vida. Mas mentira-lhe quando Joana lhe perguntara se tinha alguma história sórdida e depois foi adiando por nunca lhe parecer o momento apropriado. Apaixonou-se por ela e recebeu que Joana não aguentasse mais um escândalo público na sua vida. Aqueles três meses passaram num ápice, divididos entre a universidade, o estudo intensivo para recuperar o tempo perdido, e Joana. Marcos ia ter com ela ao bar e ajudava-a nas últimas arrumações. Fechavam a porta a correr e amavam-se onde quer que a urgência de se terem ou o simples roçar dos seus corpos no espaço apertado lhes despertasse os sentidos e os levasse a caírem nos braços um do outro e a embrulharem-se numa alegre confusão, na atrapalhão da roupa, abaixados atrás do balcão ou apoiados na máquina de lavar loiça na copa. Passavam a noite em casa dela, adormeciam abraçados na sua cama estreita de solteira, que nunca chegara a trocar por lhe parecer sempre que não tinha assim tantos amores que justificassem o esforço. Por vezes, escolhiam o quarto de Marcos, Joana adorava-o pelo ar colegial e pelo varandim que lhes permitia ver a Lua e um quadro tremeluzente das luzes da cidade por cima dos telhados. A vida parecia fluir num quotidiano fácil, marcado por uma rotina feliz, e Marcos quase se esqueceu das aflições recentes que o tinham levado à beira do esgotamento.

Foi por acaso que Joana descobriu. Numa noite ociosa em casa, frente ao computador, ocorreu-lhe introduzir o nome dele num motor de busca. Saltou-lhe à vista uma referência a Marcos numa notícia sobre o pai dele. Fez nova busca, agora sobre o escândalo da detenção, e apareceu no ecrã uma lista interminável de notícias. Estupefacta, Joana leu umas a seguir às outras, até perceber que se estava a repetir. Conhecia vagamente o caso, da época em que enchera páginas de jornais, mas não lhe passara pela cabeça que pudesse ter qualquer relação com ele. Imprimiu a notícia que nomeava Marcos e foi deitar-se com o estômago às voltas, enjoada, com a terrível sensação de ter sido enganada e de não conhecer realmente o namorado.

De manhã, sem ter chegado a dormir, vestiu uma roupa qualquer e foi acordá-lo. Marcos abriu estremunhado a porta do quarto e ela estendeu-lhe o papel ultrajante que lhe trazia um sabor amargo na boca, uma indignação incontida na alma.

– Não quero voltar a ver-te nunca mais – declarou. Saiu do quarto e regressou a casa.

Marcos esperou que Joana se acalmasse e falou com ela à noite, no bar, mas no decorrer da conversa compreendeu que se havia partido o elo da confiança, a magia do amor incondicional. Joana sentia-se traída e desiludida, pensava que ele não era a pessoa que sempre acreditara que fosse, perguntava-se que outras mentiras lhe teria contado, a que subterfúgios mais teria recorrido Marcos para se esquivar à verdade. Pensou, enfim, que sem confiança não havia amor.

Os Invernos em Londres pareciam perpétuos. A chuva, o frio, os dias cinzentos e as noites que caíam sem que o Sol chegasse a despontar podiam tornar-se deprimentes, mas Marcos habituou-se depressa. Adorava viver em Inglaterra, ali podia respirar, sentia-se livre, longe dos escândalos do pai e da sua quimera legal, da decadência física e psicológica da mãe, das namoradas que o abandonavam como se a companhia dele pudesse conduzi-las a uma fatalidade. Decidira prosseguir os estudos em Inglaterra após ter concluído a licenciatura. Valera-se das notas extraordinárias que arrancara no final do curso para conseguir uma bolsa em Cambridge, onde o seu génio se evidenciou, e, no final, teve de enfrentar o raro dilema da escolha entre um convite para ficar a leccionar na própria universidade ou aceitar uma das diversas solicitações de empresas interessadas em contratá-lo. Escolheu a segunda hipótese e foi trabalhar para um banco.

Por vezes lembrava-se de Joana, mas afastava logo a recordação por lhe ser penosa. Joana não o aceitara de volta e Marcos, sentido, levou a mal a rejeição porque não entendeu que fosse por falta de amor e sim por despeito, e não compreendeu a incapacidade dela para ultrapassar a situação. Separaram-se, deixaram de se falar, não voltaram a ver-se, até que um dia, numa quarta-feira do mês seguinte, Marcos passou em frente ao bar e encontrou-o encerrado. Na quinta-feira voltou ao bar e continuava fechado. Pensou que Joana estivesse doente. Preocupado, foi bater-lhe à porta de casa. Não obteve resposta, mas cruzou-se com uma vizinha que lhe disse a menina Joana está para o Canadá. Nesse dia foi jantar ao restaurante de sempre, mas mal tocou na comida, em contrapartida bebeu duas garrafas de vinho. Adormeceu vestido em cima da cama, com a cabeça à roda e uma perplexidade na alma: Como era possível que Joana tivesse partido sem se despedir? Acordou com os primeiros raios de sol e uma revolta no estômago. Só teve tempo de agarrar no balde de papéis e vomitar de um jorro os despojos pestilentos do desgosto afogado em álcool na véspera. Sentado no chão com as pernas estendidas e o balde no meio delas, lívido, Marcos respirou fundo enquanto revia lentamente a noite anterior. Apeteceu-lhe chorar, mas não o fez, recordou-se de como terminara a sua relação com Marta e prometeu a si próprio que não iria sujeitar-se novamente a semelhante tormento.

Passaram-se dois meses, Joana não regressou. Então, Marcos já se decidira por Inglaterra. Fez as malas, entregou a chave do quarto ao senhorio e foi-se definitivamente embora. Antes, porém, passou no bar e fez deslizar um envelope por baixo da porta. Lá dentro tinha um cartão que lhe escreveu num remate de mágoa.

Sentada no avião, por cima do Atlântico, com um nó na garganta e os olhos marejados de angústia, Joana tomou consciência de repente que partira tão depressa que, no sufoco da urgência, se esquecera de lavar a loiça do jantar da noite anterior. Nem sequer fechara as torneiras da água e do gás.

Quando a irmã lhe telefonou a avisá-la de que o pai corria risco de vida no hospital, Joana, desorientada, disse com prontidão, eu vou já para aí, como se o Ontário fosse ali no outro lado da rua. Abriu uma mala, atirou alguma roupa para o interior, chamou um táxi, foi para o aeroporto tentar a sorte com um bilhete de última hora. Esperou quinze horas. Mesmo assim, não conseguiu dormir no avião. O pai sofrera um acidente vascular cerebral, Joana receava não chegar a tempo de o rever ainda com vida. Não estava com a família há quase dois anos, visitara-os no Natal antes de conhecer João Luís, mas falava ao telefone com os pais todas as semanas e, ocasionalmente, com os irmãos. Embora longe, mantinha o contacto, inteirava-se da vida deles, contava-lhes a sua. Agora, porém, o medo de perder o pai trouxe-lhe uma saudade insuspeita. Durante a viagem, teve estranhos relâmpagos de uma infância feliz na Terceira, veio-lhe à memória a imagem do trajecto para a escola que fazia todos os dias a pé com o pai. Ele guardava a sua mão pequenina na dele e ela caminhava aos pulinhos para conseguir acompanhar o seu passo gigante. Não se lembrava disto há anos, e no entanto a imagem persistiu até aterrar em Toronto. Apanhou um táxi directa para o General Hospital e ali reencontrou a família.

O pai sobreviveu com algumas mazelas. Passou meses em recuperação, e Joana, que viera por alguns dias, recusou-se a partir, ficou para ajudar. Dois meses depois de chegar, o pai estava novamente em casa, voltaram a poder respirar, a retomar lentamente as suas rotinas. Nesse período, Joana ocupara-se da pastelaria dos pais, que empregava quinze pessoas e servia centenas de clientes. E, como a mãe tinha de continuar em casa para acompanhar o pai, Joana foi ficando a gerir o negócio.

Nunca se esqueceu de Marcos, lembrava-se dele a propósito das mais inusitadas razões, em diferentes ocasiões do dia, uma palavra que ouvia, uma pessoa parecida, uma música que tinham escutado. Agora o motivo da sua zanga já não lhe parecia tão ultrajante, tão incontornável, o tempo, e talvez a doença do pai, levam-na a ter uma perspectiva mais benévola, a ser mais tolerante com Marcos. Tinha saudades dele. Enviou-lhe uma mensagem escrita a explicar-lhe porque partira sem avisar e esperou uma resposta que não veio. Pensou que, ao ler a mensagem, Marcos lhe telefonaria imediatamente, mas ele nunca lhe disse nada e ela não insistiu. Sentiu-se indignada, sem perceber como ele era capaz de a ignorar num momento daqueles, sem uma palavra, uma atenção, um cuidado. Admitiu a si própria que fora longe de mais, que o rejeitara sem uma oportunidade de redenção, pensou que Marcos lhe pagava agora na mesma moeda. Foi então que desistiu de o procurar, de se conciliar, por orgulho ou fraqueza de espírito, não interessava, um dia, mais tarde, haveria de se penalizar num pranto por ter fechado a porta a um futuro com Marcos com um pensamento definitivo: Assunto encerrado.

Marcos casou com uma colega inglesa um ano e meio depois de ter começado a trabalhar no banco. Gostava dela, pareceu-lhe o mais correcto a fazer. Não queria voltar a Portugal e, para ela, o drama do pai dele era algo distante como um filme que tivesse visto algures. Marcos contou-lhe tudo oportunamente e nunca mais tocou no assunto. Ele não falava, ela não perguntava. Recebia periodicamente a visita da mãe, que ficava no quarto de hóspedes, o mesmo que haveria de ser remodelado para receber um bebé. Já falavam em ter o primeiro filho, faziam planos para depois de uma promoção prometida. Marcos sentia-se bem com a mulher, era um homem feliz sem os desmandos dos amores indeléveis, o transtorno dos sentimentos apaixonados, apreciava a vida tranquila em família. Dedicava-se ao trabalho com um entusiasmo genuíno e, ao fim do dia, tomava o comboio com a mulher e regressavam a casa juntos.

Marcos não chegara a receber a mensagem de Joana. Já em Londres, cancelara o cartão do telemóvel português e comprara um cartão local. De modo que nunca mais soube nada dela.

Joana voltou a Lisboa um ano depois de ter partido à pressa. Era sábado e ela decidiu empregar o fim-de-semana a limpar o apartamento. Reservou a segunda-feira para fazer limpezas no bar e reabrir na terça-feira. Empurrou a porta, empenada e obstruída por um monte de cartas. Recolheu os envelopes, depositou-os em cima do balcão, olhou em redor com as mãos na cintura, suspirou agradada por estar em casa. Deu uma volta por trás do balcão, pela copa, confirmando que estava tudo sujo, mas nada que não se resolvesse com um pano do pó, um balde e uma esfregona. Regressou à sala, passou os olhos pelas cartas, deu-lhes uma ordem, descobriu o envelope que Marcos lhe deixara a caminho do aeroporto, abriu-o. Num primeiro instante não quis atribuir grande importância às palavras que leu, encolheu os ombros como se já não lhe interessasse. Pôs o cartão de lado, deu atenção ao resto da correspondência, começou a abrir as outras cartas, mas, enquanto o fazia, foi assaltada por uma evidência que recusara durante muito tempo, um pensamento que atirara para trás das costas: amava Marcos e estragara tudo, perdera-o. Uma enorme tristeza apanhou-a de surpresa, trespassou-lhe o coração e as lágrimas afloraram-lhe aos olhos. Largou a carta que tinha na mão, agarrou no cartão de Marcos, virou-se de costas para o balcão, deixou-se escorregar até ao chão, onde se abandonou a um pranto inconsolável com o cartão preso entre os dedos trémulos, lendo vezes sem conta a derradeira frase que ele lhe deixou: Não te menti por despeito, foi por medo de te perder.